



Maria João Pinho Pereira
**A Infância no Bairro do Lagarteiro: Modos
de Ser Criança em Territórios de Exclusão**

UMinho|2011

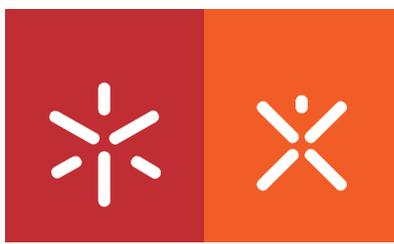


Universidade do Minho
Instituto de Educação

Maria João Pinho Pereira

**A Infância no Bairro do Lagarteiro: Modos
de Ser Criança em Territórios de Exclusão**

Abril de 2011



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Maria João Pinho Pereira

A Infância no Bairro do Lagarteiro: Modos de Ser Criança em Territórios de Exclusão

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Sociologia da Infância

Trabalho realizado sob a orientação da
Doutora Natália Fernandes

Abril de 2011

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

A Infância no Bairro do Lagarteiro: Modos de Ser Criança em Territórios de Exclusão



Foto nº1

Pormenor de um mural no Bairro do Lagarteiro (Maria João Pereira, 2010)

Fui mostrar a minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei-lhes se o meu desenho lhes metia medo.

As pessoas grandes responderam: “Como é que um chapéu pode meter medo?”

O meu desenho não era um chapéu. O meu desenho era uma jibóia a digerir um elefante.

Para as pessoas grandes conseguirem perceber, porque as pessoas grandes estão sempre a precisar de explicações, fui desenhar a parte de dentro de uma jibóia.

Antoine de Saint Exupéry (1958)

Dedicatória

Ao João Paulo,

À minha família,

Às crianças que fazem/fizeram parte da minha vida e às que virão um dia.

Agradecimentos

A todas as crianças que me alegraram os dias e participaram na realização deste estudo. Sem elas nada teria sido possível.

Ao Bairro do Lagarteiro, que tão bem me acolheu, fazendo-me sentir em casa.

A todas as pessoas que, directa ou indirectamente, fizeram parte deste processo. O meu sincero agradecimento.

À Natália, que sempre acreditou e nunca desistiu. Pela sua serenidade e disponibilidade nos momentos em que mais precisei. Por vezes, a palavra certa vale mais do que uma imensa bibliografia...

A Infância no Bairro do Lagarteiro: Modos de Ser Criança em Territórios de Exclusão

Resumo

O presente estudo teve como principal objectivo conhecer as representações da infância no Bairro do Lagarteiro.

Partindo dos pressupostos da Sociologia da Infância, e com o contributo da Sociologia Urbana, propusemo-nos conhecer como as crianças vivem e sentem os territórios que habitam, que representações fazem e o que podemos acrescentar ao debate sobre os modos de vida da infância nestes lugares.

Cenário de sentidos e experiências, o Bairro merece uma observação, atenta e distanciada, que desperte consciências e seja um ponto de partida para a descoberta do que nunca pareceu ser novo ou interessante e do que precisa ser mudado. A aprendizagem do olhar acontece pela mão de um grupo de 10 crianças, com idades compreendidas entre os 9 e os 15 anos, que nos apresenta o Bairro através dos seus olhos. O retrato é traçado por elas, que ali vivem e convivem praticamente todos os dias, praticamente todas as horas.

A este propósito e com esta finalidade foram levantadas diversas questões: o que pensam as crianças do bairro onde vivem? Como experimentam a infância neste território? Quais os espaços que lhes pertencem e como deles se apropriam? O que existe para além daquele lugar? Que relações estabelecem dentro e fora do Bairro? Que representações atribuem às vivências para além do Bairro? Que constrangimentos encontram no quotidiano? O que poderia ser melhor ou, pelo menos, diferente?...

Ainda que este estudo não pretenda ser representativo, podem ser tiradas algumas conclusões. A esmagadora maioria das crianças que participaram nesta investigação aprecia e valoriza a vida no Bairro, que é encarado como um lugar bonito e, sobretudo, *fixe*. Não obstante, apontam uma lista de problemáticas perante as quais expõem possíveis soluções, revelando competências de participação e, maioritariamente, de acção.

A infância no Bairro do Lagarteiro é vivida de forma descontraída e intensa, ocupando praticamente todos os espaços daquele território, através das descontraídas brincadeiras que acontecem na rua e se fazem acompanhar, sempre, pelos amigos.

Palavras-Chave: Bairro. Crianças. Exclusão. Infância. Participação.

The Childhood in the Neighborhood of Lagarteiro: Ways of Being a Child in Territories of Exclusion

Abstract

This study's main objective was to know the representations of childhood in the neighborhood of Lagarteiro.

Based on the assumptions/premises of childhood sociology, and with the contribution of urban sociology, we aimed to see how children live and feel the territories they live in, and what representations they do and what we can add to the debate about the lifestyles of children in these places.

Location of senses and experiences, the neighborhood deserves an observation, careful and distanced, that can awaken consciences and be a starting point for the discovery of what appeared to be new or interesting and what needs to be changed. The learning happens with the involvement of a group of 10 children, aged 9 to 15 years, that presents us the quarter through their eyes. The portrait is drawn by them that live and play there almost every day, almost every hour.

In this regard and with this purpose several questions have been raised: what children think of the neighborhood where they live? How do they experience childhood in this area? What spaces belong to them and how they got hold of them? What exists beyond this place? What relationships they establish within and outside of their neighborhood? What representations they ascribe to experiences beyond the neighborhood? What constraints they find in everyday life? What could be better or at least different? ...

Although this study did not intend to be representative, some conclusions can be drawn. The overwhelming majority of children who participated in this investigation appreciates and values the life in the neighborhood, which is seen as a beautiful and, above all, a cool place. Nevertheless, they point a list of issues against which propose possible solutions, showing skills of participation and, mostly, of action.

The childhood in the neighborhood of Lagarteiro is experienced in a relaxed and intense way, covering virtually all areas of that territory through the casual games that happen on the street and are accompanied always by their friends.

Keywords: Neighborhood. Children. Exclusion. Childhood. Participation.

Índice

Dedicatória	iii
Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Índice	vii
Índice de Desenhos	ix
Índice de Imagens	x
Índice de Quadros	xi
Introdução: Finalidade e Contexto da Investigação	1
Capítulo I – Interloquções teóricas entre a Sociologia Urbana e a Sociologia da Infância	5
1. Bairro Social: Representações, Práticas e Relações	5
1.1. Os Bairros Sociais no Porto: Origens e Motivações	11
1.2. Bairros Sociais e Segregação	14
2. Espaço da Infância num Bairro Social	17
2.1. A Ocupação dos Espaços no Bairro	22
Capítulo II – Metodologias e Actores na Investigação	33
1. Enquadramento Metodológico	33
1.1. O Paradigma Qualitativo e a Investigação Participativa	35
1.2. Contextualização do Espaço e dos seus Actores	40
1.2.1. O Bairro do Lagarteiro	40
1.2.2. Iniciativa Operações de Qualificação e Reinserção Urbana de Bairros Críticos	45
1.2.3. A EB1/JI do Lagarteiro	50
1.2.4. O Clube de Jornalismo	53
1.2.5. Os Sujeitos	56
1.3. Roteiro do Percurso da Investigação	64
Capítulo III – Modos de Ser Criança no Bairro do Lagarteiro a Partir das Suas Vozes	67
1. Um Primeiro Olhar com as Crianças sobre o Bairro do Lagarteiro	67
1.1. O Meu Bairro Não Faz Parte da Cidade	74
1.2. Rotinas e Vivências de Bairro	76

1.3. Rotinas para Além do Bairro	81
2. Os Espaços/Arenas do Bairro do Lagarteiro	89
2.1. A Escola ou o Epicentro do Bairro?	101
2.2. O Meu Bairro em Grafites	106
3. Os Actores do Bairro do Lagarteiro	109
4. As Ambiguidades das Relações das Crianças no Lagarteiro: Entre Preocupações, Tensões ou Talvez Não...	122
4.1. “A Droga e os Drogados”	126
4.2. Diferenças Étnicas e as suas Implicações nas Relações entre as Crianças	131
4.3. Quem Tem Medo de Correr Riscos?	135
5. É Diferente Ser Criança... no Bairro do Lagarteiro?	142
5.1. Brincadeiras de Bairro	152
Considerações Finais	161
Referências Bibliográficas	166
Anexos	174
Anexo I – Protocolos de Colaboração	175
Anexo II – Quando IV – Categorias e Subcategorias de Análise	180

Índice de Desenhos

Fig. 1	5
Fig. 2	11
Fig. 3	17
Fig. 4	22
Fig. 5	68
Fig. 6	69
Fig. 7	72
Fig. 8	78
Fig. 9	88
Fig. 10	91
Fig. 11	93
Fig. 12	94
Fig. 13	95
Fig. 14	95
Fig. 15	98
Fig. 16	101
Fig. 17	102
Fig. 18	116
Fig. 19	122
Fig. 20	126
Fig. 21	134
Fig. 22	137
Fig. 23	138
Fig. 24	142
Fig. 25	146
Fig. 26	152
Fig. 27	154

Índice de Imagens

Foto nº1	i
Foto nº2	14
Foto nº3	40
Foto nº4	42
Foto nº5	43
Foto nº6	43
Foto nº7	45
Foto nº8	50
Foto nº9	53
Foto nº10	54
Foto nº11	67
Foto nº12	80
Foto nº13	85
Foto nº14	86
Foto nº15	90
Foto nº16	99
Foto nº17	102
Foto nº18	103
Foto nº19	104
Foto nº20	105
Foto nº21	106
Foto nº22	107
Foto nº23	108
Foto nº24	110
Foto nº25	112
Foto nº26	114
Foto nº27	117
Foto nº28	120
Foto nº29	125
Foto nº30	140

Índice de Quadros

Quadro I – Problemáticas na Freguesia de Campanhã	18
Quadro II – Programa de Intervenção do Lagarteiro para o Período 2008/2013	48
Quadro III – Informações Sobre o Grupo de Crianças que Participaram no Estudo	59
Quadro IV – Categorias e Subcategorias de Análise (Anexos)	180

Anexo I

Protocolos de Colaboração Crianças	175
Protocolos de Colaboração Pais	176
Protocolo de Colaboração Agrupamento de Escolas Ramalho Ortigão	178
Protocolo de Colaboração Projecto Iniciativa Bairros Críticos	179

Anexo II

Quadro IV – Categorias e Subcategorias de Análise	180
---	-----

Introdução: Finalidade e Contexto da Investigação

O presente estudo teve como ponto de partida um projecto de jornalismo intitulado Clube de Jornalismo – totalmente criado e idealizado pela autora – que integrou, em Setembro de 2009, a Iniciativa Operações de Qualificação e Reinserção Urbana de Bairros Críticos, um Programa Nacional, coordenado pela Secretaria de Estado do Ordenamento do Território e Cidades.

O projecto de jornalismo, implementado no Bairro do Lagarteiro, propiciou a escolha deste território como contexto de estudo, já que se trata de um cenário privilegiado das vivências e representações que se pretende estudar.

“(…) o Bairro é cenário e território de uma variedade de relacionamentos sociais, é um lugar de experiências partilhadas, tendo-se como referencial a identidade colectiva do bairro. Neste contexto, as práticas de sociabilidade são, de certa forma, o móbil da história do bairro. Da sua maior grandeza depende a existência do bairro enquanto meio social com vida própria ou tão só de um conjunto de edifícios e ruas organizadas num espaço” (Guerra, 2002:57).

Partindo dos pressupostos da Sociologia da Infância, e do contributo da Sociologia Urbana, o presente estudo encara as crianças como actores sociais nos seus mundos de vida (Sarmiento, 2000), ou seja, como autores da sua própria história. As crianças são um grupo social, com direitos reconhecidos (Fernandes, 2009), ainda que durante muito tempo fossem invisíveis aos olhos dos adultos, não sendo consideradas seres sociais de pleno direito ou com qualquer tipo de participação no discurso social (Sarmiento, 2000).

As crianças foram-se tornando visíveis para a sociedade adulta e são, actualmente, encaradas como actores sociais, com olhar e voz própria participativa, interferindo na sociedade em que se encontram inseridas. A partir desta premissa da Sociologia da Infância, propusemos conhecer os diferentes mundos de um grupo de crianças do Bairro do Lagarteiro (com idades compreendidas entre os 9 e os 15 anos), nomeadamente o modo como vivem e sentem este território e que representações dele fazem.

Para o efeito seguimos uma orientação metodológica qualitativa, assente na vertente da investigação participativa, devido à necessidade de recorrer a uma “*participação infantil que recupere os interesses, necessidades e direitos da criança*” (Fernandes, 2006:28).

Atenta às necessidades da criança, não do adulto, a autora foi construindo um processo estruturado a partir do que é importante para a criança e do seu ponto de vista, em detrimento das necessidades e prioridades do adulto. Neste contexto foi dada à criança total liberdade de expressão e criação.

O corrente estudo teve início em Novembro de 2009, após a celebração de protocolos escritos entre a pesquisadora e as crianças, os encarregados de educação, a direcção do agrupamento de escolas Ramalho Ortigão (de que faz parte a EB1/JI do Lagarteiro) e o Projecto Iniciativa Bairros Críticos. As 10 crianças que concordaram fazer parte deste estudo foram informadas de que poderiam interromper a sua participação quando assim o entendessem.

Ao longo de nove meses foi solicitado a este grupo que se expressasse, através de ferramentas variadas (entrevistas, textos, desenhos, fotografias e vídeos), sobre o modo como sentem e vivem a infância naquele território. A riqueza e diversidade dos conteúdos produzidos remeteram para o desdobramento das categorias de análise, que acabariam por se estender para além das questões iniciais da pesquisa.

O resultado é o presente trabalho – A infância no Bairro do Lagarteiro: modos de ser criança em territórios de exclusão – que se encontra organizado em três grandes capítulos.

No capítulo I exploramos as questões associadas às práticas, vivências e representações dos bairros sociais, recorrendo à Sociologia Urbana, para caracterizar o território em que decorre a investigação. Traçamos uma *identidade de bairro* (Costa, 2008), a que surgem associados sentimentos de pertença (Mela, 1999), mas também de exclusão e segregação (Grafmeyer, 1994), que nos irão ajudar a compreender os modos de estar e ser de quem ali habita.

Numa incursão pelo passado destes lugares investigamos as origens dos bairros sociais na cidade do Porto (Ribeiro, 1979), designadamente os cenários dos territórios sociais onde se desenrolam as vivências que nos propusemos estudar.

Numa segunda parte deste capítulo serão abordadas as mesmas questões representacionais, embora com um enfoque mais específico nas crianças que vivem no Bairro do Lagarteiro (ou imediações), nomeadamente a ocupação que fazem dos espaços (Zeihner, 2001), as relações que desenvolvem (Sarmiento, 2004) e as problemáticas/riscos que ali se apresentam (Gill, 2010).

O capítulo II será dedicado à metodologia desenvolvida neste estudo, sendo que o trabalho que aqui apresentamos assume a Sociologia da Infância como a área de estudo de partida e referência – dado que privilegia a participação das crianças (Fernandes, 2005) –, ainda que em interlocução com outras áreas, nomeadamente a Sociologia Urbana e os seus pressupostos/referências.

Com recurso à metodologia qualitativa (Bogdan e Biklen, 1994), designadamente através da investigação participativa, tornou-se possível a construção do conhecimento a partir das representações das crianças, encaradas como actores inseridos numa realidade social que as influencia e vice-versa. Esta metodologia permitiu-nos compreender uma realidade que não pode ser quantificada, operando ao nível das crenças e valores, representada através da voz das crianças (Sarmiento, 2007).

Durante esta investigação as crianças foram ouvidas e apreendidas através do recurso a inúmeras ferramentas, designadamente entrevistas individuais e colectivas, textos, desenhos, fotografias, vídeos, entre outros. O discurso oral e directo assumiu grande destaque, mas os comportamentos, gestos, atitudes e expressões assumiram igual importância. Todos estes dados foram respeitados e analisados do modo mais imparcial possível, seguindo uma abordagem exploratória, ou seja, sem confirmação de hipóteses (teoria fundamentada).

Ao longo da investigação as crianças adoptaram uma postura de participação activa – própria do grupo social co-produtor que são (Fernandes, 2009) –, e apresentaram as suas próprias propostas para o solucionamento de algumas das principais problemáticas relacionadas com o Bairro do Lagarteiro e seus actores.

O capítulo III compila as representações produzidas pelas crianças ao longo deste estudo. As histórias do Bairro são aqui contadas por elas através de palavras, desenhos e fotografias e desdobram-se em vários subcapítulos.

Num primeiro olhar com as crianças sobre o Bairro do Lagarteiro exploramos as suas representações sobre este território, designadamente os modos de ser, estar e agir no lugar onde vivem. Questionamos sobre o quotidiano que ali se desenrola e se constrói numa rotina diária que se divide entre os espaços e as gentes que dele se apropriam. As suas rotinas deram-nos a conhecer hábitos e práticas que remetem para o Bairro, mas também para o que existe além daquele território.

Os espaços do Bairro também mereceram especial destaque, sendo que a vida quotidiana das crianças se desenrola nestas *arenas*, que ocupam e das quais se apropriam.

Partindo do pressuposto que as representações do Bairro não se constroem apenas a partir do elemento espaço, quisemos conhecer os intervenientes que se apresentam dentro e fora deste território, as relações que estabelecem entre si e com os outros e como são representadas.

Destas relações emergem, por vezes, tensões e preocupações que conquistaram um lugar neste estudo pela dimensão que ocupam nas representações das crianças.

Por último, mas não menos importante, as crianças que participaram nesta investigação apresentaram as suas representações do que significa ser criança num bairro e de como se desenrolam, naquele território, os significados do brincar.

CAPÍTULO I – Interloquções Teóricas Entre a Sociologia Urbana e a Sociologia da Infância

1. Bairro Social: Representações, Práticas e Relações



Fig. 1

“Os blocos do Bairro do Lagarteiro, as paredes riscadas e um trolha”

(Schneider, 11 anos, 2010)

Bairro: “cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade”; “barro” (Cunha, 2010:76)

Como refere Cunha, a etimologia da palavra bairro (século XVI) remonta ao barro. Curiosamente, a origem deste vocábulo remete para uma matéria-prima consistente e una como é a argila. A consistência do barro em tudo se assemelha com o Bairro que nos propomos estudar.

O bairro é uma espécie de contágio. A densidade e firmeza que o caracterizam são algo que se entranha na maioria dos que lá vivem. Quem ali habita sente-se enraizado e de lá não quer sair. Identifica-se com a consistência da terra, que o protege do exterior, e com os demais que considera seus pares.

Quem lá não mora tem receio do que ali se passa e de ser contagiado por uma forma de estar e viver que considera diferente e, a maior parte das vezes, algo redutora...

“Quem aqui mora sabe ser olhado de lado por quem não mora aqui. Ninguém quer vir aqui. E quando alguém sai daqui leva, quase sempre, o bairro consigo. Nos jeitos – de andar, de falar, de estar”
(Pereira, 2010:6).

Costa defende a existência de uma *identidade de bairro*, que se projecta no exterior através dos modos de estar e ser. Segundo este autor, os habitantes deste tipo de território “*elaboram representações sociais, memórias partilhadas e referências identitárias a partir das suas próprias experiências de vida quotidiana e do seu quadro de existência social*” (Costa, 2008:47).

Para a Sociologia Urbana, “nascer” ou simplesmente habitar um bairro, implica “*relacionar-se com um conjunto de símbolos (dotados de valências, ora positivas, ora negativas) que representam termos iniludíveis para a construção da identidade pessoal*” (Mela, 1999:145).

Esta origem, ou mera vivência, fica registada nos que ali habitam como se de uma marca física (identificativa) se tratasse, sendo que essa marca “invisível” lhes é atribuída no momento que integram o bairro.

Esta espécie de carimbo imperceptível funciona como os dois lados de uma mesma moeda. Numa das faces, está impresso o sentimento de pertença e união que só a consistência do bairro proporciona. Na outra face encontra-se um rótulo que assume, muitas vezes, a forma de estigma.

“Residir num determinado bairro ou viver num dado tipo de casa equivale imediatamente a receber um elemento de identificação, que pode desempenhar um papel essencial nos casos em que o espaço urbano se articula em partes fortemente desiguais. A identificação actua tanto no sentido positivo, para quem reside em bairros elegantes, como, ainda mais, no negativo, para quem vive em áreas da cidade consideradas bolsas de pobreza, insegurança e desvantagem social” (Mela, 1999:145).

O estigma tem, muitas vezes, origem no facto de o bairro social ser considerado responsável “*pela criminalidade, venda de droga e insegurança urbana*” (Guerra, 1994:11). Segundo Guerra, o aumento dos fenómenos de exclusão social devem-se, em parte, a uma maior dificuldade de “*assimilação da população com estas características ao nível do mercado de trabalho*” (Guerra, 1994:11). A isto, a autora acresce o aumento da venda e consumo de droga, verificado na década de 80 e 90, que viria a contribuir muitíssimo para o fenómeno da exclusão social nestes territórios (Guerra, 1994).

O rótulo ou, segundo Mela, a identificação negativa, dá lugar a uma estigmatização territorial, em que a “*imagem espacial se converte num factor efectivo de exclusão*” (Mela, 1999:145). O autor dá o exemplo de um indivíduo que, por ser oriundo de um bairro problemático, é encarado como igualmente problemático, podendo ser alvo de discriminação. Esta ideia é igualmente apoiada por Balsa:

“(...) o espaço, em determinadas condições, pode apresentar-se como um quadro estruturante de itinerários, posições ou representações sociais” (Balsa, 2006:14).

É frequente, quando em interacção com outras realidades, os residentes omitirem o local onde habitam com receio de serem rotulados negativamente, pois “*habitar no bairro é arriscar a ter uma imagem publicamente desvalorizada na cidade*” (Marques, et al, 2008:2). Apesar de uma certa “necessidade” em suprimir o local de residência, ou seja, o bairro, existe uma “*assunção da pertença a um espaço estigmatizado*” (Marques, et al, 2008:2).

Como territórios, os bairros sociais são geralmente conotados negativamente porque, como afirma Machado e Silva, “*são bairros onde há problemas sociais*” (Machado e Silva, 2009:8). Este rótulo estende-se ao desprestígio social e tem implicações sobretudo na socialização das camadas mais jovens (Queiroz e Gros, 2002:126).

Na opinião de Queiroz e Gros existe um grau de influência que “*o habitat residencial simbolicamente degradado pode exercer sobre a formação da identidade, em especial dos mais jovens*” (Queiroz e Gros, 2002:163). Ser habitante de um bairro pode assumir-se como uma característica que remete para a desvalorização do indivíduo, ou seja, “*todas as interacções em que o indivíduo participar tendem a desencadear sentimentos de impotência, de falta de valor e de privação da crença nas suas próprias capacidades*” (Queiroz e Gros, 2002:19).

Questões como a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, devido à reduzida escolaridade, e a paternidade e maternidade precoces contribuem para este fenómeno. Em consequência, as populações que habitam esses territórios são, frequentemente, alvo de estigmas.

A marginalização social proveniente do espaço reflecte-se em quem o ocupa, apresentando consequências reais e quase palpáveis como a exclusão social. O bairro surge, assim, como palco de uma “ *projecção espacial das desigualdades sociais*”:

“Más condições urbanísticas, escassez de equipamentos e serviços, dificuldades materiais dos moradores, formam assim, um conjunto de características a que se acrescenta, não raramente, a drástica restrição das oportunidades de integração social, designadamente no que diz respeito ao convívio com companheiros, à possibilidade de procurar emprego” (Queiroz e Gros, 2002:127).

Ao tomarem consciência de uma eventual diferenciação de tratamento, os habitantes do bairro podem, segundo Mela, reagir com um “*comportamento conflituoso ou mesmo agressivo*” (Mela, 1999:146). O indivíduo que é alvo de discriminação, como resultado da representação negativa exterior do bairro, pode chegar a aceitar essa representação para si próprio, interiorizando-a: “*A estigmatização territorial põe em movimento um processo que a transforma numa profecia que se autoverifica*” (Mela, 1999:146).

As simbologias associadas ao contexto urbano de residência são apreendidas desde a infância e “*ensinam a distinguir esses caracteres dos ligados a outros centros urbanos*” (Mela, 1999:146). Deste processo resultam sentimentos de pertença territorial e/ou de revolta pela condição em que se encontra.

Se, por num lado, os habitantes do bairro se sentem parte integrante deste território, por outro, assimilam as representações que são atribuídas ao espaço que habitam como se fossem “*juízos expressos a seu respeito*” (Mela, 1999:146). Quer sejam positivas, quer sejam negativas...

O oposto também acontece, ou seja, o bairro também é o resultado das vivências e acções dos que lá habitam ou habitaram. Indivíduos e território fundem-se e moldam-se reciprocamente (Mela, 1999):

“(...) esta interacção entre os símbolos urbanos e a acção dos habitantes não só contribui para construir a identidade dos indivíduos como favorece a definição de uma *identidade da cidade (...)*” (Mela, 1999:147).

Por vezes, as representações negativas provenientes do exterior, que resultam em “*processos de exclusão vivenciados e que criam nos próprios indivíduos sentimentos de exclusão*” (Marques, et al, 2008:3), têm origem nos *media*:

“ (...) os *media* muito têm contribuído para a emergência de sentimentos de insegurança face a estes espaços na medida em que os relatos mediáticos acabam por cristalizar um imaginário social acerca dos bairros, pautado por uma representação negativa, toldada por sentimentos de medo e de insegurança.

Este imaginário assume-se como elemento determinante no estabelecimento das relações dos espaços estigmatizados com a cidade no seu todo, provocando relativamente aos bairros uma ruptura com a cidade. Enfim, estamos perante a (re) construção de lugares marginais, fora dos limites da normalidade e cujo respeitável cidadão comum deverá evitar contactar seja sob que pretexto” (Marques, et al, 2008:3).

Os órgãos de comunicação social são, frequentemente, veículos privilegiados de propagação deste tipo de representações, passando a imagem, como referem Machado e Silva, de “*bairros problemáticos e barris de pólvora prontos a explodir*” (Machado e Silva, 2009:7).

“As casas estão degradadas e sobrelotadas, pelo bairro domina a toxicodependência e o desemprego é um grave problema. O número de pessoas a precisar de rendimento mínimo é elevado. Gente que, com o tempo, ganhou desafeição ao trabalho. Todos estes são motivos suficientes para que o Bairro do Lagarteiro, no Porto, seja um "barril de pólvora" e onde a criminalidade e a delinquência fazem parte do dia-a-dia” (Teixeira, 2006:n.d.).

Embora não alheios às representações negativas que ecoam do exterior, a grande maioria dos moradores encara o bairro como um território agradável. Viver no bairro quase equivale a viver numa pequena aldeia, onde todos se conhecem e sabem poder contar com o vizinho do lado para qualquer eventualidade.

Ao sentimento de entreatajuda acrescem os de segurança e protecção, os principais pilares da vida nesta comunidade. São estes os fundamentos que movem um grande número dos indivíduos que lá habitam. Mas, mais uma vez, são duas faces de uma mesma moeda... Se, por

um lado, estes factores predispõem os habitantes a permanecerem e a apreciarem a vida no bairro, por outro, também os conduzem em processos de isolamento e mesmo de auto-exclusão.

“Alguns destes espaços, tal como o Bairro (...) produzem impactos não negligenciáveis sobre o comportamento dos indivíduos; com frequência, estes caracterizam-se pela assunção de sentimentos de dependência e de acomodação, que se traduzem em práticas de fechamento sócio-espacial” (Guerra, 2002:103).

Estes processos funcionam quase como um efeito de concha no sentido em que, na mesma medida que os protege, também os isola. O confortável sentimento de protecção motiva a permanecer no bairro, mas serve igualmente de pretexto para transformar o território num refúgio que isola e auto-exclui. O exterior rejeita o bairro, nomeadamente o que este representa, mas o inverso acontece na mesma medida.

“Para uns o bairro é vivido como algo próximo da comunidade de “aldeia”, meio de conhecimento recíproco, de entreatajuda e de controlo, no interior do qual se organizam a identidade e a segurança, e se situam todas as relações, e a partir do qual se lê o exterior como negativo” (Gonçalves, 2006:134).

Morar num bairro social apresenta-se, assim, como duas faces de uma mesma moeda. Por um lado, existe uma forte identidade de pertença que inevitavelmente se entranha em quem lá vive. Sentimentos de vizinhança, nomeadamente de entreatajuda e protecção, funcionam para quem habita neste tipo de território e quase de lá não sai. Por outro lado, o bairro afasta-os de uma realidade, muitas vezes tão próxima, mas com a qual não querem ou não se sentem aptos a lidar.

“As sociabilidades tendencialmente fechadas, centradas no próprio bairro, seja por parte da grande maioria dos jovens seja por parte dos adultos, não favorece a aquisição de um capital social externo propiciador de novas oportunidades” (Silva e Machado, 2010:34).

Em seguida, faremos uma viagem até às origens dos bairros, na cidade do Porto, através do regresso a um passado que nos permita compreender, sob outra perspectiva, a realidade que se vive hoje naqueles territórios.

Esta viagem no tempo permitirá reconhecer e compreender os trâmites que conduziram, em grande parte, ao cenário em que hoje se encontram.

1.1. Os Bairros Sociais no Porto: Origens e Motivações



Fig. 2

“São os Blocos do Bairro do Lagarteiro” (Kitty, 10 anos, 2010)

“A noção de bairro problemático, que entretanto se generalizou, tornou-se quase sinónimo de bairro social”

(Machado e Silva, 2009:7)

Para compreender um pouco melhor a contextualização dos bairros sociais na cidade do Porto é importante recuar no tempo, nomeadamente ao ano de 1956, data em que teve início o “*Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto*”, que se viria a prolongar até à década de 70 – inicialmente o término estava previsto para o ano de 1966 (Pereira, 2003:6).

Este Plano, responsável pela construção dos principais bairros sociais da Invicta, previa o alargamento/expansão da própria cidade, mas de uma forma controlada (Ribeiro, 1979). Pretendia-se mudar a imagem da metrópole através da “*libertação de terrenos no centro da cidade tão cheio das denunciadoras ilhas*” (Ribeiro, 1979:28).

Durante este período foram construídas mais de 6,000 casas em cerca de 13 novos bairros, “*concretizando a maior e mais sistémica operação de rejeição para a periferia de populações urbanas de nível de vida mais baixo*” (Ribeiro, 1979:29). Como consequência, cerca de

15% a 20% da população – a grande maioria vivia em ilhas –, seria transferida do centro da cidade para a periferia (Pereira, 2003:6).

“Os novos bairros, dispostos perifericamente em relação ao centro da cidade, têm as suas soluções fortemente condicionadas pelo baixo custo atribuído a cada fogo e pela alta densidade exigida” (Ribeiro, 1979:31).

Durante este processo, a Câmara Municipal do Porto fez questão de “*cortar os laços que a ilha criara, dividindo e separando*” (Ribeiro, 1979:29). Os antigos vizinhos, nas ilhas, raramente eram realojados no mesmo bairro e, quando tal acontecia, nunca partilhavam um bloco (Ribeiro, 1979). A divisão dos moradores viria a desencadear um mal-estar e uma certa revolta nos residentes dos bairros camarários, uma situação que se prolongaria até ao 25 de Abril de 1974.

Com o fim da ditadura surgiam os movimentos revoltosos que exigiam uma melhor qualidade de habitação:

“Eclodem movimentos populares de reivindicação em trono da distribuição e, ainda que mais pontualmente, da gestão do consumo social urbano: alojamento e equipamentos sociais” (Gros, 1994:85).

A título de curiosidade é de referir que o parcialmente extinto Bairro São João de Deus (permaneceram algumas casas térreas no local) era conhecido como o “Tarrafal” devido a, nesse bairro, existir um “*bloco dos condenados*” para onde eram enviados os “*mal comportados*” (Ribeiro, 1979:30).

“Desde o fiscal a quem têm obrigação de abrir a porta, à necessária licença para ter um gato ou uma galinha, para pintar a parede ou pôr um candeeiro, até às multas por infracção como seja regar vasos, pendurar roupa fora dos secadouros ou levantar a voz com a vizinha, é uma vida de medo e isolamento para garantir a habitação” (Ribeiro, 1979:30).

Destes novos bairros, apenas dois seriam construídos no centro da cidade. Todos os restantes foram edificados na periferia, em locais onde existiam acessos rodoviários recém-criados ou com acessos previstos para breve (Pereira, 2009:6).

A construção de habitações sociais, ao contrário do que estava inicialmente previsto, acabaria por se prolongar pelo período democrático, ou seja, pela pós-revolução democrática de 1974.

“Um número relevante de habitações sociais seria construída na periferia do Porto, tais como o Aleixo, Lagarteiro, Contumil, Bom Pastor, Lordelo e Ramalde, tendo sido inauguradas durante os primeiros cinco anos do período democrático” (Pereira, 2009:8).

O distanciamento físico/geográfico entre os grandes centros e os bairros sociais foi diminuindo com o passar do tempo. O tecido urbano foi crescendo, através de edifícios, estradas e equipamentos, encurtando a distância entre a cidade e aqueles territórios. O Bairro do Aleixo, por exemplo, foi construído nos arredores da Invicta e, actualmente, encontra-se numa zona central da cidade. No caso específico do Lagarteiro, também a recente criação do Parque Oriental, a poucos metros do bairro, veio contribuir para este encurtamento.

De qualquer modo, a dicotomia centro/periferia foi-se mantendo como uma realidade bastante presente e, apesar do avanço da cidade em direcção aos arredores, muitos bairros sociais ainda se localizam nas zonas periféricas. O Lagarteiro, fixado nos limites da cidade (faz fronteira com Gondomar), é um dos bairros que se encontra nessa posição.

Na opinião de Pinto, os bairros sociais do Porto formam uma espécie de arquipélago, encontrando-se bem distribuídos, ainda que concentrados na zona Oriental da cidade (Pinto, 1994).

“O processo de recomposição social e espacial do espaço urbano sugere-nos ainda a problematização da representação dicotómica do espaço urbano alicerçada nos pilares: centro e periferia. É razoável admitir que a crescente dualização do espaço urbano tem gerado rupturas não só sociais, nem territoriais, mas sobretudo, simbólicas” (Guerra, 2002:76).

Nos dias de hoje é comum encontrar bairros sociais nos arredores das grandes metrópoles, como Porto ou Lisboa, que concentram um elevado número de pessoas com uma condição socioeconómica adversa. Estes territórios acabam por sofrer um “*desenraizamento urbanístico e de uma desertificação de equipamentos*”, sem infra-estruturas sociais e comerciais básicas, como serviços sociais e de saúde, lojas, correios, entre tantos outros (Abrantes, 1994:51).

No caso específico do Bairro do Lagarteiro dispõe apenas de uma creche, uma escola de ensino básico e jardim-de-infância e de um centro de Actividades Tempos Livres (ATL).

A este propósito, Coelho argumenta a necessidade de localizar as habitações sociais num contexto de zona urbana, não na periferia, pela necessidade de integração social, sendo que “*com os bairros sociais contribuimos para que as pessoas se unam entre si em vez de as integrarmos*” (Coelho, 1994:72).

A combinação destes factores é uma garantia, quase certa, de que estes territórios serão palco de segregação.

1.2. Bairros Sociais e Segregação



Foto 2

Pormenor de uma parede no Bairro do Lagarteiro (Maria João Pereira, 2010)

Na cidade existem fronteiras simbólicas que resultam de barreiras, visíveis ou não. Estas remetem para a diferenciação e vão construindo uma divisão do território.

A segregação na cidade é uma realidade e pode assumir várias formas. No âmbito da sociologia urbana surgem dois grandes tipos de segregação: a segregação étnica e racial e a segregação económica. Mela (1999) remete-nos para uma segregação sócio-económica,

designadamente para as diferenças de estatuto social/rendimento, e para como estas diferenças se reflectem na organização do território urbano.

Segundo Carmo (2006), existe uma relação de interdependência entre a organização social e a organização espacial, já que o espaço “*participa na constituição da diferenciação social*” (Carmo, 2006:29). A configuração do espaço no meio urbano produz-se em consonância com o “*desenvolvimento económico e as diferenciações sociais que estruturam a sociedade*” (Carmo, 2006:29).

A segregação urbana refere-se às “*formas mais evidentes da divisão social do espaço*” (Grafmeyer, 1994:45). Na opinião deste autor, um grupo é considerado tanto mais segregado, quanto mais a sua residência se afastar do conjunto massivo da cidade.

Frey e Duarte remetem para uma *segregação socioespacial*, que definem como tratar-se de um “*movimento de exclusão de um grupo de pessoas do seu direito à cidade, não importando se a formação de territórios segregados se dá nas periferias desprovidas de infra-estruturas ou nos centros urbanos em processo de esvaziamento de vitalidade socioeconómica*” (Frey e Duarte, 2006:110).

Como a etimologia da própria palavra indica, segregação significa a acção de separar, de afastar. Este processo de periferização e afastamento foi iniciado com a construção de habitações na periferia e continuado com a segregação que atinge os que ali habitam. Como defende Grafmeyer, independentemente da definição que lhe atribuirmos, “*a segregação é sempre, ao mesmo tempo, um facto social de distanciação e uma separação física*” (Grafmeyer, 1994:51).

O fenómeno da segregação é hoje uma realidade para grande parte dos moradores dos bairros sociais considerados mais problemáticos, sobretudo devido às condições que apresentam. São territórios onde, mais cedo ou mais tarde, acabam por concentrar uma parcela considerável de população carenciada. Para Balsa, os bairros sociais “*oferecem à sociedade a possibilidade de concentrar populações que têm dificuldade em encontrar lugar noutros sítios*” (Balsa, 2006:31).

“No seguimento de numerosas teorizações sobre os efeitos de marginalização social directamente determinados pelo uso e tratamento do espaço, em especial do urbano, em função de uma lógica de rentabilidade estritamente económica, sabe-se que as populações menos solventes tendem a ser sistematicamente relegadas para áreas pouco atractivas em termos de investimentos e, por isso, com condições inferiores à norma, designadamente no que toca a

transportes, acessibilidade, equipamentos, limpeza, qualidade de habitação deficiente, má qualidade do ambiente urbano, etc.” (Queiroz e Gros, 2002:126).

Segundo Queiroz e Gros, todos estes factores sugerem nos habitantes destes territórios “*sentimentos de vergonha pela pertença a um aglomerado residencial estigmatizado*” (Queiroz e Gros, 2002:127). O contraste entre o bairro edificado e a malha urbana acaba por evidenciar a segregação ali existente e por se reflectir nos valores e modos de vida dos que ali habitam (Queiroz e Gros, 2002:136).

Balsa sugere uma associação directa entre os espaços estigmatizados e os comportamentos, as relações e as representações sociais (Balsa, 2006:15).

Guerra alerta para os “*efeitos perversos da concentração espacial de uma população socialmente homogénea*” que, muitas vezes, resultam em “*comportamentos desviantes e estigmas sociais*” (Guerra, 1994:11). Para a autora, os moradores dos bairros sentem o estigma social, ainda que não assumam em si um estatuto de desviante. No entanto, “*interiorizaram uma imagem pública socialmente desvalorizada, atribuindo-a a determinados elementos do bairro*”, sendo que habitar num bairro social “*é arriscar a imagem de ser marginal, delinquente, indesejável*” (Guerra, 2002:63).

Os efeitos dos espaços estigmatizados também se fazem sentir na criança, ainda que esta ocupe um lugar muito específico e único nestes territórios. Em seguida veremos qual o lugar da infância nestes lugares.

2. O Espaço da Infância num Bairro Social



Fig. 3

“É o mapa do Bairro” (Sombra, 9 anos, 2010)

“É giro ser criança no Bairro do Lagarteiro, porque
brincamos muito. Fazemos outras coisas...”

(Sombra, 9 anos, 2010)

Na vida em comunidade todos ocupam o seu espaço, à semelhança do que acontece em tantos outros lugares da sociedade. O bairro social não é excepção e ali os territórios também se ocupam, não apenas pelos adultos, mas também e sobretudo pelas crianças.

Ainda que crianças e adultos vivam estes lugares de modos diferentes, em tempos, os adultos já ali tiveram uma infância. Agora é a vez de as crianças viverem o presente, antes que se transformem no futuro, ou seja, em adultos.

À semelhança do que acontece em outros bairros sociais, ser criança no Lagarteiro nem sempre é uma tarefa fácil. A comprová-lo estão os dados da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Porto Oriental (CPCJ), que assiste as freguesias de Campanhã, Bonfim e Santo Ildefonso.

Aquando da realização deste estudo, a CPCJ contemplava um total de 364 processos abertos, sendo que 204 se referiam à freguesia de Campanhã, onde se encontra localizado o Bairro do Lagarteiro. Os restantes 160 processos activos estavam distribuídos entre as freguesias do Bonfim e de Santo Ildefonso.

Segundo a CPCJ de Porto Oriental, 119 do total destes processos reportam a bairros de habitação social e maioritariamente ao Bairro do Lagarteiro e Bairro do Cerco do Porto. De referir

que, do grupo de 10 crianças que participou neste estudo, três tinham processo activo naquela entidade, aquando da realização desta investigação.

De acordo com os dados apresentados pela Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Porto Oriental¹, para o primeiro trimestre de 2011, as sinalizações de crianças em potencial situação de perigo foram efectuadas, maioritariamente, pela PSP na problemática de “maus-tratos psicológicos”, designadamente devido à exposição dos menores a violência doméstica. Sendo esta uma das maiores problemáticas que atinge o Bairro, as crianças são confrontadas com o facto de serem testemunhas de violência conjugal, entre familiares e não só, impróprias para qualquer idade ou condição.

Aos maus-tratos psicológicos seguiram-se as sinalizações de estabelecimentos de ensino, com a problemática “abandono escolar” e as sinalizações de outras Comissões de Protecção de Crianças e Jovens, maioritariamente a propósito de “maus-tratos psicológicos” e “negligência”.

Na lista de entidades que efectuaram o menor número de sinalizações de crianças em perigo, encontram-se as instituições de acolhimento e estabelecimentos de saúde. A grande maioria destas sinalizações foi efectuada por escrito, a que se seguiu, em bastante menor número, o contacto telefónico.

As faixas etárias das crianças com mais incidências a nível de processos distribuíam-se entre os 11-14 anos (220), seguidas dos 6-10 anos (215)².

De referir, também, que as famílias destas crianças eram maioritariamente monoparentais materna e aferidoras do Rendimento Social de Inserção.

Como se pode constatar na tabela, em baixo, a negligência e os maus-tratos psicológicos ocupam o topo das problemáticas com maior incidência na freguesia de Campanhã, seguidos do abandono escolar e dos maus-tratos físicos.

Quadro I – Problemáticas na Freguesia de Campanhã

Problemática	Campanhã
Abandono	9
Abandono Escolar	32
Assume Comportamentos Graves	6
Exposição a Modelos de Comportamentos Desviantes	8
Maus-tratos Psicológicos (exposição a violência doméstica)	52

¹ Fonte: Relatório Alargado do 1º Trimestre de 2011, CPCJ de Porto Oriental.

² Fonte: Síntese Relatório de Actividades de 2010, CPCJ de Porto Oriental.

Maus-tratos Físicos	24
Negligência	53
Prática Facto de Crime	8
Abuso Sexual	3
Mendicidade	4
Consumo de Estupefacientes	2
Outra Situação de Perigo	3
Total	204

Fonte: Relatório Alargado do 1º Trimestre de 2011, CPCJ Porto Oriental.

As crianças do Bairro do Lagarteiro são alvo, como vimos em cima, de elevados números de exposição à violência doméstica que se materializa no seio de muitas famílias que ali habitam. No próprio lar vivem situações problemáticas que, muitas vezes, exigem a intervenção das forças de autoridade (CPCJ, 2011:2).

No âmbito da infância, sabemos que a família se enquadra no topo das principais ameaças/situações de perigo para as crianças. Almeida explica, a este propósito, que é “*dentro de casa, em cenário familiar, que os maus-tratos são mais frequentes e perigosos*” (Almeida, et al, 1999:93). A autora defende que a família, enquanto lugar privilegiado de violência, é uma realidade que se vem perpetuando ao longo dos tempos.

Por outro lado, é no seio da família que as crianças constroem a sua identidade e iniciam o processo de socialização:

“A família aparece-nos, antes de mais nada, como o meio por excelência, onde, não obstante as insuficiências relativas ao mundo físico e social que a cerca, a criança pode viver e iniciar-se para a vida. De facto, parece que nenhuma outra instituição pode preencher esta função de maneira tão adequada (...)” (Osterrieth, 1975:14,15).

Os primeiros laços sociais acontecem através da família, sendo que esta representa o primeiro e importante degrau na escada da socialização dos indivíduos. À família cabe-lhe a função de preparar as crianças para a relação com os outros e, conseqüentemente, com o exterior.

A partir deste patamar, o processo de socialização vai-se desenrolando ao longo do tempo, com efeitos variáveis de indivíduo para indivíduo, sendo que uma criança pode tornar-se

num sujeito mais ou menos sociável e mais ou menos capaz de se relacionar com os demais e com a sociedade em geral. O resultado deste processo é a formação de seres sociais com valores, práticas e hábitos adquiridos através dos diferentes actores – mas também dos espaços –, com que se vão cruzando durante o percurso.

Ao longo da vida, o indivíduo vai enriquecendo a sua “bagagem” com as experiências e aprendizagens que recolheu durante o caminho, ou seja, através do processo de socialização em que é sujeito e actor.

Durante todo este caminho, o contexto social e espacial em que a pessoa se move constitui um determinante elemento de socialização, dado que recebe informação/formação do local onde habita, dos arredores e das relações de sociabilidade que mantém com os outros.

“Uma criança que nasce e cresce num bairro social forma um imaginário e uma percepção da realidade social bem diferente duma outra que nasce numa zona chique e valorizada de qualquer cidade. Dito de outra maneira, o meio familiar e social onde se nasce e cresce constitui um significante que prepara as pessoas para a compreensão da realidade em que vivem emergidas com os outros” (Leandro, et al, 2000:8).

O Bairro é, por excelência, o lugar onde se criam laços, não apenas familiares mas, sobretudo, entre os moradores daquele território. Os vínculos para além das fronteiras são geralmente menores, já que a grande fatia se reserva a quem está próximo, ou seja, à família e vizinhança. A grande excepção é os familiares e amigos que se encontram sediados noutros bairros ou localidades.

“MJ – Conheces muitas pessoas no Bairro?

Batman – Conheço.

MJ – E fora do Bairro?

Batman – Sim.

MJ – Quem?

Batman – Não me lembro dos nomes.

MJ – Como as conheceste?

Batman – Quando parava no campo de futebol e nós jogávamos à bola.
Depois começamos a conhecemo-nos muito e agora já conheço”
(Batman, 10 anos, 2010).

Para além dos laços sociais, a vida no Bairro do Lagarteiro também é regulada pelas condições habitacionais, infra-estruturas, recursos socioeconómicos, entre outros. De referir que cerca de 75% das famílias auferem do Rendimento Social de Inserção. Estes factores reflectem-se nos modos de vida e de estar, nomeadamente na infância.

Muitas crianças, no Bairro, sofrem com a falta de cuidados básicos, designadamente a nível da higiene, alimentação, entre outros.

“(…) em Portugal, as situações de pobreza material e destituição escolar que afectam largas parcelas da população assumem um peso determinante no dia a dia das famílias e das crianças. Constituem terrenos estruturais de risco de mau trato na infância, muito especialmente no domínio das grandes negligências de cuidados básicos” (Almeida, et al 1999:119).

Sabe-se que, quando as crianças nascem e vivem em situações continuadas de pobreza, exclusão e precariedade social, têm mais probabilidades de se transformarem em indivíduos sem qualquer perspectiva futura, quer a nível de uma carreira profissional, quer a outros níveis. Tendo em conta este pressuposto, o mais provável é que as crianças de hoje se transformem em adultos sem grandes perspectivas de uma vida melhor, não conseguindo quebrar o ciclo de pobreza e exclusão que herdaram dos pais e avós. Um futuro sem grandes oportunidades significa vidas vazias com empregos de baixos salários ou subsidiadas pelo Rendimento Social de Inserção, ou por qualquer outro tipo de subsídio existente na altura.

Para a grande maioria terá lugar uma reprodução das condições de vida sociais, mas também económicas, das próprias famílias:

“Estudos comprovam que crianças que vivem os primeiros anos em condições de pobreza estão mais sujeitos, do que outras crianças, a saírem-se mal na escola e a sofrer as consequências deste fenómeno nos anos vindouros” (Sawhill e Chadwick, 1999:2).

Nascer e crescer neste tipo de contexto não significa, obrigatoriamente, que o futuro seja uma réplica do presente experimentado, ainda que o risco de transformação nos seus pares seja bastante elevado. Não obstante, algumas investigações revelam que as crianças que crescem em bairros problemáticos possuem menos competências sociais, têm uma menor apetência para a escola e reúnem um baixo controlo sobre o seu próprio comportamento (UNICEF, 2004:133).

“(crianças) crescem livremente no meio da luta pela sobrevivência, abandonadas a si próprias, faltando à escola, vivendo uma infância triste sem projectos de vida, acumulando insucessos escolares, que muitas vezes, são o primeiro degrau para a entrada numa marginalidade precoce” (Abrantes, 1994:51).

Apesar das condições e condicionantes que coexistem num lugar como o Lagarteiro, estas não limitam o gosto pelo Bairro ou o prazer de ser criança naquele território. Muito pelo contrário, já que a esmagadora maioria das crianças que fizeram parte deste estudo assumem gostar de viver no Bairro, não obstante as dificuldades com que, por vezes, são forçadas a lidar no quotidiano.

2.1. A Ocupação dos Espaços no Bairro

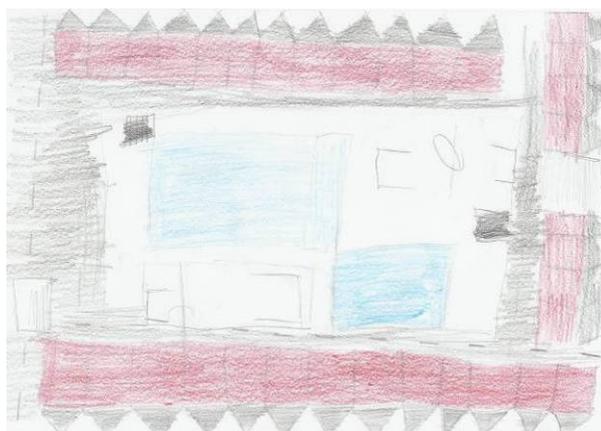


Fig. 4

“O Bairro e a escola no meio” (Benji, 11 anos, 2010)

“Arrumo, ajudo a minha mãe a arrumar e depois venho para a rua para brincar com eles”

(Diana, 15 anos, 2010)

Partindo dos pressupostos e das referências da Sociologia Urbana sobre o modo como se processam as relações entre os indivíduos e o espaço, consideramos agora o contributo da Sociologia da Infância, para melhor entender o modo como as crianças estabelecem estas relações com os territórios que habitam, quais as suas representações e emoções, e o que podemos acrescentar ao debate sobre os modos de vida da infância nestes territórios.

A criança tem um modo único de encarar a sua própria realidade e tudo o que a rodeia, nomeadamente o espaço que habita que, neste caso específico, é o Bairro. Tendo em conta esta perspectiva pretendemos dar a conhecer o modo como a criança entende esse mesmo espaço, tentando perceber o que a move, ou não, nesse lugar. Conhecer o bairro através dos olhos das crianças, para mais tarde intervir, talvez seja o principal mote desta investigação.

Sabemos que os territórios são encarados de formas diferentes, variando de acordo com os seus interlocutores. No caso da criança, encara o espaço onde de se move sob uma perspectiva diferente da dos adultos e, mesmo, de outras crianças. Cada indivíduo possui os seus próprios “óculos”, que lhe permite observar o que o envolve numa óptica própria e até pessoal.

“Uma criança que nasce e cresce num bairro social forma um imaginário e uma percepção da realidade social bem diferente duma outra que nasce numa zona chique e valorizada de qualquer cidade. Dito de outra maneira, o meio familiar e social onde se nasce e cresce constitui um significante que prepara as pessoas para a compreensão da realidade em que vivem emergidas com os outros” (Leandro, Xavier e Cerqueira, 2000:8).

Para o adulto, uma rua pode assumir apenas um significado utilitário, ou seja, um espaço criado para que consiga deslocar-se e chegar a algum local, a pé ou num veículo. Para a criança, essa mesma rua pode ser encarada como o ponto de encontro com os seus pares e/ou um palco de brincadeiras.

Sendo que o mapa não é o território, cada um explora o meio em que se encontra inserido como entender e desejar, ainda que esta exploração seja sempre o resultado de experiências e vivências acumuladas ao longo da vida. O resultado assume-se sob a forma de diferentes percepções e representações sobre os lugares.

O espaço é sobretudo um “*local de interações entre indivíduos e os grupos sociais onde se jogam lutas, antagonismos, compromissos e solidariedade*” (Pereira e Neto, 1999:101), que

funciona tantas vezes como um verdadeiro parque de diversões, substituindo os autênticos parques a que muitas crianças não têm acesso a maior parte do tempo.

Como tivemos oportunidade de constatar, “*existe uma estreita relação de interdependência entre a organização social e a organização espacial*” (Carmo, 2006:28), sendo que o espaço pode ser encarado como um lugar de encontro, mas sobretudo como uma espécie de conciliador das relações entre os pares. Esta triangulação com o espaço vai sendo alterada mediante as nuances que a própria sociedade vai sofrendo.

“O espaço rua – aqui entendido como o espaço público do bairro – é alvo de uma apropriação muito intensa por parte da população residente. O espaço público ocupa um lugar importante na vida quotidiana das crianças, jovens e idosos. Num certo sentido, é um espaço familiar onde os indivíduos encontram os seus “pares”, isto é, indivíduos da mesma idade e categoria social. É também o lugar de residência e onde se procura ocupar o tempo com actividades distractivas: estar sentado no “muro” ou simplesmente “não fazer nada”, como acontece com os jovens, idosos e mulheres” (Marques, et al, 2008:12).

No bairro, as ruas fazem parte de uma estrutura social muito própria da vivência neste local, onde as crianças desfrutam mais do espaço exterior, com uma maior liberdade para a brincadeira na rua. No entanto, neste cenário, também existem perigos bem reais. Alguns assumem a forma de carros que atravessam a estrada onde as crianças jogam à bola, outros do lixo que é manuseado como se de um brinquedo se tratasse, entre tantos outros. O convívio com jovens mais velhos também faz parte deste pacote de perigos.

“Frequentemente, os miúdos do Bairro (*do Lagarteiro*), mesmo as crianças mais novas, permanecem na rua até bastante tarde, iniciando aí os seus primeiros contactos com os jovens mais velhos e com determinadas práticas desviantes (tráfico e consumo de estupefacientes, actos de vandalismo, agressões verbais e físicas, etc.). Por outras palavras, a rua funciona para as crianças e jovens como um contexto privilegiado de socialização e é o espaço onde estruturam a

maior parte das suas vivências e redes de sociabilidade” (Marques, et al, 2008:13).

A criança habita espaços que lhe são impostos, mas sobre os quais não tem uma palavra a dizer, nomeadamente no seu planeamento. Posteriormente apropria-se desses lugares, que podem ou não ter sido pensados para ela, mas que os reconhece como seus. Muitas vezes, estes locais são inadequados e impróprios para as brincadeiras das crianças, mas continuam a existir e a fazer parte do seu quotidiano. Estes espaços não são apenas exclusivos de territórios de pobreza e exclusão, já que são igualmente frequentes em cenários bem diferentes.

Não obstante, considera-se que a pobreza e exclusão das crianças nas cidades surge como o reflexo da falta de capacidade para garantir os direitos básicos da infância (Moneti, 2008:16). Perante este panorama surgem alguns movimentos que tentam contrariar este cenário, como é o caso da iniciativa “Cidades Amigas da Infância”.

Esta surge no âmbito da Declaração sobre Assentamentos Humanos (Istambul, 1996), que visa garantir a promoção dos direitos das crianças, transformando as cidades em espaços apropriados e adequados à infância e, sobretudo, locais onde seja possível viver com dignidade, já que *“o bem-estar das crianças é o indicador de um habitat saudável, de uma sociedade democrática e de uma boa governação”* (Declaração de Istambul sobre Assentamentos Humanos, 1999).

“Uma cidade amiga da infância é uma cidade, ou uma forma de governo local, que assume o compromisso de fazer cumprir os direitos das crianças. É uma cidade em que as vozes, necessidades, prioridades e direitos da infância são parte integral das políticas, programas e decisões públicas. O resultado é uma cidade adequada a todos” (Moneti, 2008:17).

Na Escandinávia, por exemplo, a preocupação com as crianças e com as cidades que as acolhem resultou numa efectiva mudança em prol da infância. Ao longo dos anos, os escandinavos tem implementado projectos urbanos que prevêem a criação de espaços amigos das crianças.

Veja-se a este propósito o caso da Dinamarca que, até à década de 70, tinha a mais elevada taxa de morte infantil da Europa Ocidental em acidentes rodoviários. Poucos anos mais

tarde, criaram uma lei que obrigava as autoridades locais a protegerem as crianças dos perigos do trânsito. Consequentemente, as auto-estradas foram redesenhadas e criaram-se infra-estruturas para peões e bicicletas. O resultado foi um acréscimo na utilização da bicicleta e dos percursos pedestres e, consequentemente, uma diminuição dos acidentes (Gill, 2010:100).

No entanto, Gill alerta para a dificuldade em transformar as cidades actuais em cidades amigas das crianças:

“Abrir o espaço público às crianças exige uma liderança forte e uma vontade de vencer outros imperativos e confrontar interesses opostos poderosos. Assim, a procura premente de novas zonas urbanas, por exemplo, tem de ser coadunada com a necessidade de criar ruas onde se possa viver, construções coerentes e espaços públicos e parques recreativos de boa qualidade e bem geridos” (Gill, 2010:101).

Curiosamente, muitas vezes, apesar dos esforços continuados dos adultos no sentido de criarem espaços específicos e adequados para as crianças, estes locais não correspondem às necessidades dos mais novos (Rasmussen, 2004:162).

Naturalmente, adultos e crianças ocupam espaços físicos diferentes que têm vindo a ser apropriados e distribuídos de modo distinto ao longo dos tempos. Esta distribuição das estruturas espaciais encontra uma relação directa com a própria sociedade, em constante mudança (Zeihner, 2001). No caso específico da criança, sempre ocupou um espaço físico na sociedade, ainda que esse tenha vindo a ser alterado devido a vários fenómenos.

A densidade populacional aumentou e as ruas, nomeadamente as estradas, encheram-se de carros que são cada vez mais e circulam cada vez mais depressa o que, para Neto, “*retirou todas as possibilidades de as crianças poderem ter uma verdadeira autonomia de mobilidade na cidade*” (Neto, 2006:36).

Os territórios, até então desocupados, foram dando lugar a parques de estacionamento. O pequeno comércio foi sendo substituído por superfícies maiores. A construção foi crescendo e os espaços livres foram diminuindo. Em parte devido à falta de espaço, muitas habitações começaram a ser construídas nos arredores dos grandes centros, ou seja, “*completamente isoladas das outras funções da vida; dos empregos, dos centros recreacionais, dos locais de comunicação e de consumo*” (Zeihner, 2001:143). Na opinião desta autora, foram as crianças que

mais sofreram com estas mudanças, já que viriam a ser praticamente excluídas da esfera pública. Zeiher fala de uma *exclusão da infância do espaço*.

As mudanças aconteceram nas ruas, mas também no interior das habitações, dado que as crianças começaram a ter direito a um quarto individual e a brincarem por todas as divisões da casa. Como consequência, a infância foi sendo retirada ao espaço rua, passando a ocupar cada vez mais o interior das habitações.

Zeiher dá o exemplo das crianças e dos seus vizinhos que brincavam e cresciam lado a lado. Durante anos partilharam brincadeiras no mesmo espaço de vizinhança. Actualmente, são poucas as crianças que vivem esta experiência. Regra geral, esta convivência esgota-se na escola, já que quase existe uma limitação no acesso a alguns espaços. As brincadeiras, segundo Neto, fazem-se dentro de casa e no recreio da escola, “*o único espaço que lhes resta para poderem brincar em liberdade*” (Neto, 2006:36).

As mudanças sociais foram-se fazendo acompanhar de “*mudanças nas culturas de infância e mais particularmente no consumo cultural do lazer*”, como defende Neto (Neto, 2000:1). Com o aparecimento de *novas tecnologias de ecrã* (jogos de vídeo, computadores, Internet...) assiste-se a fortes alterações nos estilos de vida das crianças, com graves consequências ao nível do sedentarismo, devido à diminuição da actividade física.

Nas últimas décadas, as crianças têm vindo a sofrer mudanças nas suas “*possibilidades de acção*”, ou seja, na possibilidade de decidir os espaços pelos quais desejam mover-se (Neto, 1999:1). Sendo a independência de mobilidade “*crucial no desenvolvimento da criança*”, a perda de autonomia tem “*implicações graves na esfera do desenvolvimento motor, emocional e social*” (Neto, 1999:52), pelo que reforça que “*a vivência do espaço físico é fundamental na estruturação dos afectos*” (Neto, 2006:37).

“O conceito de independência de mobilidade deverá ser entendido numa perspectiva evolutiva, isto é, como a criança desenvolve ao longo do tempo uma representação mais consistente do espaço físico (memória, percepção, identificação) bem como uma liberdade progressiva de acção no espaço quotidiano” (Neto, 1999:52).

A limitação às possibilidades de acção da criança e, conseqüentemente, a perda de mobilidade, tem origem em fenómenos como o aumento do trânsito rodoviário, a diminuição dos espaços livres e dos tempos livres, a mudança na ocupação dos espaços das habitações, mas

também devido a uma preocupação crescente com o factor segurança (Pereira e Neto, 1999:102). Na sociedade contemporânea, a rua e o espaço público são conotados de forma bastante negativa.

Perante um enorme leque de perigos e ameaças, como a pedofilia, os medos e a necessidade de proteger – resguardando as crianças no seio do lar – vão ganhando cada vez mais terreno. A mobilidade espacial das crianças torna-se cada vez mais limitada resultando, muitas vezes, de “*um processo de negociação permanente com os pais*” (Almeida, 2009:124).

Segundo Gill, a sociedade actual vive uma “*cultura de aversão ao risco*” que acaba por se reflectir, não apenas nos receios dos pais, mas também nas medidas impostas pela sociedade em geral com vista a evitar o risco (Gill, 2010:26). De certa forma, comportamentos infantis que em tempos eram considerados habituais, actualmente são encarados como problemas psicológicos. Na sua perspectiva, as consequências deste tipo de conclusão reflecte-se em condicionamentos à liberdade das crianças, nomeadamente na limitação do tempo que as crianças brincam no exterior sem supervisão (Gill, 2010:99).

Este clima de insegurança desencadeado pela aversão ao risco desenvolve uma ideia de que os riscos da sociedade actual são demasiado elevados para as crianças, provocando ansiedade e preocupação nos adultos que as tentam proteger a todo o custo.

Por sua vez, as crianças reagem e ressentem-se da intervenção levada a cabo pelos adultos, em prol da protecção. Uma notícia (2005) relatava o caso de uma escola, em Northumberland (norte de Inglaterra), que tinha banido o jogo da apanhada, devido ao perigo de queda perante um encontrão. Num debate aberto na Internet, no site da BBC inglesa, uma jovem deixou a sua opinião (Gill, 2010):

“Para dizer a verdade, os adultos às vezes conseguem ser muito estúpidos. Proíbem tudo, por razões de saúde e de segurança. Se agora vão proibir uma coisa tão simples como esta, mais vale fecharem todos os miúdos em salas vazias, para os manterem seguros. Os miúdos devem poder experimentar e tentar coisas. Senão, quando crescerem, vão fazer imensos disparates, por não terem conseguido adquirir experiência suficiente em crianças”³ (BBC, 2005:n.d.).

³ http://news.bbc.co.uk/cbbcnews/hi/newsid_4300000/newsid_4300600/4300681.stm

Gill argumenta existirem aspectos positivos do risco na infância apresentando, para o efeito, quatro argumentos. O contacto com certos tipos de risco ajuda as crianças a aprender a gerir esses mesmos riscos. Se o apetite pelo risco não for satisfeito, procurarão situações de risco ainda maiores.

Também defende a existência de algumas vantagens na oportunidade em participarem de actividades com algum risco como, por exemplo, as que se encontram expostas fora de casa. Por último, apresenta os benefícios (a longo prazo) de lidar com o risco, já que permitirão construir uma forte personalidade, graças do enfrentar de situações complicadas. Este autor acredita, sobretudo, na capacidade resiliente das crianças, ou seja, na sua capacidade para recuperarem e aprenderem com os resultados menos positivos com que se forem deparando (Gill, 2010:22).

Apesar da necessidade de um equilíbrio saudável entre segurança e liberdade na infância, Zeiher reconhece a existência de uma grande interferência dos adultos no quotidiano das crianças. A criança vai sendo confinada a espaços espartilhados e geralmente gradeados. Se, em tempos, uma criança jogava à bola à porta de casa, hoje tem de o fazer em locais específicos para o efeito, como um campo de jogos, geralmente fechado ou com uma cerca em volta. A autora classifica estes espaços como *ilhas* enquadradas na paisagem urbana.

“Nas diferentes áreas urbanas em funcionamento, as crianças passam o seu tempo confinadas a ilhas: de apartamentos, parques infantis fechados ou creches e ocupação de tempos livres em edifícios. Algumas crianças vivem em muito poucas ilhas, o apartamento e a creche, por exemplo, ou o apartamento e a escola” (Zeiher, 2001:147).

São geralmente os pais que transportam as crianças de ilha em ilha e, somente quando é a própria a palmilhar esses espaços, é que fica verdadeiramente a conhecer os percursos. Por outro lado, “*enquanto pais e crianças adaptam as suas rotinas diárias aos espaços existentes e às suas localizações, vão-se fortalecendo os laços sociais que promovem esta insularidade*” (Zeiher, 2001:148).

Este sentimento de protecção é encarado, por Neto, como demasiado elevado, já que se torna impeditivo de “*desenvolver uma coordenação motora adequada, uma capacidade de discriminação perceptiva e uma capacidade de estruturação da sua imagem corporal, do seu esquema corporal*” (Neto, 2006:35). Na opinião deste autor, apesar das limitações resultantes dos

factores inerentes à própria sociedade contemporânea, o espaço de rua desempenha um papel demasiado importante na vida das crianças para ser limitado ou mesmo eliminado dos seus quotidianos.

“É normalmente no átrio ou "hall" de entrada, passeios e espaços adjacentes à habitação, que as crianças inicialmente satisfazem as suas necessidades de jogo e independência de acção. Este espaço de convívio, de socialização e de jogo e aventura tem vindo a decrescer de importância nos quotidianos das crianças em meio urbano, devido aos constrangimentos relacionados com o aumento do tráfego automóvel, violência e insegurança. Esta cultura de rua é fundamental no processo de desenvolvimento da criança, nomeadamente em experiências de jogo informal e decisivas nas aquisições motoras, perceptivas e sociais” (Neto, 2000:2).

Sendo que as crianças têm uma “*competência na apropriação do espaço dinâmico que as rodeia*” (Almeida, 2009:127), em situação insular, as mesmas apropriam-se do espaço de um modo específico e muito próprio (Zeihner, 2001).

O espaço é, por natureza, um local de interacção entre indivíduos e grupos sociais e a rua “*não é só um espaço onde circulam carros e gente anónima e apressada, mas sim um espaço de encontro, descoberta e até desordem*” (Pereira e Neto, 1999:101). Para as crianças, as ruas são mais do que corredores por onde circulam os carros, são espaços de brincadeira (Tranter, Doyle e W., 1996).

Brincar na rua, desde jogar à bola, correr, trepar árvores, entre outras, implica um “*dispêndio de energia essencial para o desenvolvimento*”, sendo actividades muito importantes para a “*capacidade adaptativa, do ponto de vista motor, emocional e afectivo*” (Neto, 2006:35).

Neto defende, também, que a rua é “*favorável ao desenvolvimento social, propício ao estabelecimento de relações interpessoais*”, sendo que a “*cultura de rua é fundamental no processo de desenvolvimento da criança, nomeadamente em experiências de jogo informal e decisivas nas aquisições motoras, perceptivas e sociais*” (Neto, 1979:8). Por outro lado, o jogo espontâneo e o “*encontro com outras crianças num espaço livre, onde se brinca com a terra, se inventam jogos, se vivem aventuras*” são fundamentais para que a criança adquira ferramentas

que lhe permitam desenvolver a “*capacidade de defesa e adaptabilidade a novas circunstâncias*” (Neto, 2000:2).

A criança que vive a rua como espaço de brincadeira e explora esse território tem o privilégio de ser dotada com ferramentas preciosas para o seu processo de desenvolvimento:

“A vivência do território é fundamental para a estruturação de mapas mentais que dêem à criança uma identidade de lugar e uma identidade de si capaz de perdurar até à idade adulta” (Neto, 2006:35).

Existe, assim, quase que uma *cultura de rua*, que contribui de modo determinante para o “*desenvolvimento da criança, nomeadamente em experiências de jogo informal decisivas nas aquisições motoras e sociais*” (Neto, 2006:37).

Como referimos anteriormente, o acto de brincar na rua foi mais comum do que é na actualidade, embora esta realidade varie mediante o local e o contexto. Não obstante, o acto de brincar é algo de universal e transversal a todos os seres vivos, não devendo ser subestimado, pois permite desenvolver a criatividade, mas também aspectos como a destreza física. Brincar é um modo de a criança interagir com o mundo que a rodeia, explorando-o e permitindo-lhe desenvolver competências como a autoconfiança e a resiliência (Ginsburg, 2007:183).

A brincadeira e o acto de brincar são tão importantes, que as Nações Unidas instituíram esse direito na Convenção sobre os Direitos da Criança, através do artigo 31º, atribuindo-lhe o “*direito de participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade*” (Convenção, 1989).

A brincadeira pode acontecer em diferentes locais, como em casa ou na rua, e recorrer a instrumentos reais ou imaginários. Neste estudo, focamo-nos essencialmente nas brincadeiras de rua, o espaço privilegiado e de eleição para as crianças que nos propusemos estudamos.

É certo que, nos últimos anos, têm acontecido muitas mudanças sociais (Neto, 1999), nomeadamente ao nível dos hábitos quotidianos de vida. Naturalmente, as crianças não escapam a estas transformações.

Uma das grandes mudanças ocorridas foi relativamente aos espaços privilegiados de brincadeira. Estes abrangiam, maioritariamente, a zona de habitação, nomeadamente a rua e o parque da área de residência. Actualmente, a rua como espaço de lazer tem vindo a desaparecer e “*brincar na rua é em muitas cidades do mundo uma espécie em vias de extinção*” (Neto, 1999:49).

Embora, como afirma Neto (1999), o brincar na rua seja quase uma actividade em extinção, ainda é uma realidade bem presente em alguns contextos urbanos, nomeadamente em bairros sociais como o do Lagarteiro. Brincar é um pilar fundamental no desenvolvimento social da criança, como explica Sarmento:

“Brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas actividades sociais mais significativas. Porém, as crianças brincam, contínua e abnegadamente. Contrariamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério” (Sarmento, 2004:13).

A ludicidade desempenha um papel fulcral na vida da criança e constitui um dos quatro eixos das “*culturas da infância*” (Sarmento, 2004). Sarmento afirma que a “*natureza interactiva do brincar das crianças*” é um dos fundamentos destas culturas, porque brincar funciona como uma aprendizagem da sociabilidade (Sarmento, 2004:14). Por este motivo, acrescenta, o brinquedo faz parte do processo de crescimento das crianças nas diferentes etapas da construção das suas relações sociais.

As culturas da infância constroem-se nas interações com os pares, nomeadamente com os adultos, acabando por ser o reflexo da cultura societal em que se encontram integradas. No caso das crianças que vivem em Bairros Sociais estas culturas acabam por assumir uma importância acrescida, no quotidiano infantil, em parte devido à liberdade de movimento que conquistaram naquele território, assumindo-se como “*formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo*” (Sarmento, 2004:11).

CAPÍTULO II – Metodologias e Actores na Investigação

1. Enquadramento Metodológico

O estudo que aqui apresentamos assume a Sociologia da Infância como a área de estudo de partida para esta investigação – considerando a participação das crianças uma condição prioritária para a sua elaboração –, embora recorrendo à interlocução com outras áreas, nomeadamente à Sociologia Urbana, especificamente com os seus pressupostos e referências sobre as relações entre os indivíduos e o espaço.

Ao longo de todo este processo, as crianças foram encaradas como actores sociais e sujeitos de direitos, ou seja, criadoras da sua própria história. Em todos os momentos, as suas vozes foram valorizadas, ou melhor, ouvidas.

Tradicionalmente, o ponto de vista das crianças era encarado através do dos adultos, ou seja, não existia um espaço próprio para que se pudessem expressar livremente. A Sociologia da Infância defende um papel renovado para a criança nas ciências sociais, ao reforçar a exigência científica de *“construir o conhecimento em parceria com as crianças, encaradas como actores sociais e co-constructores, que podem e devem ser estudados a partir de si próprias”* (Fernandes, 2005:8).

Com a Sociologia da Infância, o processo de socialização é entendido como um processo partilhado entre crianças e adultos, sendo que foi dado o merecido destaque à *“acção social das crianças e à sua participação no processo de socialização”* (Fernandes, 2009:86).

“A Sociologia da Infância permite um outro olhar sobre a infância: um enfoque, que partindo das leituras que as crianças fazem acerca dos seus quotidianos e dos problemas sociais com que se confrontam, permite recentrar a atenção para as problemáticas que condicionam as suas vidas, que porventura poderão passar despercebidas aos olhares adultos, que olham a ordem social das crianças através de lentes adultas” (Fernandes, 2005:105).

Seguindo os pressupostos da Sociologia da Infância, este estudo cresceu tendo em conta o que é importante para a criança e qual o seu ponto de vista sobre as diferentes temáticas

abordadas. As crianças tiveram total liberdade para se expressarem sobre o que lhes era solicitado mas, também, sobre quaisquer outras questões que considerassem pertinentes.

A possibilidade de se manifestarem livremente foi explicada ao grupo desde o primeiro momento, de modo a assegurar uma correcta compreensão dos meandros do estudo e qual o papel que cada um poderia assumir. Num mundo em que o poder tende inevitavelmente para o lado do adulto, ficou explícito que a criança teria sempre a primeira e a última palavra a dizer.

“A maior parte das vezes as crianças são colocadas em contextos sobre os quais têm um controlo muito limitado – os adultos tomam a maior parte das decisões por elas. Ao contrário dos adultos, que podem optar por evitar situações que consideram incómodas ou ameaçadoras, as crianças são constantemente postas perante o desafio de desenvolverem competências em cenários sobre os quais têm um controlo muito limitado” (Graue e Walsh, 2003: 29).

Dotadas de “voz e acção” (Fernandes, 2009:26), as crianças dão a conhecer as suas necessidades, ambições e receios, permitindo-nos conhecer as representações que fazem do que as rodeia.

Este estudo não ambiciona ser representativo de um determinado grupo de crianças, mas tem a pretensão de vir a ser uma ferramenta de intervenção, tendo como ponto de partida a voz activa das crianças.

A partir das suas representações torna-se possível pensar a intervenção no Bairro, tentando colmatar carências e preenchendo necessidades, aumentando a sua qualidade de vida, melhorando as suas expectativas de vida, reforçando competências individuais e colectivas, aumentando a auto-estima e melhorando os níveis de ocupação...

“A consolidação da imagem da criança como actor de direitos sociais exige que se considerem as possibilidades de mudança social a partir da acção humana, neste caso, que se considerem as crianças como actores competentes para a promoção da mudança social nos seus quotidianos” (Fernandes, 2009:89).

No Bairro, onde tudo é vivido e experimentado, a observação e recolha de imagens, atenta e distanciada do quotidiano, poderá resultar numa consciencialização e, quem sabe, assumir-se como um ponto de partida para a descoberta ou redescoberta de um local que pode nunca ter sido realmente “visto”.

1.1. O Paradigma Qualitativo e a Investigação Participativa

Com recurso à metodologia qualitativa, nomeadamente através da investigação participativa, torna-se possível a construção do conhecimento, através das representações das crianças, pois estas são encaradas como indivíduos inseridos numa realidade social que as influenciam e vice-versa.

A investigação qualitativa permitiu-nos compreender uma realidade que não pode ser quantificada, operando ao nível das crenças e valores, numa tentativa de “*ouvir a voz das crianças*” (Sarmento, 2007:18). A importância de ouvir o que as crianças dizem é reforçada por Roberts, que defende que “*escutar as crianças é algo central para reconhecer e respeitar o seu valor como seres humanos*” (Roberts, 2005:247).

Na investigação qualitativa o processo é mais importante do que os resultados obtidos, ou seja, o “como” ocupa o lugar de destaque, tornando-se possível apurar a existência ou não de mudanças e como ocorreram com a ajuda das técnicas qualitativas de investigação.

“O universo não é passível de ser captado por hipóteses perceptíveis, verificáveis e de difícil quantificação é o campo, por excelência, das pesquisas qualitativas. A imersão na esfera da subjectividade e do simbolismo, firmemente enraizada no contexto social do qual emergem, é condição essencial para o seu desenvolvimento. Através dela, consegue-se penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais acções e relações adquirem sentido. Sua utilização é, portanto, indispensável quando os temas pesquisados demandam um estudo fundamentalmente interpretativo” (Paulilo, 1999:136).

O significado assume uma importância vital na investigação qualitativa, no sentido em que interessa conhecer como os indivíduos dão sentido às suas vidas, ou seja, às perspectivas

participantes. Existe uma preocupação, por parte do investigador, em confirmar se as diferentes perspectivas estão a ser devidamente apreendidas, podendo recorrer a este tipo de confirmação junto dos participantes. O registo da forma como os indivíduos interpretam os significados deve ser o mais rigoroso possível (Bogdan e Biklen, 1994).

Essencialmente descritiva, a investigação qualitativa privilegia a recolha de dados sob a forma de palavras, mas também de imagens ou outras, pois apesar de as palavras serem muito importantes, também o são os comportamentos, gestos, atitudes, expressões, entre outros. Esta é uma excelente forma de alcançar informações, por vezes, de difícil acesso.

Dentro da metodologia qualitativa, a opção por uma investigação participativa com crianças justifica-se pela necessidade de dar voz às crianças, um elemento fundamental para produzir conhecimento, nomeadamente sobre o que pensam e sentem sobre o Bairro onde vivem, considerando que, quer as dinâmicas que conduzem à construção de conhecimento – nas quais se privilegiam “*dinâmicas fluentes para a construção da informação*” (Fernandes, 2009:145) –, quer a utilidade que esse mesmo conhecimento poderá assumir nos quotidianos das crianças que vivem em bairros sociais, são dimensões essenciais na investigação participativa.

A investigação participativa alimenta-se da efectiva participação das crianças com o grande objectivo de criar um espaço de cidadania da infância, ou seja, um território da e para a criança e não do e para o adulto. Por este motivo, é uma ferramenta determinante no combate à exclusão.

Neste tipo de investigação a acção da criança é contabilizada e considerada, constituindo o elemento central da investigação, sem o qual a mesma não se poderá desenvolver. Esta é encarada como actor no processo de investigação, não devendo existir qualquer tipo de interferência por parte dos adultos. O papel do adulto deve passar apenas por dar abertura suficiente, no âmbito das estratégias da investigação, que permitam à criança uma verdadeira participação.

“(…) todos aqueles que advogam uma cidadania activa da infância, terão de considerar a organização de políticas e práticas participativas, em que as crianças sejam consideradas indivíduos activos e intervenientes, quer na sua planificação, quer na sua aplicação” (Fernandes, 2006:27).

A construção partilhada do conhecimento (criança/adulto) permite caminhar no sentido da “*transformação social e na extensão dos seus direitos (da criança) sociais*” (Fernandes, 2006:29).

Recorrendo a esta metodologia foi possível dar voz a um grupo de crianças que vive no Bairro do Lagarteiro, sendo este o ponto de partida para conhecer as representações que fazem da infância no local onde vivem. Este conhecimento tornará possível uma intervenção no próprio Bairro.

Partindo do pressuposto de que tudo o que é observável e tem potencial para permitir uma maior compreensão do objecto de estudo, todos os dados da investigação foram recolhidos em forma de palavras e imagens, incluindo entrevistas, textos, desenhos, notas de campo, fotografias, vídeos, entre outros.

As crianças foram sendo ouvidas através de inúmeras ferramentas, nomeadamente de entrevistas individuais e colectivas, textos, desenhos, fotografias, vídeos, entre outros. O discurso oral e directo assumiu grande destaque através da realização de entrevistas, mas os comportamentos, gestos, atitudes, expressões, entre outros, assumiram igual importância.

Todos os dados recolhidos foram respeitados e analisados do modo mais imparcial possível, de forma indutiva, seguindo uma abordagem exploratória, ou seja, em que não existe uma confirmação de hipóteses (teoria fundamentada).

Ao ter como fonte directa de recolha de dados o ambiente natural onde as crianças se inserem (o Bairro), torna-se possível que as suas acções sejam melhor compreendidas, dado que o comportamento humano é influenciado pelo contexto em que ocorre (Bogdan e Biklen, 1994:48). Torna-se, assim, possível dar conhecer o que as crianças experimentam, o modo como interpretam as suas experiências e como estruturam o mundo em que vivem (Bogdan e Biklen, 1994).

“ (...) o estudo da infância constitui esta categoria social como o próprio objecto da pesquisa, a partir do qual se estabelecem as conexões com os seus diferentes contextos e campos de acção; (...) as metodologias utilizadas devem ter por principal escopo a recolha da voz das crianças, isto é, a expressão da sua acção e da respectiva monitorização reflexiva” (Sarmiento, 1997: 24).

As generalizações foram sendo construídas paralelamente à recolha, agrupamento e análise dos dados, acontecendo um permanente questionamento sobre o que se passa, numa tentativa de encontrar o que reside para além daquilo que acontece.

“Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes. O processo de análise dos dados é como um funil: as coisas estão abertas de início (ou no topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo” (Bogdan e Biklen, 1994:50).

A investigação teve início com entrevistas individuais a cada criança, tendo utilizado, posteriormente, entrevistas de grupo. Esta evolução viria a ser orientada pelas próprias crianças, que revelaram essa necessidade no decorrer das mesmas. O mesmo aconteceu com outras técnicas participativas, nomeadamente com os pequenos grupos de discussão, que se organizaram, neste caso, para discutir a relação entre a infância e o bairro, nos quais tivemos o cuidado de considerar.

“(…) um número limitado de tópicos de conversa, assumindo o investigador o papel de facilitador, deixando a conversa desenrolar-se entre os sujeitos que nela participam” (Fernandes, 2005:162).

A investigação pretendia, também, retratar o Bairro do Lagarteiro através das *lentes* das crianças, utilizando para tal recursos como a fotografia e o vídeo. Como diz Martins, a fotografia é usada como uma ferramenta para a “*representação social e memória do fragmentado*” (Martins, 2008:35). Todo este material é susceptível de ser/ter significado e de ser interpretado.

A partir das imagens e testemunhos recolhidos foram caracterizados os percursos de vida, nomeadamente as práticas e representações do local onde habitam e de como ali vivem as crianças a sua infância. Por sua vez, a autora registou e interpretou os seus discursos, como mera espectadora, tentando não impor o seu poder de adulto.

A utilização da fotografia e do vídeo não surgiram como formas alternativas ao registo escrito, mas sim como complemento ao mesmo. Considerou-se representar uma mais-valia a possibilidade de dotar cada criança com uma câmara fotográfica e, posteriormente, com uma

câmara de vídeo, que foi passando de mão em mão, possibilitando, a todos os interessados, mostrar a sua perspectiva dos temas em foco.

“ (...) a fotografia é um dos componentes do funcionamento desta sociedade intensamente visual e intensamente dependente da imagem. Mas, obviamente, não é ela o melhor retrato da sociedade. É nessa perspectiva que se pode encontrar o elo entre a cotidianidade e a fotografia, a fotografia como representação social e memória do fragmentário, que é o modo próprio de ser da sociedade contemporânea” (Martins, 2008:35).

A expressão gráfica, através de textos e de desenhos, foi produzida em contexto de sala de aula, fazendo-se sempre acompanhar dos comentários das próprias crianças sobre o que estava a ser realizado. Algumas vezes, estes materiais foram produzidos em contexto de grupo, outras vezes individualmente.

Os registos escritos da criança, nomeadamente os textos redigidos pelo grupo para o jornal “Diário do Lagarteiro”, também foram tidos em conta e analisados.

Outras técnicas visuais, nomeadamente o desenho, foram assumidas como forma de expressão sobre o tema em estudo, devido ao grande interesse e riqueza que transportam. Sarmento defende tratar-se de uma das mais importantes “*formas de expressão simbólica das crianças*”, sendo que comunica através de imagens de um modo distinto e “*para além do que a linguagem verbal pode fazer*” (Sarmento, 2006:22). Não obstante, muitas vezes, a verbalização das crianças sobre as “*figuras e os motivos inscritos no papel*” são paradoxais e “*fora da inteligibilidade dos adultos*” (Sarmento, 2007:18).

Numa primeira fase, os desenhos foram realizados individualmente e, numa segunda fase, foram feitos em grupo.

“Depois, porque o desenho infantil, não sendo apenas a representação de uma realidade que lhe é exterior, transporta, no gesto que o inscreve, formas infantis de apreensão do mundo – no duplo sentido que esta expressão permite de “incorporação” pela criança da realidade externa e de “aprisionamento” do mundo pelo acto de

inscrição - articuladas com as diferentes fases etárias e a diversidade cultural” (Sarmento, 2006:22).

Todas estas ferramentas tornaram possível a realização desta investigação, da qual resultou um considerável número de dados e elementos, que nos permitiram conhecer e compreender as representações das crianças sobre o Bairro, de um modo legítimo e fidedigno.

1.2. Contextualização do Espaço e dos seus Actores

1.2.1. O Bairro do Lagarteiro



Foto nº 3

Bairros sociais do Vale de Campanhã/mapa parcial (D.R.)

O Bairro do Lagarteiro encontra-se localizado no vale de Campanhã, na freguesia de Campanhã, a zona mais oriental da cidade do Porto. Considerado o Bairro mais periférico da área metropolitana do Porto, por se encontrar no limite da cidade, faz fronteira, a nascente, com o concelho de Gondomar.

A freguesia de Campanhã conta, actualmente, com 13 bairros sociais: Agrupamento do Falcão, Agrupamento das Antas, Agrupamento do Ilhéu, Contumil, Cerco do Porto, Falcão (I e II), Lagarteiro, Eng.º Machado Vaz, Monte da Bela, Pio XII, São João de Deus (apenas casas térreas) e São Roque da Lameira.

A zona de Azevedo de Campanhã, onde se encontra localizado o Bairro, é uma região marcadamente rural e residencial. A estrutura, onde actualmente assenta esta localidade, resultou dos acidentes topográficos marcados pela existência de dois cursos de água, que viria a dar origem a vias estreitas e de traçado irregular. A ocupação desta área foi-se fazendo através de pequenas casas rurais e, somente na década de 70, é que surgiram as habitações sociais que edificam o Bairro do Lagarteiro.

A construção do Bairro remonta à implementação do “Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto”, em 1956, responsável pela construção dos principais bairros sociais nesta cidade. Durante este período, os bairros municipais tornaram-se a face mais visível do Vale de Campanhã, onde actualmente habita cerca de 1/5 da população (Ribeiro e Amaral, 1999:43).

“Os programas consecutivos de realojamento, fizeram desta zona a mais densificada de “bairros sociais”. Cerca de um quinto da habitação social existente no concelho do Porto foi edificado nesta freguesia, principalmente no decurso dos anos 60 e 70, como por exemplo, os bairros do Cerco do Porto (com cerca de 900 fogos) e do Lagarteiro (com cerca de 450 fogos), que se contam entre os mais conhecidos devido aos seus problemas sociourbanísticos” (Sousa e Pimenta, 2001:14).

Estes bairros, nomeadamente o do Lagarteiro, foram edificados numa “*perspectiva estritamente económica de curto prazo*”, pelo que assumem praticamente apenas uma “*função residencial e são muito deficitários em equipamentos sociais e em actividades económicas, culturais e de lazer*” (Sousa e Pimenta, 2001:14).

Considerado um dos bairros problemáticos da cidade do Porto, o Lagarteiro apresenta-se como “*um contexto residencial marcado por intensos processos de segregação social e urbana (...) desintegrado da malha urbana envolvente*” (Marques, et al, 2008). Para tal contribuem a “*concentração de populações de baixo estrato socioeconómico em zonas urbanas periféricas (...) tem tido impactos sociais muito negativos*” (Sousa e Pimenta, 2001:14).

“De facto, o Bairro do Lagarteiro resultou, em termos gerais, da atitude abstracta de mera ocupação de uma bolsa de terrenos disponíveis, ocupação essa marcada ainda pela desventura do modelo

funcionalista que informou o respectivo desenho e que não se capacitou, nem a “fazer cidade” com conotados claramente urbanos, nem a “abrir”-se e articular-se à malha de matriz linear, e de organicismo elementar, de Azevedo. Assim, o Bairro do Lagarteiro constituiu-se, à partida, como forma segregada e como fragmento, com a agravante de não possuir qualquer coerência morfológica, ser estilhaçado e desarticulado internamente” (Marques, et al, 2008:9).



Foto n° 4

A zona mais rural do Bairro (Sombra, 9 anos, 2010)

O Bairro do Lagarteiro encontra-se localizado numa zona bastante rural e desintegrado da malha urbana envolvente, apresentando-se bastante fechado sobre si mesmo. Para este fenómeno contribuem factores como o distanciamento geográfico da cidade do Porto e uma rede de transportes colectivos e acessos viários deficientes e limitados.

O Lagarteiro e a zona envolvente são servidos por apenas dois transportes públicos dos STCP e em horário diurno⁴. O autocarro n° 400 liga São Bento, no centro do Porto, a Azevedo em Campanhã e o ZR liga, pela zona ribeirinha, a Alfândega do Porto a Campanhã.

Em 2005, com a construção da Alameda de Azevedo, deu-se início a um processo de transformação das acessibilidades na zona. Não obstante, é ainda insuficiente e o Bairro continua a ser alvo de um processo de segregação espacial e territorial.

O Bairro do Lagarteiro, composto por 13 blocos habitacionais, contempla duas fases de construção. A primeira, concluída em 1973, edificou 273 fogos e a segunda, terminada em 1977,

⁴ Itinerários STCP disponíveis em: <http://www.stcp.pt/pt/home/principal.htm>

ergueu mais 198. Com um total de 446 habitações, e tipologias entre T1 e T5, o Bairro alberga cerca de 1776 pessoas (Marques, et al, 2008).



Foto n°5

O Bairro do Lagarteiro nos anos 70 (D.R.)



Foto n°6

O Bairro do Lagarteiro em 2010/2011 (Maria João Pereira, 2010/2011)

O Bairro é constituído por uma população jovem, com uma média etária de 35 anos (37,8% tem menos de 25 anos), ainda que quase 15% da população tenha mais de 60 anos. Muitas famílias são compostas por idosos, que acabam por estar mais susceptíveis a situações de pobreza, isolamento social, dependência e doença.

No Bairro predominam as estruturas familiares de grande dimensão, registando-se níveis elevados de sobrelotação habitacional. Para este fenómeno contribui a monoparentalidade materna, nomeadamente a gravidez precoce na adolescência, que incide sobretudo em mulheres entre os 15 e os 19 anos, e resulta de uma dependência económica, social e residencial dos familiares próximos.

“Aqui a monoparentalidade é uma situação essencialmente vivida no feminino, tendência semelhante à que ocorre a nível nacional, em que as famílias maternas continuam a ser a maioria deste tipo de núcleo (86,4%). No Bairro (*do Lagarteiro*), tais núcleos têm uma expressão na ordem dos 11,1%.

Tratam-se de famílias de mães sós, com forte dependência económica, social e residencial dos familiares mais próximos, sendo por isso mais marcada a co-residência com outros núcleos (família alargada e múltipla). Por se tratar sobretudo de mães sós e muito jovens, são geralmente famílias mais vulneráveis quer economicamente, quer do ponto de vista dos cuidados prestados às crianças” (Marques, et al, 2008:6).

Os níveis de qualificação escolar são bastante baixos, reduzindo-se à frequência escolar do ensino básico e ao primeiro ciclo, sendo o abandono e insucesso escolar, um dos principais problemas deste Bairro.

Os residentes que têm uma ocupação profissional por conta de outrem (90,1%) distribuem-se entre funções administrativas, comerciais, operários e trabalhadores indiferenciados, geralmente trabalho pouco qualificado, como empregados de balcão ou armazém, empregadas de limpeza, operários da construção civil, motoristas, seguranças, costureiras, electricistas, serralheiros, etc.

No ano de 2001, cerca de 16,6% da população do Bairro encontrava-se desempregada, sendo que as perspectivas de ingresso no mercado de trabalho permaneciam bastante reduzidas. Tal deve-se, em parte, devido aos níveis de qualificação profissional dos desempregados e ao facto de muitos indivíduos se manterem “vinculados” a actividades na economia informal de natureza diversa e às prestações sociais que asseguram um rendimento de sobrevivência. Recorde-se que cerca de 75% das famílias recebem o Rendimento Social de Inserção.

As actividades económicas existentes no bairro são pontuais e informais, sem qualquer perspectiva de duração ou evolução, com excepção da venda ambulante. As formas de rendimento alternativas passam pelas pensões dos mais idosos, prestações sociais e actividades informais e ilícitas. Porém, as alternativas profissionais existentes, geralmente precárias, não asseguram uma mudança que confirme o fim da inactividade profissional existente.

É neste contexto “*problemático em termos sociais, económicos, ambientais e urbanísticos*”, que surge a necessidade de intervir. Com o grande objectivo de encontrar “*respostas urgentes e eficazes*”, surge o projecto Iniciativa Bairros Críticos “*resultante de um trabalho articulado e coeso por parte das diferentes entidades potencialmente pertinentes para intervirem naquele território e que, até à data, se têm mantido afastadas deste projecto*” (Marques, et al, 2008:11).

1.2.2. Iniciativa Operações de Qualificação e Reinserção Urbana de Bairros Críticos



Foto n.º7

Gabinete do Projecto Iniciativa Bairros Críticos Lagarteiro

(Maria João Pereira, 2011)

Sediada no Bairro desde Março de 2009, a Iniciativa Bairros Críticos (IBC) foi criada em Resolução do Conselho de Ministros n.º 143/2005 (7 de Setembro), com o objectivo de implementar uma política de cidades que reconhecesse o sistema urbano e as cidades que o constituem como um todo.

A equipa do projecto encontra-se sediada no bloco 9, entrada 152, do Bairro do Lagarteiro, numa habitação cedida pela Câmara Municipal do Porto.

A criação e implementação de um projecto como a IBC resultaram da necessidade de intervir em determinadas áreas urbanas críticas que, devido à sua complexidade, exigiram o

recurso a métodos inovadores de intervenção, nomeadamente através do envolvimento local e desenvolvimento das competências das populações.

As áreas urbanas críticas agregam inúmeros problemas sociais. Estes espaços, geralmente degradados, acolhem um estrato populacional desfavorecido, frequentemente alvo de um forte estigma social. A discriminação e marginalização social de que estas populações são alvo resultam, muitas vezes, na adopção de comportamentos desviantes.

Neste contexto, a IBC propõe-se desenvolver soluções de qualificação de territórios urbanos vulneráveis, através de intervenções sócio-territoriais integradas, trabalhando sobretudo a qualidade de vida e funcionalidade, a competitividade e inovação, a reabilitação e valorização dos espaços urbanos consolidados e a qualificação e reinserção urbana de áreas críticas.

Assentando nas ideias-chave experimentar, aprender e inovar, o projecto Iniciativa Bairros Críticos encontra-se implementado, de forma experimental, em três territórios: Cova da Moura (Amadora), Lagarteiro (Porto) e Vale da Amoreira (Moita). Para cada território foi estabelecido um programa de intervenção no sentido de dar resposta a problemas estruturais e criar oportunidades a partir das potencialidades existentes nos territórios.

Com este objectivo foi criado um grupo de trabalho e assinado um protocolo de parceria entre todas as entidades – uma vasta e diversificada rede de actores – envolvidas na sua execução.

A coordenação desta iniciativa é do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. O modelo de gestão da Iniciativa tem uma Comissão de Acompanhamento em cada território composta por representantes de oito ministérios e das câmaras municipais envolvidas e conta com a parceria de mais de 90 entidades públicas, organizações e associações locais. É uma comissão consultiva que acompanha a execução de todo o plano de intervenção, produz e aprova os planos de acção anuais, facilita as ligações entre os projectos da Iniciativa (ou fora dela) e assegura a produção de sinergias entre todos os participantes. Numa fase inicial foi feita a caracterização da realidade do Bairro do Lagarteiro, através da identificação de problemas e potencialidades, com vista à criação de um plano de intervenção.

Na fase do diagnóstico todos os parceiros e população foram envolvidos de modo a traçar uma boa caracterização deste território e das suas problemáticas. Durante o processo de diagnóstico foram sentidas algumas dificuldades, nomeadamente em partilhar informações sobre o Bairro, que se foram diluindo ao longo do tempo. Outra dificuldade sentida foi a construção de consensos e tomadas de decisão.

Na intervenção inicial, a equipa técnica dedicou-se à escuta das aspirações, gostos, motivações e interesses de toda a população residente no local.

Com esta intervenção a IBC pretende que o Bairro do Lagarteiro seja um “*espaço residencial aberto, seguro e com qualidade urbana, onde o gosto pela aprendizagem e a convivência alargada reforcem as oportunidades, individuais e colectivas, para prosperar e para uma melhor integração na cidade*” (Marques, et al, 2008:2).

Como principais objectivos gerais destacam-se abrir o Bairro à cidade e a cidade ao Bairro; melhorar a imagem e a qualidade urbana; aumentar a qualidade de vida da população residente; melhorar as expectativas de vida dos residentes e reforçar as competências individuais e colectivas, numa lógica de *empowerment*.

Para o efectivo alcance destes objectivos, a IBC traçou um projecto de mudança no Lagarteiro, que prevê múltiplas intervenções e dinâmicas de acção. Entre estas destacam-se a implementação de estratégias direccionadas para as problemáticas da toxicod dependência, exclusão social e iniciativas de mediação familiar e comunitária; desenvolvimento da educação ambiental, artística e a cultura da participação activa, através do aumento das habilidades sociais da população; desenvolvimento da articulação dos programas em curso na Administração Regional de Saúde do Norte (vacinação, saúde da mulher, criança e idosos, rastreio oncológico e da tuberculose) com vista a avaliar a real situação epidemiológica; desenvolvimento de iniciativas para prevenir a maternidade na adolescência; promoção de actividades desportivas coordenadas por animadores especializados, implementação de um projecto de hortas biológicas e criação de um jornal de bairro (“Diário do Lagarteiro”); desenvolvimento do policiamento de proximidade; mobilização da comunidade para a participação na identificação dos problemas e na procura de soluções.

Quadro II – Programa de Intervenção do Lagarteiro para o Período 2008/2013⁵

EIXO 1. Requalificação Urbanística e Ambiental do Bairro

1.1. Reabilitação/Conservação Edifícios	a) Reabilitação das partes comuns dos edifícios
1.2. Reabilitação e Manutenção de Espaços de Habitação	a) Reabilitação física de fracções habitacionais devolutas. b) Apoio e mobilização dos residentes para a reparação e remodelação do interior dos fogos de acordo com o programa municipal “Casa como Nova”. c) Reabilitação física do interior dos alojamentos sempre que tal se mostre necessário e não se encontre no âmbito do programa “Casa como Nova”. d) Disponibilização aos moradores de um Manual da Casa: uso, fruição e manutenção.
1.3. Novos espaços públicos ou colectivos	a) Qualificação e reorganização urbanística de novos espaços públicos no bairro. b) Promoção de acessibilidades que articulem o bairro com o seu exterior (via pedonal e rodoviária). c) Desenvolvimento de acções de sensibilização para a “Manutenção e Vivência dos Espaços Públicos”.
1.4. Novos equipamentos no bairro e na envolvente do bairro	a) Sede do projecto – a activar; b) Espaço(s) ANIMAR – a activar; c) Centro social de Azevedo.

⁵ Fonte: IBC Lagarteiro

EIXO 2. Promover uma Cidadania Activa

2.1. Saúde É Vida	a) Acções dirigidas à problemática das dependências e outras manifestações de exclusão social. b) Acções saúde e família: cuidados intergeracionais.
2.2. Segurança Activa	a) Núcleo de Segurança Comunitária. b) Iniciativas de mediação familiar e comunitária.
2.3. Escola Em Rede	a) Nós e o Ambiente: promover o desenvolvimento da educação para a cidadania ambiental. b) Educar para a Arte (1.º Ciclo e pré-primária). c) Eu sou Capaz: Promoção de projecto de vida que oriente os alunos para a confiança e uso das potencialidades. d) Férias Grandes. e) Escola Acessível. f) Tempos livres para o sucesso escolar.
2.4. A.N.I.M.A.R. – Atrair, Negociar, Incentivar, Mobilizar, Activar, Reinsereir	a) E-Bairro – Criação de uma Plataforma de divulgação das TIC's. b) Oficinas (de) Vida – implementação de espaços destinados à prática de desportos, dança, expressão plástica, artesanal, de fotografia, de teatro, de música,etc. c) Oficina da Criança - espaço destinado ao desenvolvimento de actividades lúdicas e de dinamização do tempo livre. d) Preparação do espaço de convívio e lazer para a população. e) Bairro (Com) Vida - promover uma oferta sistemática de manifestações artísticas. f) Desporto é Futuro. g) Eco-Bairro. h) Aprenditeca. i) Lagarteiro Mix – Rádio Comunitária. j) (Pro)habilidades Sociais
2.5. Comunidade Empreendedora	a) Criação do Gabinete/equipa de Emprego e Empreendedorismo do Lagarteiro
3. Questões Operacionais, Participação, Proximidade, Informação	3.1 Criação Gabinete Técnico Local. 3.2 Avaliação, Monitorização, Apoio Técnico. 3.3 COP's, E-Learning 3.4 Seminários Apoio Técnico/Formações Específicas Locais. 3.5 Documentário/sistema Comunicação.

Fonte: IBC Lagarteiro, 2011

Entre as muitas actividades de capacitação a decorrer encontram-se algumas de cariz material, como a reabilitação e conservação dos edifícios, a reabilitação e manutenção de espaços de habitação, a criação de novos espaços públicos/colectivos e equipamentos no Bairro (e sua envolvente).

De salientar que, neste momento, encontra-se em curso a reabilitação das partes comuns dos edifícios. A primeira fase, que abrange nove blocos, teve início em Setembro de 2010, sendo que a segunda fase, que irá abarcar os restantes quatro, está prevista para 2012 e 2013.

Encontra-se a decorrer, simultaneamente, a reabilitação física de fracções habitacionais devolutas e a construção, num terreno contíguo ao Bairro, de um espaço multiusos, o Espaço(s) Animar.

A área exterior da escola EB1/JI do Lagarteiro, situada no centro geográfico do Bairro, também está a ser alvo de um projecto de requalificação.

1.2.3. A EB1/JI do Lagarteiro



Foto nº8

“Foi para tirar uma foto à nossa escola na parte da frente da sala”

(Barbie, 10 anos, 2010)

Localizada no “coração” do Bairro, no número 454 da rua do Lagarteiro, a EB1/JI do Lagarteiro é uma escola TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária) e faz parte do Agrupamento de Escolas Ramalho Ortigão.

Este estabelecimento de ensino – composto por dois edifícios independentes mas com comunicação –, foi inaugurado no dia de 13 de Fevereiro de 1960, tendo iniciado actividade no ano lectivo de 1959/1960. Ao longo dos tempos, a EB1/JI do Lagarteiro foi sofrendo alterações e, em Abril de 2011, o espaço exterior foi alvo de profundas remodelações. As intervenções, que aconteceram no âmbito do projecto Iniciativa Bairros Críticos, tiveram como principal objectivo garantir uma maior segurança e criar espaços didácticos e de lazer. As principais alterações passaram pela substituição de todo o gradeamento que envolve a escola, a edificação de novos muros e vedações, a colocação de piso sintético, zonas de jogo com marcação de pavimento em algumas áreas do recreio escolar e um pequeno parque infantil.

A nível de recursos humanos a EB1/JI do Lagarteiro conta com uma equipa de 26 elementos: uma coordenadora, 11 professores de 1º ciclo (um dos quais dá apoio e o outro encontra-se, no momento, ao abrigo do artigo nº79 do estatuto da carreira docente), duas professoras de ensino especial (apoio pontual), um professor tutor, três assistentes operacionais na EB1, duas educadoras, três assistentes técnicas no jardim-de-infância, uma animadora sociocultural, uma tarefeira e dois porteiros.

A EB1/JI do Lagarteiro conta com 214 crianças (54 no jardim-de-infância e 160 no primeiro ciclo), sendo que os alunos que frequentam a escola são, na grande maioria, moradores do bairro do Lagarteiro. Os restantes habitam as redondezas, nomeadamente a zona de Azevedo de Campanhã, que compreende o Bairro, as ruas da Aldeia, das Areias, do Gato, de Fagundes, da Granja, do Mural e de S. Pedro.

De salientar que este estabelecimento de ensino se situa num contexto de forte incidência da pobreza e exclusão, sendo que a maior parte dos alunos que frequentam esta escola são oriundos de famílias carenciadas, alguns deles com condições de habitabilidade precárias e com baixo nível de instrução. De modo geral, estas crianças não têm hábitos de trabalho em sala de aula, têm níveis de conhecimento fracos e a aprendizagem faz-se com bastante dificuldade. O comportamento da grande maioria é igualmente difícil.

Os elementos do grupo em estudo enquadram-se neste cenário, partilhando as mesmas carências e vivências. Sete dos 10 elementos que participaram nesta investigação encontram-se em situação de tutoria, ou seja, estão sujeitos a um processo em que "*professores ajudam e apoiam a aprendizagem de outras de uma forma interactiva, sistemática e significativa*" (Topping, 2000:3).

Na EB1/JI do Lagarteiro existe um professor tutor, que acompanha os alunos considerados de risco. Este alerta pode ser dado pela professora titular que os acompanha ou através do trabalho que o tutor faz a cada turma, com vista a detectar alguma situação de risco.

Os motivos que, nesta realidade específica, desenvolvem um processo de tutoria prendem-se com questões relacionadas com comportamento, absentismo e abandono escolar, falta de apoio familiar (ausência dos cuidados mínimos como higiene, assistência na doença, alimentação, etc.), suspeitas de violência doméstica, entre muitas outras.

Uma vez detectada alguma situação de risco o tutor contacta a família, com vista a alertar e a resolver o assunto em causa. No caso de a família ser beneficiária do Rendimento Social de Inserção, a assistente social é informada. Nos casos mais graves, a criança é assinalada para a

Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ). Neste momento, três dos 10 elementos que participaram neste estudo encontram-se sinalizados na CPCJ.

A partir do momento em que o aluno incorre num processo de tutoria, o professor tutor assume a responsabilidade de o acompanhar na sua formação académica, mas também pessoal e social; envolver pais e encarregados de educação em actividades de controlo do trabalho escolar e de integração dos seus educandos; articular com vários organismos internos do Agrupamento (Equipa TEIP, Grupo de Intervenção contra a Indisciplina, Absentismo e Abandono) e parceiros externos (CPCJ, Segurança Social, Projecto Bairros Críticos, Colégios, Autarquias, etc.); promover a articulação das actividades escolares do aluno com outras ofertas formativas existentes na escola (clubes, oficinas, biblioteca, sala de estudo), entre outras (Dias, 2008:3,4).

Em Setembro de 2009, o professor tutor da EB1/JI do Lagarteiro, em articulação com a direcção da escola e a Iniciativa Bairros Críticos, recomendou que uma turma de natureza particularmente difícil integrasse o recém-criado projecto intitulado Clube de Jornalismo.

O 4º C, que apresentava dificuldades que superavam as restantes turmas, tinha urgência de estratégias eficazes para combater todas estas contrariedades. Assim se iniciava o percurso do Clube de Jornalismo neste território TEIP.

1.2.4. O Clube de Jornalismo



Foto n.º9

Clube de Jornalismo (Maria João Pereira, 2010)

A decorrer na EB1/JI do Lagarteiro desde o ano lectivo 2009/2010, o Clube de Jornalismo (CJ) surge no âmbito do projecto Iniciativa Bairros Críticos e da medida A.N.I.M.A.R. (Atrair, Negociar, Incentivar, Mobilizar, Activar, Reinserir) por este implementada, com o objectivo de criar, desenvolver e reforçar competências.

O CJ trabalha apenas com uma turma do 4.º ano de escolaridade, sendo que nove crianças se encontram no 4.º ano e as restantes no 3.º. Esta turma é oficialmente considerada de 4.º ano, pois a maioria dos alunos encontra-se neste grau de escolaridade. Os restantes são uma minoria. Quando uma turma se inicia no 1.º ano de escolaridade supõe-se que os seus elementos permaneçam juntos até ao final do primeiro ciclo. Por este motivo, quando acontecem retenções, passam a existir turmas que abrangem alunos com diferentes graus de escolaridade.

No caso específico do 4.º C, os seus elementos são provenientes de diferentes contextos, não tendo iniciado um percurso juntos. Esta turma formou-se com alunos provenientes de uma turma de Percursos Curriculares Alternativos (PCA), com alguns que ficaram retidos e com uma transferência da EB1/JI do Cerco. Assim, nesta turma concentraram-se os casos mais complicados, com maior número de retenções e maior grau de absentismo deste estabelecimento de ensino.

Tendo iniciado funções em Setembro de 2009, o CJ proporciona uma troca de experiências, expectativas e vontades, num espaço exclusivo destas e para estas crianças. Ao longo de quatro horas semanais, são trabalhados os diferentes conceitos associados ao Jornalismo, nomeadamente a língua portuguesa (oralidade e escrita), e a comunicação nas suas múltiplas vertentes. Para além das temáticas curriculares, como a escrita, a organização dos pensamentos/ideias e consequente exposição oral das mesmas, o CJ proporciona a aquisição de ferramentas permitem que facilitam o auto-conhecimento e a auto-expressão como sujeitos activos.

No Clube de Jornalismo a autonomia de expressão é canalizada através de um jornal trimestral editado pelas próprias crianças, onde não existem restrições para dar asas à liberdade de manifestação⁶. O “Diário do Lagarteiro” dá voz aos pequenos jornalistas, às suas vivências, angústias e alegrias, mas também mostra um pouco da realidade do bairro, dando conta de actividades, iniciativas, costumes, culturas e potencialidades artísticas.



Foto nº 10

Jornal “Diário do Lagarteiro” (2009)

Ao longo do tempo foi possível constatar que o “Diário do Lagarteiro” tem desempenhado um importante papel no processo de envolvimento das crianças, reforçando a mensagem de que todas têm algo a dizer e de que esse algo tem muito valor. Mesmo sem darem conta, as crianças são actores e agentes de mudança, ao assumirem uma voz participativa e activa.

⁶ Jornais disponíveis em: http://www.portaldahabitacao.pt/pt/ibc/diario_lagarteiro.html

A produção de conteúdos, inteiramente da responsabilidade de cada um, viria a revelar-se determinante para que reconhecessem a importância da sua participação no processo de criação. Para as crianças, tratava-se da confirmação de que o potencial que não acreditavam existir, afinal estava somente adormecido e a aguardar poder ser despertado.

Num mundo em que o poder é assumido pelos adultos é importante dar voz à criança, garantindo-lhe uma oportunidade de perceber o mundo sem inibições ou censuras, encorajando-a a transmitir a sua visão aos demais. A criança encara o mundo que a rodeia a partir do “*seu próprio campo e através das suas vozes*” (Fernandes, 2009:109).

“A maior parte das vezes as crianças são colocadas em contextos sobre os quais têm um controlo muito limitado – os adultos tomam a maior parte das decisões por elas. Ao contrário dos adultos, que podem optar por evitar situações que consideram incómodas ou ameaçadoras, as crianças são constantemente postas perante o desafio de desenvolverem competências em cenários sobre os quais têm um controlo muito limitado” (Graue e Walsh, 2003:29).”

O Clube de Jornalismo pretende ser um espaço de crescimento intelectual, emocional e relacional, promovendo o desenvolvimento pessoal e social das crianças. Como resultado, este grupo, que se mostrava inseguro e receoso no início do processo, provou que era capaz de ter iniciativa, autonomia, capacidade de participação e concretização, revelando um aumento da auto-estima. Num contexto frequentemente discriminado e marginalizado, a auto-estima apresenta-se como uma ferramenta determinante no combate às representações negativas que recaem sobre o Bairro e quem lá habita.

Ao longo de vários meses a autora foi criando relações, não apenas de professora/aluno, mas sobretudo de amizade, preocupação, carinho e empatia, convidando à participação e a um envolvimento cada vez maiores. Simultaneamente foi-se apercebendo das preocupações e motivações deste grupo de crianças, nomeadamente das directamente relacionadas com o Bairro.

Este factor, aliado à proximidade e convívio semanal com este grupo, despertaram a curiosidade de saber mais sobre o quotidiano e vivências destas crianças, ou seja, de uma infância vivida num espaço que é de todos os que nele habitam, o Bairro do Lagarteiro.

À semelhança do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido com o jornal “Diário do Lagarteiro”, o desenvolvimento deste estudo assume-se como mais uma ferramenta que dá voz às

crianças, sendo através das suas representações que iremos conhecer e dar a conhecer a infância que se vive no Bairro do Lagarteiro e o próprio bairro em si.

Em seguida ficamos a conhecer um pouco melhor os intervenientes neste estudo.

1.2.5. Os Sujeitos



As 10 crianças envolvidas neste estudo têm idades compreendidas entre os 9 e os 15 anos e foram estudadas no seu contexto natural (o Bairro do Lagarteiro), com o objectivo de conhecer as representações da infância no local onde vivem. De referir que quatro destas crianças pertenciam à minoria étnica cigana⁷.

Estas crianças são provenientes de famílias com baixos níveis de escolaridade, que revelam um enorme desinteresse em relação ao percurso educativo e escolar dos seus filhos, pois encaram a escolaridade como irrelevante para o futuro das crianças, tanto no que respeita ao desenvolvimento pessoal como social. Por sua vez, os alunos revelam graves défices linguísticos, porque muitos deles provenientes de famílias analfabetas e com baixos níveis culturais.

A grande maioria destas famílias vive em situações precárias a nível de emprego, habitação, saúde, higiene, entre outras. Todos estes factores potenciam, como já vimos, processos de segregação, marginalização, discriminação e exclusão social. Como resultado, quando estas crianças ingressam na escola, os pais depositam baixas expectativas nesta instituição e no papel que os próprios filhos têm a desempenhar durante esse percurso. Os pais têm, habitualmente, baixas expectativas relativamente ao percurso dos filhos na escola e a mais-valia que esta representa no futuro das crianças.

“A relação da família com a escola e as suas expectativas acerca do futuro dos filhos é, como muito bem têm analisado antropólogos e sociólogos da educação, sempre condicionada pelo valor estratégico do investimento, o que, obviamente, não pode deixar de estar intimamente

⁷ Esta categorização decorre da proposta de Carlos Silva e Susana Silva (2000), que sugerem que se fale em “maioria autóctone” e “minorias étnicas ciganas” em Práticas e Representações Sociais face aos Ciganos. O Caso de Oleiros, Vila Verde. *IV Congresso Português de Sociologia*, Braga: Universidade do Minho.

relacionado com a posição da família na estrutura social” (Queiroz e Gros, 2002:26).

Quanto aos professores, muitos evitam as escolas TEIP, por serem consideradas problemáticas. O contexto escolar em bairros *complicados*, segundo Queiroz e Gros, sofre de uma conotação negativa associada à “*falta das capacidades e das disposições para tirar proveito da escola*”. O resultado é as baixas expectativas face ao futuro escolar destas crianças (Queiroz e Gros, 2002:19):

“No que respeita aos agentes educativos, ela instala uma visão fatalista que justifica o não investimento na procura de pedagogias e modos de comunicação concebidos em função da cultura dos alunos. No que toca aos alunos, a referida rotulação equivale a ser tratado com menor investimento, atenção, respeito e equivale, sobretudo, a não ser compreendido como um ser social e culturalmente determinado cujo desenvolvimento depende das oportunidades que lhe são facultadas” (Queiroz e Gros, 2002:19).

O nível escolar da maior parte do grupo é bastante baixo, sendo que alguns elementos, sobretudo da minoria étnica cigana, apresentam muitas dificuldades a nível da leitura e da escrita. Entre o grupo destacava-se um elemento, o Sombra, cujo grau de desenvolvimento intelectual, mas também cultural, se distinguiu entre os demais. Sempre que o grupo se deslocava numa visita de estudo, era ele quem mais intervinha e interagiu oralmente com os actores dos locais de visita.

O seu discurso era sempre alvo de espanto e curiosidade por parte dos adultos que o ouviam. Era notório que o interesse e deslumbre que nele depositavam era um grande motivo de orgulho para o próprio, mas de algum desconforto para o resto do grupo que, na generalidade, se acabava por sentir inferiorizado e se ressentia das intervenções do colega, chegando mesmo a verbalizar esse desconforto.

Será também importante referir que o Sombra era a única criança do grupo que vivia fora do Bairro. A este propósito algumas questões se levantam, nomeadamente relacionadas com a necessidade de desenvolver um olhar mais atento relativamente à caracterização e compreensão destas diferenças.

“(durante a participação no programa) O apresentador da Praça da Alegria, Jorge Gabriel, começou por fazer algumas perguntas aos pequenos jornalistas, nomeadamente ao Gadget, mas as reacções foram de vergonha e timidez. Quando este se aproximava, escondiam e viravam o rosto.

Foi então que o Sombra assumiu o controlo e a palavra. Levantou-se e, literalmente, agarrou no microfone e começou a interagir com o Jorge Gabriel. Respondia às questões com bastante à vontade, como se estivesse habituado àquele ambiente televisivo. Era notório que o apresentador estava fascinado com o Sombra, assim como a audiência presente no estúdio” (Nota de Campo n°2, 6 de Novembro de 2009).

Grande parte destas crianças revela não ter projectos e/ou objectivos de vida, em parte porque são influenciadas pela mentalidade e precariedade das próprias famílias. Excepto alguns casos, os mais jovens não declaram vontades perante o futuro, nomeadamente em relação a uma profissão, já que a maioria boicota o sonho à partida.

“MJ - O que queres ser quando fores grande?

Constança - Quando for grande quero ser veterinária!

MJ - Que bom!

Constança - Mas não vou ser.

MJ - Porquê?

Constança - (encolher de ombros) Porque não. Sei que não vou ser...”

(Constança, 11 anos, Nota de Campo n° 1, 14 de Outubro de 2009).

Associamos a cada criança uma breve nota biográfica, com o objectivo de contextualizar o seu percurso, nomeadamente no Bairro, para melhor compreender as representações que faz do tema em estudo (Pais, 2008). No quadro, seguinte, apresentam-se algumas informações sobre as crianças que participaram na pesquisa, como a idade, género, naturalidade e residência, que consideramos pertinentes para a referida contextualização. De referir que omitimos os seus nomes verdadeiros e que estes se tratam de *nicknames* escolhidos pelos próprios.

Quadro III – Informações Sobre o Grupo de Crianças que Participaram no Estudo

Barbie

Idade	10 Anos
Género	Feminino
Escolaridade	4º Ano
Etnia	Maioria autóctone
Naturalidade	Duas Igrejas (Paredes)
Residência	Bairro do Lagarteiro desde 2003
Nº de Pessoas no Agregado	4
Situação Emprego	Mãe Pai
	Desempregado Desempregado

Batman

Idade	10 Anos
Género	Feminino
Escolaridade	3º Ano
Etnia	Maioria autóctone
Naturalidade	Campanhã (Porto)
Residência	Bairro do Lagarteiro
Nº de Pessoas no Agregado	4
Situação Emprego	Mãe Pai
	Empregada Empregado

Benji

Idade	10 Anos
Género	Masculino
Escolaridade	3º Ano
Etnia	Maioria autóctone
Naturalidade	Massarelos (Porto)
Residência	Bairro do Lagarteiro desde 2007
Nº de Pessoas no Agregado	5
Situação Emprego	Mãe Pai
	Desempregada Desempregado

Constança

Idade	11 Anos
Género	Feminino
Escolaridade	3º Ano
Etnia	Minoria étnica cigana
Naturalidade	Campanhã (Porto)
Residência	Bairro do Lagarteiro desde Novembro de 2008
Nº de Pessoas no Agregado	7
Situação Emprego	Mãe Pai
	Desempregado Desempregado

Diana

Idade	15 Anos
Género	Feminino
Escolaridade	4º Ano
Etnia	Minoria étnica cigana
Naturalidade	Campanhã (Porto)
Residência	Bairro do Lagarteiro desde 2005
Nº de Pessoas no Agregado	5
Situação Emprego	Mãe Pai
	Desempregado Desempregado

Gadget

Idade	10 Anos
Género	Masculino
Escolaridade	3º Ano
Etnia	Minoria étnica cigana
Naturalidade	Campanhã (Porto)
Residência	Bairro do Lagarteiro desde 2005
Nº de Pessoas no Agregado	5
Situação Emprego	Mãe Pai
	Desempregado Desempregado

Joana

Idade	12 Anos
Género	Feminino
Escolaridade	3º Ano
Etnia	Maioria autóctone
Naturalidade	Campanhã (Porto)
Residência	Bairro do Lagarteiro
Nº de Pessoas no Agregado	7
Situação Emprego	Mãe Pai
	Desempregada Desempregado

Schneider

Idade	11 Anos
Género	Masculino
Escolaridade	3º Ano
Etnia	Minoria étnica cigana
Naturalidade	Paranhos (Porto)
Residência	Bairro do Lagarteiro desde Setembro de 2009
Nº de Pessoas no Agregado	5
Situação Emprego	Mãe Pai
	Feirante Feirante

Sombra

Idade	9 Anos
Género	Masculino
Escolaridade	4º Ano
Etnia	Maioria autóctone*
Naturalidade	Aldeia Nova (Trancoso)
Residência	Imediações do Bairro do Lagarteiro desde Setembro 2009
Nº de Pessoas no Agregado	5
Situação Emprego	Mãe Pai Padrasto
	Empregada Situação desconhecida Desempregado

* Esta categorização decorre da proposta de Carlos Silva e Susana Silva (2000), que sugerem que se fale em "maioria autóctone" e "minorias étnicas ciganas" em Práticas e Representações Sociais face aos Ciganos. O Caso de Oleiros, Vila Verde. *IV Congresso Português de Sociologia*. Braga: Universidade do Minho.

Kitty

Idade	10 Anos
Género	Feminino
Escolaridade	3º Ano
Etnia	Maioria autóctone
Naturalidade	Massarelos (Porto)
Residência	Bairro do Lagarteiro desde 2007
Nº de Pessoas no Agregado	5
Situação Emprego	Mãe Pai
	Desempregada Desempregado

As crianças que participaram neste estudo vivem no Bairro do Lagarteiro, à excepção do Sombra, que vive nas imediações, muito perto, sendo que faz o percurso para o Bairro a pé.

Todos os outros vivem em blocos, no Bairro do Lagarteiro, com a família nuclear, geralmente composta por pais e irmãos, ainda que em alguns casos conte com a presença dos avós ou tios.

A grande maioria dos adultos, destas famílias, está desempregada e a receber o Rendimento Social de Inserção. Recorde-se que cerca de 75% da população que habita no Bairro recebe o RSI. Os restantes não têm qualquer perspectiva de mudar a sua situação profissional.

As crianças que participaram neste estudo estão sujeitas a situações bastante complexas e, muitas vezes, dramáticas, algumas das quais nunca foram experimentadas sequer por adultos. As carências e privações a que muitas estão sujeitas não se limitam à falta de recursos financeiros e afins, mas também ao afecto e ao carinho. São sedentas de atenção, exigindo-a em todos os minutos em que o contacto se estabelece. Muitas vezes, quando se sentem particularmente felizes ou gratos, são capazes de mostrar afecto de um modo único e particular. São muitos expressivos e demonstram afecto através do simples toque, mas também de beijos, abraços fortes que quase esganam e até com saltos para o nosso colo.

“(Benji) Estava ainda mais afectuoso do que o habitual, sempre a agarrar-me e a dar-me beijos. Quis fazer-me um desenho e entregou-me um feito por ele, onde dizia que gostava muito de mim. Sempre que pede uma folha de papel para fazer um desenho, pede logo duas, porque acha sempre que os seus desenhos são feios. Sempre que faz um desenho diz que está feio, quer rasgá-lo e fazer tudo de novo. É

sempre assim, sem exceções” (Nota de Campo nº7, 16 de Junho de 2010).

Todos estes factores influenciam modos de estar e agir. Rotuladas como complicadas e elementos perturbadores, estas crianças têm comportamentos difíceis em contexto de sala de aula, mas também no convívio social informal. Ao longo deste estudo acreditamos que estes modos de agir tão desconcertantes para os adultos, muitas vezes, sejam apenas reflexos da extrema necessidade de atenção, onde quer que estejam e independentemente do contexto.

Inicialmente desconfiados, não resistem à curiosidade e, rapidamente, transpõem a vergonha e passam a um modo de estar muito à vontade e descontraído, que pode mesmo causar estranheza. Sentimentos de alegria e entusiasmo confundem-se, muitas vezes, com ansiedade e vergonha, visíveis em muitas situações de saída para fora do Bairro. Sempre que se deslocam, nomeadamente em visitas de estudo, torna-se previsível que o entusiasmo se irá sobrepor à regra e a excitação à calma.

“Quando chegamos ao destino queriam sair rapidamente do autocarro e entrar imediatamente no *Sea Life*. Foi-lhes dito que tinham de esperar, porque havia uma fila, mas não respeitaram e começaram a brincar às corridas com toda a folia. Ao contrário dos outros meninos, que estavam na fila, não ficaram em fila e não se portaram bem. Estavam demasiado excitados.

Quando estávamos prestes a entrar, começaram a esgueirar-se para a entrada, onde não podiam estar ainda, sempre a tentar “furar” um acesso. Logo que viram uns panfletos gratuitos começaram a tirá-los. Querem sempre ficar com o maior número de tudo o que se possa levar gratuitamente. Pegam e guardam imediatamente, como se de um tesouro se tratasse. Quando finalmente entramos foram avisados que não podiam bater nos vidros ou gritar, mas foi quase impossível que tal não acontecesse. Sentiam-se demasiado excitados e maravilhados. Estavam sempre a dizer: “estou a adorar... que fixe!”. Chamavam constantemente as professoras para lhes mostrarem os peixes e afins, mas não se demoravam muito num local, pois queriam ver tudo a que tinham direito, quase como se tudo o que ali estava lhes pudesse escapar entre os dedos...” (Nota de Campo nº8, 16 de Junho de 2010).

Pouco habituados a transpor os muros invisíveis do Bairro do Lagarteiro sentem esses escassos momentos como preciosos e quase únicos. São pequenas portas que se abrem e os levam para lá de uma realidade que nem sempre os acarinha. São crianças com vidas pesadas, como já referimos, mas com a atitude que quase somente as crianças conseguem ter... Vivem cada momento com a alegria que o mesmo merece, sem margem para lembranças das tristezas ou desventuras. Isso fica para depois...

1.3. Roteiro do Percurso da Investigação

O trabalho de campo realizado, no âmbito desta investigação, teve início em Novembro de 2009 – tendo-se prolongado até Julho de 2010 –, após a celebração dos protocolos entre a pesquisadora e as crianças, entre a investigadora e os encarregados de educação e entre a investigadora e o agrupamento de escolas no qual se encontra inserida a EB1/JI do Lagarteiro⁹.

Foi pedido às crianças que participassem no estudo, tendo-lhes sido explicado em que consistia, qual o seu objectivo e os procedimentos a ter em conta. Também lhes foi comunicado que poderiam interromper a participação quando assim o entendessem.

Tendo em conta a privacidade das crianças foi-lhes solicitado a criação de um *nickname*, de modo a preservar a real identidade, ou seja, para que não fossem identificados por terceiros.

No âmbito deste estudo foram diversos os instrumentos utilizados para a recolha de dados: entrevistas individuais e de grupo sobre as questões em estudo; textos realizados no âmbito do jornal “Diário do Lagarteiro”; registo fotográfico do quotidiano das crianças e comentário sobre as fotografias tiradas; registo vídeo do Parque Oriental e do Bairro do Lagarteiro e comentários simultâneos no acto da recolha das imagens; desenhos realizados pelas crianças e comentários aos desenhos; observação participante ao longo do ano lectivo 2009/2010 durante as sessões do Clube de Jornalismo, que decorreram uma vez por semana na EB1/JI do Lagarteiro. De salientar que todos os dados foram alvo de uma análise de conteúdo.

Ao longo destes meses, a investigadora encontrou-se com um grupo de 10 crianças, uma vez por semana, no Clube de Jornalismo. Destes encontros resultou uma observação participante dos modos de ser e agir destas crianças.

No início do processo foi entregue a cada criança uma câmara fotográfica descartável, tendo-lhes sido solicitado que fotografassem o seu quotidiano. Foi-lhes transmitido o objectivo da

⁹ Consultar anexo IV.

missão, ou seja, o registo fotográfico do quotidiano de um dia da semana, entre segunda e sexta-feira, e de um dia do fim-de-semana, entre Sábado e Domingo.

Foi-lhes explicado que o registo fotográfico era um exercício totalmente livre, sendo que deveriam captar apenas as imagens que considerassem pertinentes e reveladores do seu quotidiano. Também lhes foi comunicado que apenas deveriam registar as situações/momentos que consideravam importantes no seu dia-a-dia.

Posteriormente foram agendadas entrevistas individuais, com cada elemento. As entrevistas decorreram durante o mês de Maio de 2010, mediante a disponibilidade das crianças e da respectiva professora, tendo sido a grande maioria realizada em horário lectivo.

As entrevistas individuais dividiram-se em duas fases: uma para comentarem as fotografias que tinham tirado e, a outra, para darem resposta a algumas questões sobre a infância, o Bairro, o quotidiano e a vida para além do Bairro. Estes encontros tiveram lugar numa sala, disponibilizada pela EB1/JI do Lagarteiro, e as suas durações foram bastante distintas. Algumas demoraram mais do que uma hora, outras não se prolongaram por mais de 20 minutos.

A elevada taxa de absentismo escolar constituiu, em determinados momentos, um constrangimento, pois impossibilitou a realização de várias entrevistas na data prevista. Aquando destas situações, as entrevistas foram sendo reagendadas até à sua efectiva realização. Foi este o principal motivo, aliado a alguma falta de disponibilidade da investigadora, que conduziu ao prolongamento das entrevistas ao longo do tempo.

Durante esta fase da investigação foi solicitado às crianças que fizessem desenhos sobre o bairro tendo-lhes sido, posteriormente, pedido que os comentassem. Alguns desenhos foram realizados individualmente, outros foram feitos em simultâneo com o resto do grupo.

As crianças nem sempre estavam receptivas e, conseqüentemente, disponíveis para a realização das tarefas solicitadas. Por vezes, referiam que preferiam desempenhar a tarefa solicitada mais tarde, ou mesmo no dia seguinte. Este foi outro dos constrangimentos encontrados ao longo da investigação, facto que protelou um pouco os trabalhos.

No entanto, sempre que questionadas sobre a vontade e a possibilidade de desistirem do estudo, já que não se encontravam disponíveis para a colaboração no processo, reagiam negativamente a essa ideia e mostravam vontade de continuar. De referir que, ao longo da investigação, não ocorreu uma única desistência.

A segunda fase do trabalho de campo passou por uma visita guiada ao Parque Oriental do Porto, para registo vídeo. O desafio era que o grupo conduzisse a investigadora pelo Parque, num

percurso totalmente orientado pelas crianças. O repto foi aceite e o papel da investigadora limitou-se a seguir, com a câmara de vídeo, os trajectos sugeridos pelo grupo.

Esta tarefa cumpriu os objectivos propostos, sendo que foi totalmente liderada e conduzida pelas crianças, ou seja, o grupo assumiu total controlo e orientou a investigadora numa efectiva visita guiada pelo Parque Oriental. Todos os percursos sugeridos pelo grupo foram registados em vídeo, assim como os seus discursos e comentários. Mais tarde, todos estes elementos seriam analisados.

Pouco tempo depois, o grupo seguiu numa nova incursão, desta vez pelas ruas e espaços do Bairro do Lagarteiro, igualmente para registo vídeo. O desafio era semelhante ao proposto na visita ao Parque Oriental, com o comando da operação a ser totalmente adoptado pelas crianças. Nesta etapa, a câmara de vídeo foi assumida, grande parte das vezes, pelas próprias crianças, que tiveram total controlo sobre o percurso e pela gravação realizada.

Dias mais tarde, repetiu-se um novo circuito pelo bairro, mas desta vez com a presença de um número mais reduzido de crianças. Note-se que não foi possível, em nenhum destes percursos, reunir a totalidade do grupo. Tal deve-se, sobretudo, ao facto de estes trajectos se realizarem fora do horário escolar, tratando-se de motivo suficiente para algumas crianças não comparecerem ao ponto de encontro previamente agendado. O motivo prendeu-se com questões variadas, desde a não autorização dos pais para se ausentarem após o período lectivo, devido à incompatibilidade de horários, nomeadamente com sobreposição de compromissos, mas também devido à falta de interesse de alguns elementos em participar numa actividade, para além do horário lectivo.

Na fase final do trabalho de campo foi realizada uma mesa redonda, com a participação de todas as crianças, em que lhes foi pedido que falassem livremente sobre todas as questões em análise ao longo dos meses.

Pouco depois, foi solicitado ao grupo que, em conjunto, realizasse um desenho, em papel cenário, sobre o Bairro do Lagarteiro. Este contou com a participação de todas as crianças que fizeram parte do estudo.

Foram estes os elementos recolhidos para análise e que constituíram o epicentro do trabalho de investigação que aqui se apresenta.

CAPÍTULO III – Modos de Ser Criança no Bairro do Lagarteiro a Partir das Suas Vozes

1. Um Primeiro Olhar com as Crianças sobre o Bairro do Lagarteiro

“No início, o Bairro era só feito com dois ou três blocos.

Haviam muitas árvores, ainda não existia a escola.

Haviam também poucas estradas para aqui”

(Sombra, 9 anos, 2010)



Foto nº11

Construção de um desenho de grupo sobre o Bairro do Lagarteiro

(Maria João Pereira, 2010)

Existem várias formas e perspectivas de dar a conhecer um bairro social. A que nos propusemos foi através de um grupo de 10 crianças que nele habita. Quisemos conhecer e explorar este território através dos seus olhares e orientações, que nos levaram por caminhos que somente elas percorrem. Ao longo desta jornada foram-nos revelando modos de estar e agir, mas também alguns segredos e esconderijos que somente elas sabem e conhecem.

Através das suas vozes, das suas palavras, dos seus desenhos, dos seus olhos e das imagens por elas captadas, ficamos a conhecer melhor o Bairro do Lagarteiro e, mais importante, as representações que estas crianças fazem do lugar onde vivem.

Lançamos-lhes o desafio de nos guiarem em território que nos era desconhecido mas, para elas, tão familiar. Quisemos saber tudo e questionamos sobre tudo... Qual a definição de bairro? Como é viver ali? Como é ser criança naquele lugar? Quais os espaços que lhes pertencem e como deles se apropriam? O que existe para além daquele território? Qual o lado bom e o lado menos bom de morar num bairro? O que poderia ser melhor ou, pelo menos, diferente?...

Quisemos conhecer o que estas crianças pensam sobre o Bairro, perceber como se movem naquele local e, partindo do pressuposto que “*espaços específicos remetem para determinados comportamentos*” (Carmo, 2006:49), que relações ali promovem e desenvolvem.

No momento de definir a palavra bairro, este grupo de crianças baseou-se nas experiências de vida adquiridas no Lagarteiro. Partindo deste pressuposto específico, ou seja o Bairro do Lagarteiro, apresentaram a sua definição geral do que é um bairro.

“A imagem que a criança tem ou possa ter da cidade é sempre o resultado da vivência, do envolvimento físico e emocional com os espaços urbanos, e da participação na vida da mesma” (Malho, 2010:56).

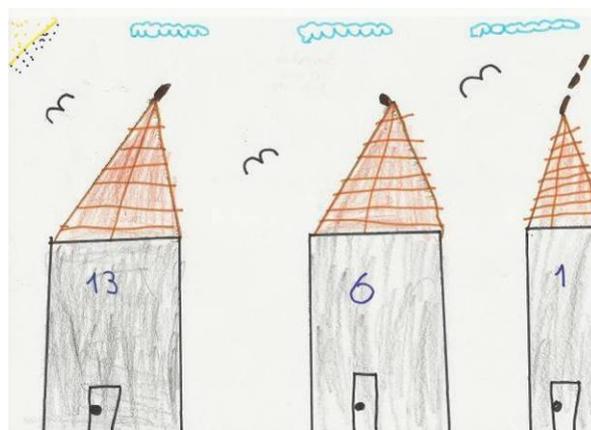


Fig.5

“É os bairros do Lagarteiro” (Diana, 15 anos, 2010)

Dentro do grupo, as 10 definições revelaram-se bastante similares entre si. Para estas crianças, o Lagarteiro é encarado como um lugar onde existe uma “*escola, um campo de futebol, muitos blocos e onde vivem muitas pessoas*” (Joana, 2010). Em poucas palavras definem a essência do Bairro, que classificam de “muito bom”.

Viver no Lagarteiro é bastante agradável e as referências positivas sobre este território fluem com naturalidade e entusiasmo. Apesar do vocabulário limitado e das muitas dificuldades de expressão, as crianças conseguem declarar, com convicção, as suas alegrias e gostos pelo lugar onde vivem:

“A vida no bairro é *fixe*, temos mais pessoas... gosto de estar no Bairro”

(Barbie, 10 anos, 2010).

Um dos motivos apresentados para que o Bairro seja um lugar *fixe*, é a brincadeira e diversão que por lá acontecem. Estas duas palavras são frequentemente utilizadas para definir o bairro em si, marcando presença em todos os discursos emitidos por este grupo.

“MJ – Gostas de viver no bairro?”

Joana – Gosto.

MJ – Porquê?

Joana – Porque tem muita coisa divertida para fazermos” (Joana, 12 anos, 2010).



Fig. 6

“São muitos bloquinhos e tem algumas famílias” (Sombra, 9 anos, 2010)

Outro argumento apresentado pelo grupo, a favor do Lagarteiro, é a escola e os amigos. Ter amigos e frequentar uma escola que fica situada no centro do Bairro, são bons motivos para aqui viver.

“MJ – Gostas de viver num bairro?

Kitty – Gosto.

MJ – Porquê?

Kitty – Porque é *fixe*. Tenho mais amigos.

MJ – Porque é que é *fixe*?

Kitty – Porque tenho muitos amigos e a escola mesmo ao lado”

(Kitty, 10 anos, 2010).

A este propósito, Sarmento remete para as culturas de pares, em que as crianças executam várias acções, nomeadamente as diferentes actividades quotidianas que lhes permitem “*exorcizar medos, representar fantasias e cenas do quotidiano*”. Este autor considera, assim, fundamental esta partilha de “*tempos, acções, representações e emoções*” para que a criança possa compreender o que a rodeia (Sarmento, 2004:12).

“A associação da palavra “amigo” aos companheiros com quem passam a realizar actividades partilhadas observáveis (brincar); a defesa, para continuar partilhando, dos espaços e brincadeiras (espaço interactivo) das crianças exteriores ao seu grupo de amigos (...)”
(Sarmento, 2004:12).

Desta forma, de pouco serviriam os amigos, e mesmo a escola, se não existissem espaços para brincadeira. Na opinião destas crianças, no Bairro é possível brincar livremente, explorando os diferentes espaços, seja a que hora for. Por este motivo, o Lagarteiro é considerado um local de eleição e até privilegiado para, simplesmente, brincar e ser criança.

A possibilidade de usufruir e explorar, despreocupadamente, este território, com a ajuda dos amigos equipados com bicicletas, trotinetas e bolas, são atributos demasiado preciosos para desvalorizar. Com total consciência, este grupo de crianças argumenta ser consideravelmente difícil assumir este tipo de comportamento e liberdade em outro local, que não o Bairro.

“(…) aqui é melhor, temos mais amigos, se calhar nas vilas e nas aldeias se calhar não” (Batman, 10 anos, 2010).

“(…) aqui, quando estamos a brincar temos as entradas e dá pr’a brincar na entrada, ninguém incomoda” (Barbie, 10 anos, 2010).

Embora maioritariamente adjectivado como um lugar *fixe* e “bonito”, o Bairro não é encarado do mesmo modo por todas as crianças que participaram neste estudo. Uma delas tem uma opinião contrária, revelando o seu descontentamento para com o Bairro. Esta criança revela que não gosta de viver no Bairro do Lagarteiro e mostra vontade em mudar-se para um outro lugar.

“MJ – Gostas de viver no Bairro?

Benji – ... gosto. Mas neste, não. Infelizmente, não.

MJ – No Lagarteiro, não?

Benji – Aceno negativo (Benji, 10 anos, 2010).

Viver no Bairro do Lagarteiro é classificado de bom, mas ali nem tudo corre bem. Quem o diz são as crianças que, com a mesma rapidez que verbalizaram o gosto pelo Bairro, argumentam que nem tudo está bem e que é preciso intervir no sentido da mudança.

“Eu queria que o meu bairro *tivesse* bonito. Eu queria que o campo de futebol tivesse relva. Eu queria que o meu bloco tivesse uma entrada bonita (...)” (Schneider, 11 anos, 2010).

Com uma grande capacidade crítica, deram voz às suas opiniões e apreciações sobre Lagarteiro, apontando o dedo ao que consideram estar mal naquele território. Ainda que sejam situações pontuais, consideram-nas importantes e urgentes, sob pena de se transformarem em outras ainda mais graves.

“Não gosto ali no campo. Ele não tem quase protecção nenhuma, como as pessoas caem e magoam-se mesmo a sério” (Joana, 12 anos, 2010).

No dia-a-dia não se questionam sobre o que deveria mudar mas, quando interrogados sobre esta questão, apresentam uma lista de reivindicações próprias de quem sente o mal-estar e o assume como seu.

“MJ – O que está mal neste Bairro?

Sombra – O que está mal neste Bairro? Está muitas coisas.

MJ – Por exemplo?

Sombra – Vou exemplificar algumas: drogados, corridas... grafites... ó professora olhe pr’ali. Acha que aquilo está bem? Aquilo nem é um grafite. Ainda pior” (Sombra, 9 anos, 2010).



Fig. 7

“Fiz estes carrinhos a fazerem uma competição”

(Sombra, 9 anos, 2010)

As corridas de carros a que se refere o Sombra são ilegais e, segundo o próprio, têm como ponto de partida o Lagarteiro. Esta situação de suposta ilegalidade e perigosidade preocupa as crianças, sobretudo porque as corridas acontecem no local onde habitam e brincam diariamente, ainda que ocorram a altas horas da noite.

“Há muita movimentação de carros. E, também, há muitas corridas fora, fora do que se deve fazer, dois carros a fazer uma corrida e não devem fazer uma corrida” (Sombra, 9 anos, 2010).

Sente-se alguma dificuldade, por parte de certos elementos do grupo, em lidarem com situações a que se opõem fortemente, como é o caso das corridas ilegais de carros. O nível de revolta e frustração face à incapacidade de contrariar esta situação foi bastante visível através da linguagem não-verbal, no decorrer das entrevistas.

A frustração que estas crianças demonstram perante a incapacidade de operacionalizarem uma efectiva mudança na realidade que os rodeia, remete para as limitações de participação da própria infância:

“A realidade social e cultural dos quotidianos infantis continua, em muitos contextos, a ilustrar e reafirmar a persistência de tensões no exercício destes dois tipos de direitos, havendo uma valorização do direito à protecção em detrimento do exercício da participação, em muito devedor das crenças e práticas históricas e culturais, que têm vindo a acompanhar a infância ao longo dos séculos, as quais primam essencialmente pelo acentuar das suas dependências, vulnerabilidades psicológicas e biológicas” (Fernandes, 2005:43).

Existem outras situações que frustram estas crianças, designadamente o campo de futebol. Este local de eleição, muito frequentado pelos mais pequenos, é alvo de críticas permanentes devido à falta de condições que apresenta.

A par com este discurso, em que comentam quais os aspectos a melhorar, apresentam algumas estratégias e dão sugestões que lhes parecem adequadas às necessidades actuais do Bairro. No caso do campo de futebol, as soluções propostas sugeriam um melhoramento geral do campo, nomeadamente através da aplicação de relva sintética.

“Um escorrega. Fazerem um campo com relva sintética aqui... fazerem a polícia, a esquadra, os bombeiros e um hospital” (Batman, 10 anos, 2010).

Sem adoptarem uma postura passiva, sempre que identificavam uma falha apressavam-se a expor uma sugestão sobre o que poderia e/ou deveria ser feito para que a situação em questão melhorasse ou fosse solucionada. A opinião do grupo em relação a estas matérias é praticamente unânime, já que as intenções e desejos se cruzam e são praticamente transversais a todos os elementos.

“MJ – O poderia melhorar?

Diana – Podia ser a escola pr’a ter mais... mais seguranças. Aquilo ali também, nem parece um ringue. Parece um campo. Sei lá!” (Diana, 15 anos, 2010).

Num primeiro olhar sobre como as crianças encaram o Bairro do Lagarteiro, foi-nos possível constatar que as percepções sobre este território são bastante uniformes, não variando muito de criança para criança, ainda que apresente algumas nuances, como tivemos oportunidade de conhecer ao longo deste capítulo.

As vivências e experiências naquele lugar permitiram a este grupo de crianças assumir uma posição de fidelização ao Bairro mas, sobretudo, de envolvimento com o que ali se passa e edifica. Este sentimento de pertença e de quase domínio sobre o território capacitaram-nos e habilitaram-nos para apontarem os erros e sugerirem as ferramentas para a mudança.

1.1. O Meu Bairro Não Faz Parte da Cidade

O Bairro do Lagarteiro surge como um território apartado da cidade. Bairro e cidade são conceitos que não se fundem, apenas se cruzam, porque não fazem parte de um mesmo todo. Para este grupo de crianças o conceito de bairro surge distanciado e diferenciado do de cidade, apresentando-se como fenómenos distintos.

Quisemos perceber o motivo desta vincada diferenciação, mas nenhuma das crianças foi capaz de explicar o seu fundamento. A distinção entre bairro e cidade é algo de consumado, razão pelo qual não suscita muitas dúvidas nestas crianças, que reagiam com alguma estranheza às nossas questões, por considerarem-nas de resposta óbvia.

“MJ – Achas que há alguma diferença (*entre cidade e bairro*)?

Joana – Há.

MJ – Consegues explicar?

Joana – (risos) Não” (Joana, 12 anos, 2010).

Consideram a cidade do Porto muito diferente do bairro do Lagarteiro, motivo pelo qual se referem frequentemente a esta cidade como se dela não fizessem parte. É bastante comum

recorrem a expressões como “vou ao Porto”, que materializam a representação que fazem da demarcação cidade/bairro.

“MJ – Costumas sair do Bairro?

Sombra – Sim.

MJ – Para onde vais?

Sombra – A Gondomar, à cidade do Porto, a Gouveia, à Serra da Estrela, a Viseu, para a Guarda...” (Sombra, 9 anos, 2010).

A cidade e o bairro surgem como elementos distintos e, muitas vezes, a primeira assume-se quase como descaracterizada e descaracterizante dos próprios indivíduos que, na cidade, acabam por perder alguma identidade. Entre essas perdas identificam uma certa privação do convívio próximo e constante que caracteriza o Bairro, nomeadamente com os amigos.

“MJ – Gostavas mais de viver numa cidade como a que descreveste ou neste Bairro?

Batman – Neste Bairro.

MJ – Porquê?

Batman – Porque tem mais convívio com os meus amigos e porque tenho mais amigos do que na cidade. Se eu fosse para a cidade tinha mais amigos aqui” (Batman, 10 anos, 2010).

A este propósito, Silva recorda a relação directa entre o factor territorial e factor social, na medida em que o território é palco de “*confronto pela sua apropriação, interpretação e utilização por parte dos actores sociais*” (Silva, 2006:187).

“(…) qualquer que seja o pressuposto que se assuma acerca do factor espacial, a estrutura espacial é inseparável da social e, como tal, uma teoria do espaço implica necessariamente uma teoria da sociedade” (Silva, 2006:187).

Por outro lado, o simbolismo urbano poderá estar na origem deste fenómeno diferenciador, já que a “*a cidade, de facto, não é apenas uma forma específica de organização social no território, mas também um conjunto de símbolos, estratificados no curso da história*”

(Mela, 1999:144). As estruturas físicas observadas no centro da cidade do Porto, como monumentos, edifícios, jardins, entre outras, remetem para uma clara oposição com o que é observado no Bairro.

As diferenças são muitas e podem contribuir para a declarada dificuldade em encarar o Bairro como fazendo parte da cidade, cuja simbologia é tão diferente da do Bairro onde habitam. Mesmo sem conseguirem expressar com exactidão os motivos que os levam a formular esta ideia, recorrem a factores como a ausência de alguns serviços no Bairro, o que não acontece na cidade.

“MJ – Qual a diferença entre uma cidade e um bairro?

Batman – A cidade tem mais habitantes... e tem tudo o que um bairro não tem.

MJ – Como por exemplo?

Batman – (*longa pausa*) Prédios, tem vivendas, tem correios, aqui não tem, tem de se ir lá para fora... tem mais farmácias do que tem aqui neste bairro... mais cafés...” (Batman, 10 anos, 2010).

A cidade sob a perspectiva do seu centro versus arredores pode estar na origem da dicotomia, criada pelas crianças, da própria cidade e do Bairro. Carmo defende que o centro é polifuncional, pois encontra-se dotado de um conjunto de condições, serviços e funções que o transformam num “*lugar que detém um papel único no conjunto da cidade*” (Carmo, 2006:43).

Os moradores deslocam-se ao centro da cidade para satisfazerem a grande maioria das suas necessidades, a que o Bairro não consegue dar resposta. Este leque de ofertas pode criar, nos mais novos, a percepção da existência de dois lugares distintos e não de duas partes que fazem parte de um mesmo todo.

1.2. Rotinas e Vivências no Bairro

As crianças organizam o seu quotidiano segundo diferentes ritmos (diários e semanais), que distribuem entre as necessidades psicofisiológicas (repouso e alimentação) e outras acções variadas distribuídas, por exemplo, entre a escola e os tempos de lazer.

São, assim, muitas e variadas as actividades que preenchem o quotidiano das crianças, sendo que o mesmo resulta de uma estruturação do espaço e tempo das práticas sociais que,

por sua vez, estruturam e dão sentido às actividades que neste decorrem (Pinto, 2000). Esta mesma actividade reflecte a interacção social, mas também os diferentes condicionamentos a que a criança se encontra sujeita, acabando por ser o reflexo da sua autonomia como sujeitos sociais que habitam um determinado lugar (Pinto, 2000).

“Nasce-se e cresce-se num determinado lugar físico e social e num determinado tempo, é-se marcado por esse lugar e por esse tempo, mas, concomitantemente, pela sua acção, os sujeitos marcam e demarcam, de algum modo, também as relações de tempo e espaço” (Pinto, 2000:192).

O espaço destas crianças é o Bairro do Lagarteiro e o modo como ocupam o seu tempo não difere muito de umas para as outras. Segundo este grupo, o quotidiano semanal desenrola-se num suceder de etapas rotineiras e idênticas de dia para dia.

De segunda a sexta-feira, a escola exige um despertar matinal. O pequeno-almoço toma-se ao ritmo do que estiver a passar na televisão até serem horas de ir para a escola:

“De manhã acordo... tomo o pequeno-almoço, ligo a televisão, vejo o “Avatar: A Lenda de Aang”, vejo o “Spong Square” na televisão... até uma certa hora. Às oito e meia já estou acordada para ver, para tomar o pequeno-almoço, ver um bocadinho de televisão... visto-me... vou à casa de banho... e venho à escola. Fico um bocado a ver televisão até às oito e cinquenta e às oito e cinquenta saio de casa para ir pr’a a escola” (Barbie, 10 anos, 2010).



Fig. 8

“Café Marco” (Joana, 12 anos, 2010)

Para muitas crianças deste grupo, os pequenos-almoços fazem-se no café, a caminho da escola. A maior parte dos lanches do dia também são comprados ali e não preparados em casa. No café alimentam-se à base de bolos e refrigerantes, que levam para a merenda do meio da manhã e da tarde.

“Acordo, vou tomar banho, depois limpo-me, visto-me, depois tomo o pequeno-almoço, depois espero um bocado, vou lavar os dentes, depois vejo um bocado de bonecos, que ainda tenho um tempo, e depois pego na mochila e venho pr’a escola.

Depois vou ao café com o meu pai buscar o meu lanche, que é um bolo, ainda bebo um pingo lá, que o meu pai dá-me, buscar o meu lanche e vou para a escola” (Joana, 12 anos, 2010).

Na EB1/JI do Lagarteiro o dia passa a correr, entre aprendizagens e brincadeiras. Às 15h30, a campainha anuncia o final de mais uma jornada de escola a que, para alguns, se seguem de actividades extra-curriculares. Às 17h30, a escola encerra e chega a hora de regressar a casa.

Os finais do dia repartem-se entre os trabalhos de casa e as brincadeiras com os amigos, que acontecem nas ruas do Bairro, no campo de futebol ou no Parque Oriental. Os poucos que são obrigados a ficar em casa passam o tempo entre a televisão, o computador e outras

brincadeiras com amigos ou irmãos. Após o jantar, a dinâmica mantém-se. Na rua ou em casa, o serão é passado com os amigos.

“Kitty – Vou para a escola, depois saio da escola e vou para a rua.

Depois vou para o rio Douro.

MJ – O que fazes na rua?

Kitty – Brinco” (Kitty, 10 anos, 2010).

Esta rotina é uma realidade, dia após dia, para oito das 10 crianças que participaram neste estudo. As restantes duas frequentam actividades, nomeadamente treinos desportivos, fora do espaço do Bairro.

“Gadget – (*depois da escola*) Vou para casa. Às vezes, o meu pai vem-me aqui buscar e vou directo para o râguebi. O meu sobrinho tem dois carrinhos e ele chama-me.

MJ – Brincas dentro de casa?

Gadget – Com o meu sobrinho e às cartas com o meu pai.

MJ – E no final do dia?

Gadget – Jogo à bola. A minha mãe está a fazer de comer e depois vou para casa. Ela não me chama” (Gadget, 10 anos, 2010).

O fim-de-semana é marcado, sobretudo, pela ausência de escola. Tudo o resto permanece idêntico. Os espaços de interacção, os amigos, as brincadeiras... As rotinas são sempre as mesmas e pouco muda:

“Batman – À tarde vou à beira dos meus amigos, quando eles estão no campo, vou logo. Se não estiverem fico em casa a jogar playstation.

MJ – Em casa vês televisão e jogas playstation?

Batman – E brinco com os meus sobrinhos quando eles vêm.

MJ – O que fazes com o resto da tarde?

Batman – Quando a minha mãe chama-me vou para casa.

MJ – Como é ao Domingo?

Batman – É igual.

MJ – Costumas sair do Bairro?

Batman – Não” (Batman, 10 anos, 2010).

“Ao Sábado fico em casa. Ao Domingo vou para a minha igreja, à tarde e à noite. E à quarta e à sexta, também. Ao Sábado fico em casa o dia todo. Estudo, faço os TPC e vejo um bocadinho de televisão” (Benji, 10 anos, 2010).

De salientar a ausência, quase total, da referência à família (e de actividades em família) no relato do quotidiano. As poucas alusões surgem com a menção dos irmãos, com quem partilham brincadeiras, ou a propósito das idas ao café para tomar o pequeno-almoço ou para comprar o lanche.

Um dos poucos momentos em família foi registado enquanto assistia televisão. Pinto alerta para as inevitáveis mudanças consequentes da introdução da televisão como um equipamento doméstico consumido pela e na família e que se reflectem nas “*formas e relações da família*” (Pinto, 2000:151).



Foto nº 12

“É a sala. Estava a ver a televisão” (Barbie, 10 anos, 2009)

Ao longo das entrevistas, algumas crianças chegaram a relatar saídas frequentes com os pais, rumo a diferentes lugares. No entanto, ficámos a saber que estas quase nunca se concretizam ou sequer se planeiam.

O relato que se segue é um exemplo deste fenómeno, já que é descrita uma rotina que simplesmente não existe.

“Joana – Ao fim-de-semana vou ao cinema com o tio...

MJ – Vais sempre ao cinema?

Joana – Aceno afirmativo.

MJ – Onde é que vais?

Joana – Vou ao Parque Nascente, ao cinema de lá. Depois vou à Primark comprar roupa, vou pr'o Parque de São Roque.

MJ – O que é que fazes lá?

Joana – Brinco lá nos carrosséis que tem... depois vou pr'o MacDonalds, pr'aqueles escorregas que tem lá brincar... Às vezes, fico lá a comer. Às vezes, fico lá um bocado até às 11 horas, que ainda está aberto, depois vou pr'a casa do meu tio" (Joana, 12 anos, 2010).

1.3. Rotinas Para Além do Bairro

No interior do Bairro, as crianças movem-se num perímetro alargado. Os trajectos fazem-se sobretudo entre casa, a escola, o campo de futebol, o Parque Oriental e as ruas que os conduzem de um lado para o outro. Todos os caminhos do Bairro são explorados e percorridos exaustivamente.

Todos os outros trajectos que se afastem dos mencionados são excepções e meramente ocasionais, fugindo às rotinas do quotidiano. Para a maioria das crianças o quotidiano limita-se ao Bairro e são poucos os que saem, mesmo ao fim-de-semana.

Viver no bairro é bom e sair do Bairro também, mas só para alguns. Para o grupo de crianças que participou neste estudo, as opiniões dividem-se quando é preciso escolher entre ficar ou sair do Lagarteiro. Para uns é melhor ficar por ali. Para outros, as saídas são um grande acontecimento... mas desde que o regresso ao Bairro esteja garantido! Gostam de se ausentar com a certeza de que seja para voltar.

A mobilidade dentro do Bairro acontece com naturalidade e bastante destreza mas, quando se trata de transpor este território, tudo se altera. Para este grupo de crianças, o mundo para além do Bairro praticamente não existe. Sabem que está ali ao lado, mas só lhe dão importância quando chega o momento de com ele interagir. Dado que as saídas acontecem esporadicamente, não interferem muito com as suas rotinas no quotidiano. São apenas duas as crianças que mantêm uma rotina para além do Bairro:

“MJ – Que sítios conheces fora do Bairro?

Batman – Gaia, o rio Douro, o bloco 13... já é fora do meu Bairro. Esta é a minha parte, aquela é outra parte.

MJ – Como conheceste os sítios fora do Bairro?

Batman – Este aqui de vez em quando ando e quando vou para o Parque passo por lá. Conheço lá aquilo bem. Em Vila Nova de Gaia ando lá no meu clube e estou lá a jogar e conheço...

MJ – Já foste a competições em outros sítios?

Batman – Já fui a Vale de Cambra, ia para Lisboa só que não vamos.

MJ – Afinal conheces mais sítios.

Batman – Conheço sítios, mas não conheço lá ninguém...

MJ – Como ficaste a conhecer todos esses sítios?

Batman – Através do Gil que conhece o meu treinador e disse para eu ir para lá” (Batman, 10 anos, 2010).

O grau de mobilidade é medido, por Neto, numa espécie de barómetro que avalia a evolução da própria criança em função da sua independência de mobilidade:

“O conceito de independência de mobilidade deverá ser entendido numa perspectiva evolutiva, isto é, como a criança desenvolve ao longo do tempo uma representação mais consistente do espaço físico (memória, percepção, identificação) bem como uma liberdade progressiva de acção no espaço quotidiano” (Neto, 1999:52).

Na opinião de Malho, a independência de mobilidade é entendida como sinónimo de capacidade de autonomia, ou seja, “*a possibilidade de tomar decisões por si própria, da mobilidade da criança face ao envolvimento físico*” (Malho, 2002:50).

No limite das fronteiras do Bairro do Lagarteiro, o grau de independência de mobilidade é total, para a maioria destas crianças. No entanto, quando estas são transpostas para o exterior, todo o cenário muda de figura. A grande maioria das crianças praticamente não sai do Bairro, sendo que são muito poucas as que têm vivências no exterior.

Talvez por este motivo algumas crianças, que participaram neste estudo, encarem as saídas com uma certa desconfiança. Sentem receios e medos que apenas são atenuados se, em

determinadas situações, puderem contar com a companhia dos pais, irmãos ou outros familiares.

“Eu não gosto de sair do bairro, sem sair com os meus pais. (...) Nem com os meus irmãos. Sozinha com os meus irmãos, eu não vou. Só com a minha mãe ou com o meu pai, com os meus dois irmãos e, sem os outros, eu não saio. Tenho que sair com os outros, senão não saio”
(Joana, 12 anos, 2010).

As crianças que sentem mais receio em sair da sua zona de conforto, quando o fazem, deixam-se contagiar pelo entusiasmo proporcionado por um admirável mundo novo que existe para além do Bairro. As saídas transformam-se em momentos de grande entusiasmo e alegria, em que não há espaço para medos ou inseguranças. Todos os receios ficam trancados no Bairro e só tomam novamente forma aquando do fim da visita ao exterior e conseqüente regresso à rotina do Bairro. Este fenómeno é transversal a todas as crianças que participaram neste estudo.

No âmbito deste projecto de investigação pudemos assistir, presencialmente, ao modo como as crianças reagem e interagem quando saem do Bairro, nomeadamente em visitas de estudo. Estas actividades, que acontecem a par com o Clube de Jornalismo, são para a maioria das crianças, as únicas oportunidades de conhecerem outras realidades para além do Bairro.

Nos dias das visitas de estudo, as crianças ficam bastante excitadas e quase incontroláveis. Querem ser as primeiras a entrar no autocarro e as primeiras a entrar no local de destino. Querem ser as primeiras a tocar em tudo e fazem questão de ficar/guardar tudo o que possam levar para casa, nem que seja para rasgarem ou depositarem, posteriormente, no lixo.

Sempre que um elemento faz algo, todos os outros querem imitá-lo. Por exemplo, quando um bebe água, os restantes também querem beber. Tudo é olhado com grande curiosidade e espanto, fazendo-se acompanhar de comentários. No entanto, como tudo é visto com rapidez para não perder o que vem a seguir, pouco é verdadeiramente entendido. A visita acontece como se não houvesse amanhã e, quando termina, consideram quem o tempo se esgotou demasiado depressa.

Quando estamos de partida para um qualquer destino, as crianças são muito carinhosas, distribuindo beijos e abraços mas, aquando do regresso, quase não se despedem e saem a correr para o seu destino...

As visitas de estudo são vividas com tanta intensidade que nos levam a depreender que se deva ao facto de raramente saírem do Bairro, designadamente para se deslocarem a contextos tão diferentes dos que estão habituados.

“Correm de um lado para o outro, dão pequenos gritinhos, não vêem nada com atenção porque querem estar sempre um passo à frente e ver o que há a seguir. Se um faz uma coisa os outros querem fazer a seguir, querem levar tudo a que tiverem direito, seja o que for, querem ser os primeiros a entrar/sair...” (Nota de Campo nº8, 16 de Junho 2010).

As saídas para o exterior do Bairro também acontecem como parte integrante de uma rotina, muitas vezes, familiar. Nestes casos, os destinos são quase sempre os mesmos. As deslocações ao bairro do Cerco, que fica nas imediações do Lagarteiro, são frequentes sob o pretexto de convívio com os familiares que ali habitam. Os shoppings das imediações, nomeadamente o Dolce Vita Antas e o Parque Nascente, também são bastante frequentados pela população do Bairro, designadamente pelas crianças que participaram neste estudo:

“MJ – A que outros sítios costumavas ir?

Schneider – Ao shopping. Às vezes, ao Parque Nascente ou ao Dolce Vita...” (Schneider, 11 anos, 2010).

As rotinas familiares estão na motivação principal para as saídas do Bairro. Às idas ao Cerco e ao shopping juntam-se-lhes os compromissos religiosos. A Igreja, para as crianças da maioria autóctone, ou o “Culto” para a minoria étnica cigana, são locais de destino regular para muitas das famílias cujas crianças participaram neste estudo.

“MJ – Conheces outros bairros?

Gadget – Conheço muitos. A minha avó mora na pasteleira. Os meus tios quase todos moram no Cerco. (...) Vou para o Cerco. Está lá quase a minha família toda. Vou à minha avó, à pasteleira...” (Gadget, 10 anos, 2010).

“(...) Também vou ao Culto. É ali em Contumil” (Schneider, 10 anos, 2010).

Para Benji, as deslocções ao exterior do Bairro acontecem sobretudo nos dias em que a família vai à Igreja. A comprovarem-no estão os seus registos fotográficos sobre o quotidiano no exterior, que revelam quase somente os trajectos entre o Bairro e a Igreja que frequenta com a família.



Foto nº 13

“É quando eu e a minha mãe fomos à minha Igreja” (Benji, 10 anos, 2009)

No âmbito das deslocções familiares incluem-se as motivadas por questões profissionais, embora se apresentem em menor número, dado que grande parte das crianças que fazem parte deste estudo têm os pais desempregados.

No caso dos poucos que possuem uma actividade regular, como o caso de uma das famílias de minoria étnica cigana, ausentam-se do Bairro para se deslocarem a diferentes lugares e mesmo cidades, em função das feiras em que participam.

As crianças acompanham as famílias nestes percursos, muitos dos quais ocorrem durante a semana, o que significa uma perda significativa do período lectivo, na maioria dos casos.

“MJ – O que fazes quando saís do Bairro?

Schneider – Vou às feiras. Às vezes, faço recados à minha mãe, vou buscar pão... Vou de bicicleta, mas agora tenho um pneu atrás furado...

(...) *(sobre as feiras que faz com os pais)* Espinho à segunda, quarta é Albergaria-a-Velha, no Sábado, às vezes, é o mercado da Areosa. Nesse dia, quando acabar, vou para a feira de Custódias... ao Domingo é ali no Cerco” (Schneider, 11 anos, 2010).



Foto n° 14

“É um empregado meu. Agora está na prisão ele. Foi por causa de CD's”

(Schneider, 11 anos, 2010)

Dos locais mencionados a propósito das saídas do Bairro, encontra-se o Parque Oriental. Este espaço situa-se, efectivamente, na vizinhança do Lagarteiro devendo ser considerado exterior ao Bairro. No entanto, uma parte considerável destas crianças considera o Parque parte integrante do Lagarteiro, assumindo-o como um território que lhes pertence de direito.

“MJ – Costumas sair do Bairro?”

Kitty – Costumo.

MJ – Vais para onde?

Kitty – Pr'ali pr'o Parque (*Parque Oriental*)” (Kitty, 10 anos, 2010).

A freguesia de Campanhã, assim como os diferentes serviços e comércio existentes nos arredores do Bairro, nomeadamente os autocarros, os cafés, a farmácia, o mercado e a tabacaria, são encarados, por algumas crianças, como “lugares” exteriores ao Bairro aos quais se “deslocam” com relativa frequência.

“MJ – Conheces coisas fora do Bairro?”

Benji – Sim. Os cafés, a farmácia, o mercado, tabacaria, autocarros...”

(Benji, 10 anos, 2010).

Porto e Gondomar são as cidades mais conhecidas e reconhecidas por este grupo de crianças, factor que se deve ao facto de o Bairro do Lagarteiro se encontrar situado na fronteira entre estes dois territórios.

“MJ – O que conheces fora do Bairro?

Barbie – Conheço Campanhã.

MJ – Quando é que vais lá?

Barbie – Quase todos os dias a minha mãe vai lá ao café. À casa da minha irmã, que é na rua Pinheiro de Campanhã e brinco lá com os cães. Ou às vezes levo uns bonecos” (Barbie, 10 anos, 2010).

Para além das cidades, algumas freguesias também são mencionadas, designadamente Valbom e S. Pedro. Estas referências devem-se à proximidade geográfica e ao facto de muitas crianças terem parentes nessas localidades.

“MJ – Conheces muitos sítios?

Kitty – Conheço. Conheço S. Pedro todo, conheço Valbom...” (Kitty, 10 anos, 2010).

O Sombra é a grande excepção no grupo no que diz respeito à variedade de destinos que conhece, devido ao facto de viver nos arredores do Bairro somente desde Setembro de 2009. Oriundo de Trancoso, na Serra da Estrela, o leque de cidades que conhece alarga-se a Gouveia, Viseu e Guarda.

“MJ – Em Gouveia vivias num bairro?

Sombra – Não, vivia na entrada de Gouveia.

MJ – Havia bairros lá?

Sombra – Não.

MJ – Como imaginavas que era um bairro?

Sombra – Muitas casinhas baixinhas.

MJ – E quando chegaste aqui o que achaste?

Sombra – Que eram casas, mas muito mais altas e com muitas mais janelas.

MJ – Lembraste da primeira impressão quando viste o Bairro?

Sombra – A minha primeira impressão quando entrei aqui foi dizer que isto era tudo diferente da minha aldeia.

MJ – Diferente para melhor ou para pior?

Sombra – Para melhor e para pior.

MJ – Como assim?

Sombra – Antes tinha mais árvores, aqui tenho menos, já estava habituado ao ar de lá, depois tive de me habituar ao ar de cá... para melhor porque já tenho um pai. Lá só tinha uma mãe” (Sombra, 9 anos, 2010).

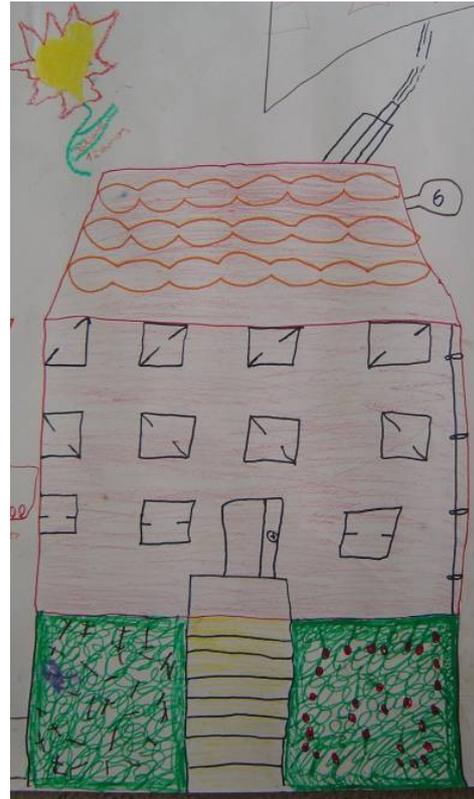


Fig. 9

“É o meu bloco, o bloco 6” (Constança, 11 anos, 2010)

As rotinas das crianças sofrem alterações sazonais, o que acaba por se reflectir nas saídas do Bairro. Quando o Verão chega e o calor aperta, muitas deslocam-se a uma zona ribeirinha da cidade do Porto, a Ribeira do Abade, para banhos no rio Douro.

“Sombra – Então o que é que vais fazer *(nas férias de Verão)*?

Barbie – Eu vou jogar à bola para o Parque e vou para a praia. E vou para a casa da minha irmã.

Sombra – Eu vou para o clube de jornalismo, vou para o Parque e vou para a praia. E para o rio” (2010).

Ao longo dos nove meses em que decorreu este estudo foi possível perceber, com bastante clareza, que as crianças encaram o Bairro do Lagarteiro como a sua casa alargada. Nas ruas do Bairro sentem-se importantes, seguras e protegidas do exterior. Talvez por este motivo, encarem com um misto de receio e entusiasmo as deslocações para além deste território.

Sendo o Lagarteiro um lugar de encontro com os pares, de aprendizagens e troca de experiências, tudo acontece ali e, mesmo quando a consciência desperta para a existência de um mundo lá fora, o Bairro continua a ser a morada para a qual se quer voltar sempre...

2. Os Espaços/Arenas do Bairro do Lagarteiro

“É um bairro muito grande, constituído por 13 blocos com cerca de 440 habitações, onde vivem muitas famílias. (...) É um sítio muito fixe, com muitas coisas divertidas para fazer”
(Batman, 10 anos, 2010)

A vida quotidiana das crianças desenrola-se em espaços que podem ser mais ou menos diversificados. No âmbito deste estudo, o Bairro é o grande palco de actuação, o lugar principal onde se movem e onde quase tudo acontece.

A mobilidade espacial e consequente ocupação dos espaços exteriores por parte das crianças e jovens é um fenómeno recorrente na sociedade actual, que Childress justifica devido à incapacidade de, nestas idades, possuírem um espaço privado exclusivamente seu:

“Os jovens estão entre os mais frequentadores e utilizadores dos espaços públicos tais como passeios, parques, praias e shoppings. Isto acontece, porque não podem controlar o espaço privado e então têm de se apropriar dos espaços públicos até conquistarem e lhes serem atribuídos os seus direitos de propriedade” (Childress, 2004:196).

Todas estas arenas assumem uma quota-parte de importância na vida de cada uma das crianças que participaram nesta investigação, com pesos e medidas diferentes. Não obstante, as discrepâncias voltam a não ser significativas.

Quisemos conhecer que espaços existem no Bairro do Lagarteiro e a dimensão que ocupam nos mundos sociais destas crianças. Pela mão deste grupo fomos conhecendo os seus “lugares” de actuação e interacção, muitas vezes identificados com bastante pormenor.

Entre os principais espaços por elas referenciados destacam-se os blocos, descritos pelas crianças de forma bastante detalhada, já que a estes surgem associadas as respectivas entradas, varandas, janelas, chaminés, antenas e, muitas vezes, as próprias pessoas.



Foto nº 15

“Também tirei aos blocos, porque aqui também está muita gente nos blocos”

(Sombra, 9 anos, 2010)

O largo, os quintais, as estradas e rotundas, os carros e as motas, na opinião destas crianças, também fazem parte dos “lugares” que representam o Bairro do Lagarteiro. A estes juntam-se o campo de futebol e o Parque Oriental. A representar o comércio e serviços desatacam-se as lojas (cabeleireiro, talho, frutaria, padaria e farmácia), a EB1/JI do Lagarteiro, a IBC, o ATL e o Centro de Saúde.

De todos os serviços e comércio enunciados por este grupo de crianças, como fazendo parte integrante do Bairro, apenas a EB1/JI do Lagarteiro, o ATL e a IBC se encontram ali sediados. Todos os restantes estão localizados nas imediações, ou até mais afastados como o Centro de Saúde, mas são assumidos como parte deste território.

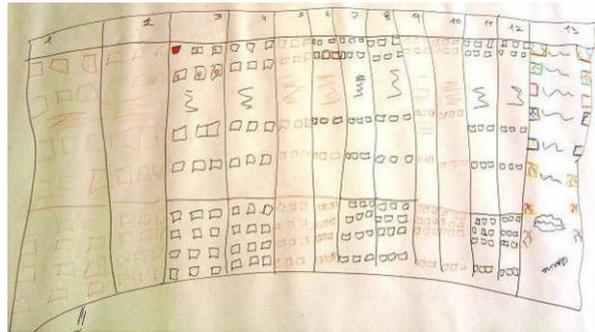


Fig. 10

”Fiz este bloco, o bloco 13. (...) Porque é quantos blocos há cá no Bairro.

O bloco 1 ao 2 até ao 13 foi a Joana”

(Barbie, 10 anos e Joana, 12 anos, 2010)

Os blocos ou casas, como algumas crianças preferem chamar-lhes, são por elas muito referenciados assumindo quase um carácter simbólico do Bairro. A representação do Lagarteiro nas entrevistas, desenhos, fotografias e vídeos surgiu, maioritariamente, sob a forma dos blocos e respectivas entradas.

O estado dos blocos, nomeadamente a sua conservação, sempre esteve na linha da frente das preocupações deste grupo de crianças. Ao longo do tempo em que decorreu esta investigação foram manifestando o desejo da existência de obras no Bairro, que recuperassem as casas, devolvendo-lhes as condições que acreditam terem sido perdidas. As tão aguardadas obras viriam a arrancar em Setembro de 2010, no âmbito da Iniciativa Bairros Críticos.

“O que está mal? Devia haver obras, infelizmente. Mas o Rui Rio já vai fazer as obras. Já devia ser há muito tempo” (Benji, 10 anos, 2010).

Mantendo o sentido crítico construtivo, tão característico deste grupo de crianças, foram revelando as necessidades sentidas face aos blocos do Bairro, que há muito precisavam de uma reforma. As “*casas não têm condições*” (Kitty, 2010) e, quando chove, ficam ainda com pior aspecto do que habitualmente já têm. A necessidade de restauro, por dentro e por fora, sempre foi uma preocupação muito presente.

“Diana – As obras podiam mudar os prédios, quando *chover* ficam muito velhos.

MJ – As obras seriam só nos prédios?

Diana – Sim. E dentro de casa.

Gadget – Na rua...

Constança – Quando *tivesse* calor podia ser fresquinho, quando *tivesse* frio podia ser quentinho” (2010).

A necessidade de recuperação do Bairro, proposta pelas crianças, remete para a comparação com um passado, em que o Lagarteiro era um local limpo e arranjado. Tratando-se de crianças, e dado que o Bairro se encontra em mau estado há vários anos, não se compreende a que “antigamente” se referem...

“Barbie – Podiam restaurar o Bairro.

MJ – O que é isso de restaurar?

Sombra – Tudo, como *e/e* antigamente estava.

MJ – Como era antigamente?

Barbie – Antigamente não tinha nada disto. Não tinha nada grafitado, riscado. Hoje em dia as pessoas estragam tudo” (2010).

Quando questionados sobre o passado do Bairro, explicam que se tratava de um lugar com “*poucos blocos*”, onde “*não tinha a escola*” e onde “*existiam poucas estradas*”, mas “*existiam muitas árvores*” que tiveram de cortadas para “*construírem mais blocos*” (Sombra, 2010).

Ainda numa perspectiva de comparação com o passado, as crianças confrontam a atitude de vandalização e destruição do Bairro com o “antigamente”, em que “*as pessoas não sujavam o bairro*” (Barbie, 2010). Criticam a sujidade generalizada que se verifica neste território, nomeadamente o lixo espalhado pelo chão, que resulta num apontar do dedo acusador aos próprios moradores do Bairro, que consideram serem os principais responsáveis por este estado de degradação.



Fig. 11

Aqui são os meninos a brincarem e a molharem-se” (Sombra, 9 anos, 2010)

Aos moradores do Bairro, a quem são apontadas duras críticas, juntam-se-lhes os colegas da escola, que consideram igualmente perpetuantes da referida vandalização:

“Sombra – Ó professora, agora é melhor ver uma coisa que eu não acho bem. Aquela torneirinha (*a apontar*).

MJ – Porquê?

Sombra – Porque põem isto a rodar, arrancam e já está. Começa a deitar água que, por exemplo, arrancam a torneira e a água começa a jorrar” (Sombra, 9 anos, 2010).

Assumindo, novamente, uma perspectiva crítica perante os outros, as crianças não se limitam a copiar ou assumir o que observam no exterior (Almeida, 2009), participando activamente num processo com vista à mudança, nomeadamente num mundo de adultos. Aos poucos foram apontando o dedo ao que não concordavam e foram apresentando propostas de alteração, na esperança de serem ouvidas e levadas a sério.

Ao longo do período em que decorreu esta investigação foram chamando a atenção para todo o tipo de vandalização, nomeadamente dos equipamentos como sinais de trânsito, bancos de jardim, entre tantos outros. A estes juntam-se-lhes as paredes dos blocos, frequentemente classificadas de sujas, riscadas, estragadas e pintadas. Apesar de este estado ser uma constante, não conduz ao desinteresse ou indiferença por parte deste grupo de crianças, muito pelo contrário, já que continuam a ser um alvo constante de duras críticas.

“As pessoas gostam de estragar, não têm arte. (...) Estragaram tudo, queimaram tudo, *aqui tinha coisas*. Acho que tinha aqui mesas, onde as

peessoas vinham para aqui e estragaram (a propósito de um pequeno largo no Bairro)” (Barbie, 10 anos, Junho 2010).



Fig. 12

“Isto é o bloco oito, que é as traseiras do campo de futebol.

Aquilo é o bloco sete, aquele ali.

Isto é à beira do meu bloco, tem lá um jardim.

É só relva e tem lá uma cabine” (Batman, 10 anos, 2010)

No Bairro, o campo de futebol assume um lugar de especial destaque. O *ringue*, como é conhecido entre as crianças, situa-se no centro do Lagarteiro e faz paredes-meias com a escola. Apesar de se encontrar em mau estado – tem apenas duas balizas sem redes e o piso em terra batida e algum cascalho –, quando as aulas terminam é ocupado pelos mais novos, que ali se reúnem para jogar futebol ou para, simplesmente, brincar.

Trata-se de um local estratégico e ponto de encontro para a maioria das crianças do Bairro, tendo sido eleito como um dos lugares preferidos no Bairro. Neste momento, é o único local onde os mais novos dispõem de um espaço físico de lazer.

“Barbie – Qual é o sítio que tu gostas mais aqui no Bairro?

Batman – É o campo de futebol.

Barbie – Porquê?

Batman – É *aonde que nós jogamos à bola*” (2010).



Fig. 13

“O campo é onde os miúdos jogam lá à bola.

Há lá muitos meninos a brincarem à *acaçada*, também os do ATL, que ficam lá a brincar”

(Joana, 12 anos e Benji, 11 anos, 2010)

Outro lugar de eleição, para este grupo de crianças, é o Parque Oriental. Este espaço, da autoria do arquitecto Sidónio Pais, contempla um total de 55 hectares, sendo que 10 já foram inaugurados e disponibilizados ao grande público. Aquando da realização deste trabalho o Parque Oriental havia sido recentemente inaugurado:

“O espaço, idêntico ao parque da cidade do Porto, tem uma zona verde com aproveitamento dos cursos de água, muito vegetação e caminhos pedonais, mas fica perto do problemático bairro do Lagarteiro. O presidente da autarquia do Porto espera que isso não seja um problema em termos de segurança, até porque a polícia municipal está a vigiar o local. Contudo, admite tomar novas medidas, caso se revele necessário” (Nunes, TSF:n.d.).



Fig. 14

“Porque é onde os meninos se divertem” (Gadget, 10 anos, 2010)

O Parque Oriental é o local de eleição para brincadeiras. Quando lá vão, as crianças que participaram neste estudo, ficam verdadeiramente entusiasmadas, sobretudo devido à sensação de liberdade que lhes provoca. É um espaço onde brincam, andam de bicicleta, passeiam... No Parque puxam pela imaginação e criatividade, fazendo de tudo o que encontram, o mote para a brincadeira.

“Joana – Aqui é onde eu brinco com a minha casa. Tem aqui o meu plasma, sento-me aqui no meu sofá.

Barbie – Aqui é... saia de cima da televisão! Aqui é o sofá, ali são as camas, uma cama para cada um e o plasma.

Joana – Agora já podemos ir embora.

Barbie – Aquilo não tem nada, stora, mas está bem (*risos sobre a casa imaginada*)” (2010).

A ideia da criação de um espaço semelhante ao Parque Oriental, no centro do Bairro, foi levantada por este grupo, com alguma frequência. As crianças gostariam de ter, no centro do Bairro, uma área idêntica ao Parque Oriental, na qual não poderia faltar um lago. No entanto, alertaram para a necessidade de construir portões de acesso a esta área, por questões de segurança.

“No Parque podia ter portões... podia ter, sei lá, podia ter...” (Gadget, 10 anos, 2010).

As representações do Parque Oriental surgem associadas a elementos, sobretudo da Natureza, como a cascata, o lago, o rio, o musgo, as flores, as árvores e as pedras. A propósito destes elementos reforçam a questão da pureza dos mesmos, nomeadamente através da referência à “água limpa” e à “relva limpa”. A par destes acrescentam as estradas, os caixotes do lixo e as obras.

Para este grupo de crianças, o factor limpeza, no Parque Oriental, revela-se uma questão bastante importante e atractiva:

“E, aqui, como podem ver é a cascata. Tem água limpa, que vem do Douro, limpinha” (Barbie, 10 anos, 2010).

Apesar de não fazer parte do Bairro, já que se encontra nas suas imediações, a maioria das crianças encaram o Parque Oriental como parte integrante do território que habitam. Esta apropriação é quase uma necessidade de que aquele lugar, de que gostam tanto, faça parte do Bairro do Lagarteiro.

Ao longo deste estudo foi possível perceber que este grupo de crianças tem uma forte tendência para se apropriar de espaços exteriores ao Bairro (assim como de serviços, comércio e outros) sempre que consideram tratar-se de locais de eleição.

Esta apropriação espacial resulta do uso dos espaços e da consequente relação que a criança cria os mesmos, nomeadamente quando sente uma identificação positiva. A apropriação é entendida como a possibilidade que os seus usuários têm de se “*mover, possuir e agir*” (Cassab, 2009:60).

A apropriação de um determinado espaço significa vivê-lo como se fosse seu, mas também uma participação activa na sua construção (Lefebvre, 1968). Não obstante, apropriar não significa possuir, como este autor refere:

“O direito à cidade manifesta-se como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitá-la e a morar. O direito à obra (à actividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implícitos se no direito à cidade” (Lefebvre, 1968:2).

O Parque Oriental é um espaço bastante querido para este grupo de crianças, em parte, devido à Natureza que oferece. A existência de mais espaços verdes no Bairro é sentida como uma forte necessidade, devido à escassez dos mesmos neste território.

A ausência de zonas verdes em geral, nomeadamente de árvores, preocupa as crianças, que as consideram fontes de oxigénio. Nas suas representações do Bairro, através de desenhos, as árvores ocuparam um importante lugar, tendo sido um dos aspectos da Natureza que assumiu maior destaque:

“(…) Antes tinha mais árvores (*em Gouveia*), aqui tenho menos (*no Bairro*), já estava habituado ao ar de lá, depois tive de me habituar ao ar de cá... (...) depois não tínhamos oxigénio, enquanto existirem algumas

(árvores) é bom, quando existirem nenhuma é que é mau” (Sombra, 9 anos, 2010).

Outros aspectos da Natureza também foram representados através do sol, das nuvens e do arco-íris. Nos seus desenhos sobre o Bairro, algumas das crianças não os representaram mas, quando se aperceberem da sua ausência, pediram-nos se os poderiam acrescentar.

O Sombra sentiu necessidade de adicionar as nuvens e o céu, mas não o sol:



Fig. 15

“A maior parte dos dias (*o sol*) está tapado pelos bloquinhos. E a maior parte das horas”

(Sombra, 9 anos, 2010)

Uma das propostas apresentada por estas crianças, para tentar colmatar a escassez de espaços verdes no Bairro do Lagarteiro, foi a criação de um quintal (jardim/horta) para cada bloco. Estes quintais funcionariam como um espaço de convívio para os moradores, mas também como locais onde pudessem plantar as suas próprias hortas e pomares.

Barbie – Um quintal para todos e lá em cima, também, um quintal para todos.

MJ – Um quintal para todas as casas?

Barbie – Não, um quintal grande para toda a gente. Cada semana ia para lá uma pessoa sozinha, assim, e depois, na outra semana. No primeiro dia faz-de-conta que ia eu, no segundo dia ia uma amiga minha...

MJ – O que fariam lá?

Barbie – Sei lá. Levávamos lanches, fazíamos alguma coisa lá. Podiam construir um parque, davam dinheiro para a Câmara.

Sombra – Também podiam fazer um quintal, mas é mais ou menos quintal, onde se semeasse flores, nabos... (2010).

Para as crianças, a falta de espaços verdes é, por vezes, compensada pela vegetação que circunda determinadas áreas do Bairro. Recorde-se que o Bairro do Lagarteiro se encontra localizado numa região bastante rural e, nas suas imediações, existem alguns espaços com pasto de animais e campos de plantio.

Não obstante a vizinhança com alguma ruralidade, a maioria destas crianças não encara o Bairro como um lugar rural, muito pelo contrário:

“(...) no campo tem muitas couves e no Bairro não tem não (...) e não *andasse* muito de carro, há mais carroças. Há muita agricultura”
(Batman, 10 anos, 2010).

Os espaços verdes existentes nos limites do Bairro são frequentemente utilizados, pelas crianças que participaram neste estudo, como local de brincadeiras. No entanto, estas áreas são igualmente frequentadas por toxicodependentes.



Foto n° 16

Espaço frequentado pelas crianças e por toxicodependentes (Sombra, 9 anos 2010)

O Bairro do Lagarteiro, à semelhança de tantos outros espaços urbanos, resulta da edificação das ideias dos adultos. Neste planeamento, a criança pouco ou nada se envolve ainda

que, como actor social que conhece bem o espaço em que se move, inevitavelmente acaba por fazer parte deste processo (ainda que à posteriori) (Nascimento, 2007).

Aos poucos vai-se apropriando do espaço que a envolve, transformando-o à sua medida, com o objectivo de que o que se lhe apresenta se adequa, da melhor forma, ao objectivo que pretende alcançar.

“(...) os espaços podem ser (re)criados, (re)desenhados, (re)ocupados e transformados a todo o momento, a não ser necessário seguir uma racionalidade lateral dos espaços, ele pode ter múltiplas funções. (...) A criança com sua inventividade e ludicidade próprias das culturas de infância nos mostra outras cidades possíveis num ato de criação de inúmeras possibilidades de construir e desconstruir os espaços urbanos” (Nascimento, 2007:1,2).

A construção e desconstrução dos espaços urbanos (Nascimento, 2007), idealizados pelos adultos, são substituídos e transformados naqueles que as crianças idealizam e aspiram. À medida que este processo se desenrola, os territórios do Bairro vão sendo ocupados, pelas crianças, em jeito de apropriação.

Conhecem os recantos do Bairro, como ninguém, e ali se movem com grande destreza e à-vontade. O sentimento de adopção e identificação positiva com este território resultam numa apropriação do espaço que tomam como seu.

De certa forma, as crianças tentam transformar os espaços do Bairro, numa obra que também lhes pertence, apesar de ter sido projectada e implementada por adultos (Nascimento, 2007).

2.1. A Escola *ou* o Epicentro do Bairro?



Fig. 16

“É o portão, os muros e a entrada da escola” (Constança, 11 anos, 2010)

No âmbito do capítulo sobre os espaços do Bairro, a categoria escola surge quase como a representação máxima deste território, marcando presença nos desenhos e registos fotográficos das crianças, assim como nas entrevistas.

A EB1/JI do Lagarteiro faz parte do quotidiano deste grupo de crianças, sendo que quase tudo gira à sua volta. Quando não há aulas, pouco ou nada resta para fazer...

“MJ – Gostas de viver num bairro?

Joana – Gosto.

MJ – Porquê?

Joana – Porque tem a escola onde os meninos aprendem a ler e a *escreverem*, o recreio para brincarmos, tem muitas coisas divertidas...”

(Joana, 12 anos, 2010).

Geograficamente situada no núcleo do Bairro, a EB1/JI do Lagarteiro fica a apenas poucos metros de distância de todos os edifícios deste território.

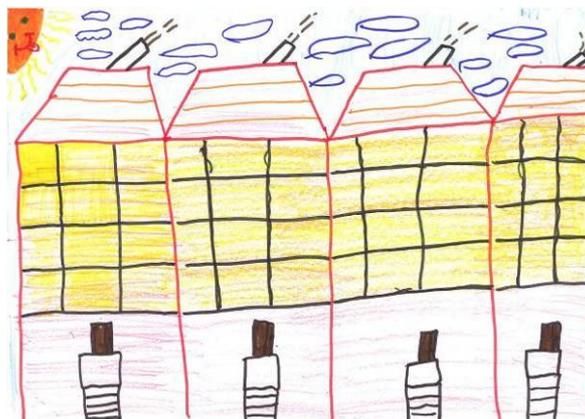


Fig. 17

“É os blocos à frente da escola” (Joana, 12 anos, 2010)

No seu redor, os 13 blocos cercam-na e observam-na. De grande parte das janelas consegue ver-se a escola, motivo pelo qual é frequente alvo dos olhares apoiados nas janelas, de familiares ou afins, que se debruçam para matar o tempo e a curiosidade sobre o que ali se passa.

Outros optam por se deslocar até ao portão da escola, durante os períodos de intervalo lectivo, pendurando-se nas grades que isolam a EB1/JI do Lagarteiro do resto do Bairro, mas que tudo deixam ver e ali ficam a observar as movimentações de miúdos e graúdos.

Muitas vezes, esses olhares resultam em situações de conflito, despoletadas pelo observar de algo que supostamente envolva o filho (a) e desagrade quem observa. Desta forma se têm iniciado muitos dos processos conflituosos que envolvem pais, ou familiares de alunos, e a própria escola, ou seja, os seus funcionários, professores, entre outros.



Foto n° 17

EB1/JI do Lagarteiro (Maria João Pereira, 2010)

Para estas crianças, o Bairro do Lagarteiro não faria sentido sem a existência de uma escola. A EB1/JI do Lagarteiro como espaço físico (portão, muros, salas e telhados) é muito referenciada, assim como todos os que dela fazem parte, designadamente os professores e funcionários. Todas estas personagens e materiais são comumente mencionados como pequenas peças de um todo menor, a escola, que se encaixam no enorme puzzle que é o Bairro.

Para o grupo que participou nesta investigação, a escola também é sinónimo de ser criança. Na sua opinião, as crianças gostam e frequentam a escola, ainda que existam algumas que se queiram apressar a crescer para dela sair:

“Eu gosto de ser criança pr’a ter mais amigos, pr’a andar na escola...
(...) Um adulto quando é criança, como nós, quer sair mais rápido da escola (...)” (Joana, 12 anos, 2010).

O espaço do recreio surge como um lugar privilegiado, para as crianças, sinónimo de brincadeiras e de diversão, os mesmos adjectivos utilizados para definir o próprio Bairro. O recreio, assim como os meninos e meninas que ali brincam, são bastante referenciados pelas crianças que participaram neste estudo. Considerado um local de eleição para brincar, em tempo de aulas, foi um dos locais mais mencionados nas entrevistas, nos registos fotográficos e nos desenhos.



Foto nº 18

“Acho giro. Pode-se ver o campo e esta parte da escola... e os meninos a brincar”

(Sombra, 9 anos, 2009)

“MJ – Achas o recreio importante?”

Diana – Acho. Brincam, jogam à bola neste lugar... podia ter mais
cenas para eles brincarem. Porque caem e *doem*. Isto é pedra e *doem*.

Eu já caí. (...) Acho importante o recreio.

MJ – Porquê?

Diana – Para nós brincarmos, para haverem muitas brincadeiras”

(Diana, 15 anos, 2010).



Foto nº 19

“É a comida que nós comemos na escola” (Joana, 11 anos, 2010)

Durante o processo de recolha de elementos para investigação, várias crianças fizeram questão de registar fotograficamente a cantina da escola, nomeadamente a comida que ali habitualmente comem. O registo fotográfico por elas captado sugeriu que as crianças consideram a comida uma parte integrante e importante do seu dia, ainda que algumas se recusem a comer.

“Joana – Na cantina, na escola.

MJ – Porque quiseste tirar uma fotografia à comida?

Joana – Porque era a comida que eu ia comer. E eu *achei* tirar.

MJ – Gostas de comer essa comida?

Joana – Sim.

MJ – Foi por isso que a tiraste?

Joana – Aceno afirmativo” (Joana, 12 anos, 2010).

A grande maioria deste grupo de crianças tem hábitos alimentares que não incluem sopa, legumes, saladas ou fruta, motivo pelo qual se recusam a comer estes alimentos na cantina da escola. Em alguns casos, chegam mesmo a provocar o vómito:

“Acordo, venho para a escola, às vezes trabalho, outras vezes não, às vezes falamos... vou para o recreio, fico na sala a brincar com elas... vamos almoçar à cantina e vomitamos... (risos) ... a professora deixa ir para a sala brincar...” (Constança, 11 anos, 2010).

Outros, por oposição, comem tudo o que se lhes é apresentado e até repetem. É de referir a generalização dos maus hábitos alimentares e, pontualmente, de casos de crianças que passam por algumas privações em casa.

“ (...) é bom termos um camião que é para nos servirem a comida. (...) Porque senão perdemos toda a energia, vimos cá para fora, não nos apetece brincar. (...)” (Sombra, 9 anos, 2010).

A escola assume uma extrema importância da vida destas crianças, pois é ali que passam a maior parte dos seus dias, mesmo fora do tempo de aulas. É frequente vê-las saltar os muros e/ou os portões da EB1/JI do Lagarteiro, para se dirigirem ao espaço de recreio, somente para brincarem. Apesar de ali disporem apenas de um campo em terra batida com duas balizas, sem rede, fazem daquele local um espaço de eleição para brincadeiras.



Foto n° 20

“Tirei à paisagem e aos meninos aqui da escola a brincarem” (Benji, 11 anos, 2009)

Este panorama era uma realidade até ao encerramento deste estudo. Entretanto, perante a realização de obras na EB1/JI, que terminaram no final do mês de Abril de 2011, não podemos antever se esta realidade se irá manter após as alterações efectuadas nesta escola.

A ausência de espaços lúdicos no Bairro do Lagarteiro, leva a que as crianças procurem e explorem outros, numa tentativa de os substituir. A escola preenche, em grande parte, esta lacuna ao proporcionar uma área de recreio onde as crianças se reúnem para usufruírem de momentos de lazer.

Apropriam-se do espaço escola, que exploram de um modo único e singular, diferente das apropriações e ocupações próprias dos adultos. A este propósito, Almeida (2007) remete para um estudo realizado em França (1999), em oito escolas com características espaciais similares, em que as práticas sociais se sobrepuseram à concepção física do espaço.

Alunos, professores e funcionários utilizavam o espaço escolar de formas distintas, ou seja, a sua utilização variava em função dos actores, sendo que os alunos viriam a revelar uma maior mobilidade. Tendo em conta este estudo, Almeida alerta para a *“importância do significado da utilização do espaço em “situação”, bem como a apropriação e competência que os alunos revelam no seu uso”* (Almeida, 2009:125).

As crianças apropriam-se dos espaços e incutem-nos de significados graças à *“competência das crianças na apropriação significativa do espaço dinâmico que as rodeia”*, (Almeida, 2009:127).

2.2. O meu Bairro em Grafites



Foto n° 21

“Achei que ficava bonito” (Gadget, 10 anos, 2010)

No Bairro do Lagarteiro, um pouco por todo o lado, as grafites vão marcando uma forte presença. São muitas as paredes dos blocos e afins, que se encontram grafitadas, motivo pelo

qual são, tantas vezes, referenciadas pelas crianças no decorrer das entrevistas e através das fotografias e vídeos capturados pelo grupo.

Apontadas, na sua maioria, como um elemento positivo e embelezador do Bairro, a sua presença e permanência não causa estranheza. Aliás, muito pelo contrário, já que as consideram parte integrante da simbologia do próprio território.

Não obstante o apreço por esta forma de arte, este grupo de crianças propôs a criação de paredes específicas para grafites, com vista a preservar e manter libertas as paredes dos blocos.

“Barbie – Este está muito giro. Eles até podiam grafitar, os senhores da Câmara podiam fazer aqui umas coisas, que eles podiam fazer umas paredes só para grafites, só para ficar giro. Se ninguém chegasse lá e estragasse as coisas.

Sombra – Por exemplo, aqui, já está estragado. Este também. Pintaram isto tudo... e não são grafites. Este aqui é. (...)” (2010).

Se, por um lado, as grafites são encaradas com agrado, por outro, há um descontentamento generalizado com uma outra forma de grafites, que se traduz apenas em paredes riscadas e outros “rabiscos”. As crianças fazem uma especial chamada de atenção para este tipo de ilustração, que se traduz nuns rabiscos nas paredes e são consideradas poluição visual e factor denegridor do Bairro.



Foto n° 22

“Estes *nomesinhos* não deviam estar por cima *dos* grafites”

(Sombra, 9 anos, 2010)

Na sua opinião, não se trata de arte, mas sim de vandalização. Outra situação a que apontam o dedo é ao facto de algumas pessoas escreverem por cima das grafites, estragando-as.



Foto nº 23

“Porque isto aqui está a pôr coisas feias na escola.

Assim, a escola não fica tão gira, por exemplo, se ela tivesse grafites por todo o lado estava muito gira”

(Sombra, 9 anos, 2009)

Como temos vindo a constatar, o grupo de crianças que participou neste estudo, revela um apurado sentido crítico sobre o que não apreciam, a par com o que lhes merecem elogios. No caso específico das grafites, as opiniões dividem-se entre a arte que consideram bem feita e que faz parte da própria cultura do Bairro do Lagarteiro e o que é considerado lixo visual. Mais uma vez não se limitam à crítica gratuita, apresentando soluções para os problemas apresentados.

Para este grupo de crianças as grafites ocupam o seu lugar no Bairro e não devem deixar de existir mas, para o efeito, devem criar-se espaços próprios específicos, onde as grafites possam ser criadas e fiquem protegidas de quem as vandaliza e destrói.

Ao longo deste ponto percorremos os espaços que fazem parte do Bairro do Lagarteiro. As crianças que participaram neste estudo, no seu papel de actores sociais, mostraram-nos este território dando-nos a conhecer os seus recantos, nomeadamente os por eles frequentados. Com um forte sentido de participação revelaram-nos os seus gostos e desgostos pelo Bairro, sob uma perspectiva dinâmica e intervencionista, de quem tem algo a dizer e, sobretudo, a fazer.

Mais uma vez deram prova de que são crianças com competências de participação e, conseqüentemente, de acção.

3. Os Actores do Bairro do Lagarteiro

“Há ainda um largo onde os meninos brincam e onde as
pessoas se podem sentar nos bancos, sem fazer nada, só para
passar o tempo”
(Batman, 10 anos, 2010)

Ao longo deste ponto tentamos compreender como as crianças que participaram neste estudo vivem as relações e interacções sociais no espaço bairro, na qualidade de actores sociais, nomeadamente que relações estabelecem entre si e com os adultos (Sarmento, 2002).

Como pudemos constatar, as representações do Bairro não se constroem com base no território em si, mas a partir das vivências quotidianas e das relações que as crianças estabelecem com os pares e restantes moradores daquele lugar. Fortuna explica que estas representações não surgem de um sentimento de apropriação não patrimonial do espaço, mas da criação de “*representações cognitivas e afectivas associadas a um território*” onde ocorrem “*práticas quotidianas, lugar de experiências partilhadas e de sentimentos de pertença*” (Fortuna, 2008:47).

Os mundos sociais da infância (Sarmento, 2008) fazem-se de lugares, mas sobretudo de pessoas. No Bairro do Lagarteiro todos se conhecem, melhor ou pior, mas quase todos sabem a vida do Outro. A proximidade é grande e as longas horas ali passadas, muitas vezes em amena cavaqueira, deixam a margem necessária para ficar a par das novidades da vizinhança. Este fenómeno, mais evidente nas raparigas do que nos rapazes, não deixa de ser transversal a todos os elementos do grupo.

“Sabe quem são aqueles, professora? Aquela senhora rouba crianças.
Foi presa, tem cadastro” (Barbie, 10 anos, 2010).

Como actores sociais as crianças observam, comentam e reagem aos que se movem no seu espaço de interacção social. Ao contrário do que se possa pensar, não adoptam uma postura passiva, semelhante a uma esponja em que tudo absorvem, sem nada filtrar. Dotados de um apurado sentido de percepção, constroem uma opinião que, no entender da criança, se encontra fundamentada.

A este propósito, Almeida refere que a criança não se confina a imitar ou a interiorizar o mundo que a rodeia, participando activamente num processo de “*apropriação, reinvenção e reprodução*” (Almeida, 2009:49):

“As crianças constroem e participam em culturas de pares, específicas e únicas, a partir de uma procura ou apropriação criativa de informação do mundo adulto, com a qual interpretam os seus próprios interesses de grupo. Mas neste trabalho também são co-produtoras da ordem dos adultos e contribuem para a sua manutenção ou mudança” (Almeida, 2009:49).

Esta autora argumenta que a criança, nas suas culturas de pares, vai mais além do que imitar os modelos dos adultos, já que os enriquece com o objectivo de dar resposta às suas próprias preocupações (Almeida, 2009:51).



Foto n° 24

“É o bloco da Diana (...) estava a passar lá e tirei. E eles puseram-se à frente”
(Constança, 11 anos, 2009)

Para o grupo de crianças que participou nesta investigação, o Bairro alimenta-se de pessoas, sem as quais ficaria reduzido a um conjunto de blocos, com um campo de futebol e uma escola no seu centro. A existência do Bairro só faz sentido se lá estiverem as “gentes” que o habitam.

“A vida no bairro é *fixe*, temos mais pessoas...” (Barbie, 10 anos, 2010).

As pessoas são um dos principais motivos pelo qual o Lagarteiro se torna tão atractivo e apelativo para as crianças, ainda que estas sejam, também, as principais responsáveis por transformarem o Lagarteiro num bairro melhor, ou pior, como veremos em seguida.

Entre as muitas pessoas que fazem parte do Bairro encontram-se os “vizinhos, as famílias, os meninos e meninas, os amigos, os drogados, os gangs, a polícia e a Iniciativa Bairros Críticos”.

A proximidade física com a família, vizinhos e amigos é muito valorizada e motivo de grande satisfação para as crianças, razão porque sofrem bastante com a ausência dos que vivem noutros bairros. Para este grupo, o bairro ideal seria aquele em que todos os membros da família e amigos vivessem juntos no mesmo território. Nesse sentido, pouco importaria se o local fosse o Lagarteiro, o Cerco ou a Pasteleira. O mais importante é que estivessem próximos.

A associação constante entre bairro e pessoas, levada a cabo por estas crianças, remete para a concepção de aldeia, muitas vezes associada a este tipo de território (Gonçalves, 2006:134). As crianças apoiam-se na representação de uma família alargada, quase como de uma aldeia se tratasse, para justificar as relações que mantêm com a vizinhança, transformando o Bairro num *“território onde a sociabilidade resiste aos efeitos desumanizantes e onde são salvaguardados valores humanos e sociais fundamentais, caídos em desuso noutros lugares”* (Queiroz e Gros, 2002: 174).

Aquando da demolição do bairro São João de Deus, algumas crianças, sobretudo as da minoria étnica cigana, foram forçadas a separar-se da família, que actualmente vive em bairros como o Cerco ou a Pasteleira. Este representa o único factor que as impede de sentir o Lagarteiro na sua plenitude, já que se as famílias se lhes juntassem, seria o bairro ideal para morarem. Todos juntos...



Foto nº 25

“Estava aqui no Bairro e *para verem nós* a irmos para o Cerco tirei uma foto”

(Diana, 15 anos, 2009)

“Não tenho a minha família aqui, gosto mais de estar no Cerco do que aqui. (...) Não é não gostar, é sempre aquela cena de um bairro para outro. (...) Se eles morassem aqui era aqui que eu ficava” (Diana, 15 anos, 2010).

Esta opinião é mais calorosamente defendida pelas crianças da minoria étnica cigana que, no âmbito da demolição do bairro São João de Deus, viram alguns dos seus parentes e amigos serem separados e realojados em diferentes bairros da cidade. Os principais destinos de realojamento foram o Lagarteiro, o Cerco do Porto, a Pasteleira, entre outros.

“ (...) o senhor da câmara, o Rui Rio, *deram* uma casa e agora vão fazer vivendas lá. Foram abaixo os blocos todos. Já foi há muito tempo” (Schneider, 11 anos, 2010).

O Bairro São João de Deus, conhecido pelas crianças como “Tarrafal”, viria a ser desmantelado num processo que teve início em Março de 2003 e terminaria com a demolição do último bloco em Dezembro de 2008. Este território era muito querido pelas crianças da minoria étnica cigana que, ainda hoje, argumentam nostalgicamente ser o melhor bairro que alguma vez existiu.

“MJ – Qual é para ti o melhor bairro?”

Gadget – Antes era o Tarrafal.

MJ – Porquê?

Gadget – Porque tinha mais dinheiro. Tinha motas...

MJ – O que faz um bairro melhor do que outro?

Gadget – Eu gosto mais do Tarrafal. O dinheiro, as coisas que tinha...

MJ – Porque é que já não tens?

Gadget – Não sei. Mudou a vida...” (Gadget, 10 anos, 2010).

Para além da família, os amigos representam uma importante e significativa fatia do quotidiano em comunidade. No Bairro, os colegas estão mesmo ali ao lado, a poucos metros de distância, e são parceiros de todas as horas. O convívio é quase constante, já que se encontram no caminho para a escola (que frequentam juntos), no regresso a casa, nos finais de tarde de brincadeira e, muitas vezes, após o jantar novamente na rua. A maior parte do tempo, a única coisa que os separa, são as finas paredes dos blocos.

Com os amigos desenvolvem-se “*modos específicos de significação e de uso da linguagem que se desenvolvem especialmente no âmbito das relações de pares*” (Sarmento, 2003:6):

“(…) estruturam-se e reestruturam-se as rotinas de acção, estabelecem-se os protocolos de comunicação, reforçam-se as regras ritualizadas das brincadeiras e jogos, adquire-se a competência da interacção: trocam-se os pequenos segredos, descodificam-se os sinais cifrados da vida em grupo, estabelecem-se os pactos das relações de pares” (Sarmento, 2003:12).

Para a maioria das crianças a palavra amigos surge quase como sinónimo da palavra bairro, porque o Lagarteiro surge como um lugar onde se fazem muitos amigos. Na opinião deste grupo de crianças, nenhum outro lugar é tão propício a fazer amizades:

“MJ – Tens muitos amigos?

Batman – Tenho.

MJ – É a melhor parte de viver num bairro?

Batman – É.

MJ – De que outras coisas gostas na vida no Bairro?

Batman – Gosto de conviver com os meus amigos... de trocar as coisas com eles... “(...) se eu fosse para outro sítio não tinha amigos, como eu tenho neste Bairro” (Batman, 10 anos, 2010).

Um pouco diferente dos amigos, mas bastante próximo do estatuto de benfeitor, encontra-se o projecto da Iniciativa Bairros Críticos. Para o grupo de crianças, a IBC ocupa uma importante parcela entre as pessoas do Bairro.

As crianças sabem que a IBC financia muitas das actividades que lhes são proporcionadas e sentem-se gratas por isso. Fazem questão de afirmar que o Clube de Jornalismo, o jornal Diário do Lagarteiro e grande parte das visitas de estudo só são possíveis e acontecem graças a este projecto.



Foto nº 26

“(Gabinete da IBC) Queria mostrar isto” (Schneider, 11 anos, 2009)

“MJ – O que mais gostas (*no bairro*)?”

Benji – O que eu mais gosto? É dos Bairros Críticos.

MJ – Porquê?

Benji – Porquê? Porque se não fosse os Bairros Críticos, a escola não podia levar os seus alunos a passear” (Benji, 10 anos, 2010).

Para além dos sentimentos de gratidão, estas crianças expressam um certo orgulho com o facto de a IBC se encontrar sediada num apartamento (bloco 9), no interior do Bairro. Todas as crianças sabem onde fica este gabinete e, por vezes, fazem questão de por lá passarem para uma visita.

“Sombra – Este é o bloco dos Bairros Críticos, não é?
Benji – Não, não. O bloco dos Bairros Críticos é sempre em frente,
esquerda, sempre em frente e direita.
(...) Sombra – Eu, hoje, estou a filmar o bairro.
Cláudia (*coordenadora da IBC Lagarteiro*) – Muito bem.
Sombra – E, agora, vim aos Bairros Críticos.
Cláudia – Vieste aos Bairros Críticos?
Sombra – Sim.
Cláudia – O que vieste cá fazer? Diz-me lá.
Sombra – Vim ver *como é* os Bairros Críticos.
Cláudia – Muito bem. E tu já sabes o que é que nós fazemos aqui?
Sombra – Sim. Trabalham.
Cláudia – Muito bem. E trabalhamos em quê?
Sombra – Trabalham... para fazer um Bairro melhor” (2010).

Os agentes da polícia também fazem parte das pessoas que integram o Bairro, ainda que a esquadra da PSP já não se encontre fisicamente sediada no Lagarteiro. Para este grupo de crianças, a transferência deste posto para as imediações do Bairro, em Outubro de 2009, é encarado com bastante pesar.

“Benji – (...) Gostava que a polícia ficasse ali.
MJ – O que aconteceu?
Benji – Foi abaixo e foi ali para a beira do hospital e dos correios.
MJ – Era importante, para ti, estar ali a polícia?
Benji – Sim. Assim, se houvesse um assalto e barulho era só a polícia
ir” (Benji, 11 anos, 2010).



Fig. 18

“É onde era a antiga esquadra (...)

Os três bancos e aquela coisa à beira da polícia,
mas a polícia agora já não está lá” (Barbie, 10 anos, 2010)

A ausência de uma esquadra da PSP no interior do Bairro é motivo de grande insatisfação para este grupo de crianças, dado que não esquecem e lamentam a transferência da mesma. A esse propósito referem os assaltos a casas e os presumíveis ladrões, ao que inevitavelmente associam a ausência de policiamento naquele território.

“Neste momento, aqui era a esquadra da polícia mas, infelizmente, veio aqui um camião e tirou, e também veio o clube, e tiraram a polícia”
(Benji, 10 anos, 2010).

Existe uma certa dicotomia e ambivalência perante esta figura da autoridade, nomeadamente entre o lado positivo de ter a autoridade por perto e o desejo oposto. Muitas vezes, as opiniões dividem-se, mas é frequente uma mesma criança sentir essa ambivalência e assumir as duas faces desta mesma questão. Por um lado, faz uma representação da polícia mas, por outro, apresenta vários dados que lhe são desfavoráveis e vice-versa.

Dentro do grupo insurgem-se algumas vozes críticas perante a acção da polícia, sendo que a grande maioria é verbalizada pelas crianças da minoria étnica cigana e se encontra relacionada com a apreensão de mercadoria aos feirantes desta etnia.

As rugas pontuais que acontecem no Lagarteiro também são motivo de descontentamento, sobretudo por parte das crianças da minoria étnica cigana. Não obstante, reconhecem a importância da polícia para a manutenção da segurança, nomeadamente, através da sua presença no Bairro.



Foto nº 27

“É importante, é a polícia” (Schneider, 11 anos, 2010)

“Schneider – (...) A polícia disse para eu não tirar fotos *para ali* e eu disse é só uma.

MJ – Porque tiraste essa?

Schneider – Porque é importante. Para *amostrar*.

MJ – Porquê?

Schneider – Sei lá!

MJ – Gostas da polícia?

Schneider – Sim. Às vezes, não. *Dá nervos* quando levam coisas aos ciganos, à minha mãe... pólos, CD's, casacos de marca...

MJ – E quando é que gostas da polícia?

Schneider – Quando, *faz conta*, os outros batem, aquilo que dá no telejornal, que até ontem deu, estavam a mandar pedras para os polícias, também dá nervos.

MJ – Achas importante haver polícia?

Schneider – Sim” (Schneider, 11 anos, 2010).

Algumas crianças da minoria étnica cigana argumentam que a presença das forças da autoridade no Bairro do Lagarteiro é praticamente desnecessária, dado que este território tem permanecido calmo, sem grandes confusões...

“Não passa muita polícia... não há muitas confusões com a polícia, não há *porrada*” (Gadget, 10 anos, 2010).

De qualquer forma, mesmo as crianças da minoria étnica cigana, revelam o desejo que a esquadra da PSP regresse ao centro do Bairro, por considerarem o factor proximidade muito importante para a manutenção da segurança naquele território.

A autoridade policial surge como uma figura de segurança e protecção para a maioria destas crianças. Estas representações foram sendo expressas ao longo das entrevistas, mas também nos desenhos e nas fotografias captadas. A ideia de protecção surge como um direito que lhes assiste, enquanto crianças, mas também como um dever, por parte das autoridades, de os protegerem.

“(...) se houvesse, assim, uma emergência, chamávamos logo a polícia e a polícia estava aqui *perto logo* e vinham cá” (Schneider, 11 anos, 2010).

Para este grupo de crianças, a ausência de uma esquadra da PSP no centro do Bairro deveria implicar a adopção de medidas que compensassem esta ausência. A presença/circulação de um carro patrulha pelo Bairro foi uma das sugestões apresentadas.

“Sombra – Podia haver um bocadinho de polícia como antigamente aqui havia.

MJ – Era aqui a polícia, não era?

Sombra – Antigamente estava a polícia. Agora podiam fazer, por exemplo, andava sempre aqui um carro patrulha.

MJ – E não anda?

Sombra – Não. Não durante o dia e só anda uma ou duas horas à noite” (2010).

A questão da participação coloca-se, ao longo deste estudo, de modo recorrente. A grande maioria das crianças que nele participam revelam uma enorme vontade participação e, conseqüentemente, de participarem e interferirem nas questões que fazem parte do seu mundo,

neste caso, do Bairro. Sarmiento relembra a importância de “*avaliar o sentido e as possibilidades da participação das crianças na vida social*”, já que esta implica a visibilidade da infância como “*destinatários das políticas públicas, mas a sua assunção plena como sujeitos políticos peculiares*” (Sarmiento, Fernandes e Tomás, 2007:6).

Ainda numa perspectiva de participação na vida activa do Bairro sugerem a existência e permanência no Bairro de uma espécie de fiscais, como complemento aos agentes da autoridade. Estas figuras estariam distribuídas pelo território, com o grande objectivo de controlarem o que por ali se passa. O grupo referenciou a distribuição dos “fiscais” um pouco por todo o bairro, mas com especial incidência na escola, que consideram dever ter mais seguranças.

“(…) Se calhar os outros bairros têm fiscais e, neste Bairro, o Rui Rio podiam meter fiscais para todos os dias, todas as noites tomarem conta das entradas…” (Benji , 10 anos, 2010).

A manutenção da segurança no Bairro não é assegurada apenas pelos agentes da PSP ou pelos hipotéticos “fiscais”, mas também pelos próprios moradores. Os vizinhos transmitem às crianças uma forte e importante sensação de apoio e protecção. As crianças sentem que podem circular livremente pelo Lagarteiro, sem qualquer tipo de receio, porque ali nada de mal lhes pode acontecer. Este sentimento de protecção e confiança é assegurado pelos vizinhos que, tal como elas, moram no seu Bairro.

“ (...) tenho mais protecção. Se alguém me fizer alguma coisa tenho amigos e tenho pessoas que *ajudam-me*. Se tiver fora do bairro não conheço ninguém” (Joana, 12 anos, 2010).

As crianças referem a existência de *gangs* no Bairro do Lagarteiro, ainda que não os explorem muito. São apontados como pessoas que dele fazem parte, sendo identificados verbalmente e representados através de imagens.

A maior evidência da presença de *gangs* no Bairro é-nos retratada através das inúmeras grafites desenhadas em muitas das paredes deste território.



Foto n° 28

Grafite de um gang do Lagarteiro (Sombra, 9 anos, 2010)

“Barbie – *Págera* (nome de um gang) do Bairro do Lagarteiro, do gang Estrela.

Sombra – Do gang Estrela?

Barbie – *Págera* do Bairro igual ao Lagarteiro do gang Estrela” (2010).

À semelhança do que acontece no Bairro do Lagarteiro, em Portugal, os *gangs* são constituídos de forma informal e espontânea, ao contrário do que acontece com outros países, em que os *gangs* que funcionam como associações organizadas, com símbolos identificáveis, líderes assumidos, territórios geográficos bem delimitados, entre outros (Albuquerque, 2007:35).

Os actores do Bairro do Lagarteiro são muitos e cada um desempenha o seu papel, ainda que alguns assumam várias funções, nomeadamente no que toca à segurança e protecção (vizinhos). Na perspectiva das crianças, uns têm o dom de fazer com que a vida no Bairro seja de amizade e brincadeira (amigos), outros garantem a segurança e protecção (PSP e vizinhos), uns possibilitam o acesso a recursos a que não estão habituados (IBC), outros decoram (ou estragam) as paredes do Bairro (gangs)...

Todos estes actores fazem parte da vida no Bairro e a sua coexistência praticamente não incomoda este grupo de crianças. No entanto, existem actores que as crianças gostariam que deixassem de ter um papel (o de toxicod dependentes), por considerarem que perturbam e ameaçam a harmonia e segurança deste território.

Para este grupo de crianças, os “drogados”, como a eles se referem, encontram-se entre as pessoas que fazem parte do Bairro do Lagarteiro. Segundo elas, todos os bairros têm drogados e droga, tratando-se quase de um pré-requisito para territórios como estes. A

associação entre bairro e droga poderá ter origem no facto de parte das crianças que participam neste estudo, terem um passado no bairro São João de Deus, também conhecido como o “*hipermercado das drogas*” (Fernandes:2010,16).

O assumir de uma certa familiaridade entre estes dois elementos não deve ser confundida com aceitação ou aprovação, já que as crianças condenam este comportamento e quem o pratica. Confessam que gostariam que os drogados não fizessem parte do Bairro, porque os encaram como o lado negro do Lagarteiro.

“Joana – (...) não gosto dos drogados.

MJ – Onde é que eles estão?

Joana – Andam sempre lá em cima, no mato, a... (pausa).

MJ – Onde é que estão?

Joana – Ali no mato.

MJ – Onde é?... No bloco 13?

Joana – Sim.

MJ – Porque não gostas deles?

Joana – Porque eles começam a mandar beijos para as crianças... já aconteceu isso à minha irmã” (Joana, 12 anos, 2010).

Ao considerarmos as crianças como actores sociais, propusemo-nos compreender como constroem as relações com os seus pares e com todos aqueles que fazem parte das suas vivências no Bairro e fora dele. Escutamos o que tinham para dizer, nomeadamente as suas sugestões sobre alguns temas relacionados com o Bairro do Lagarteiro e os seus actores.

Com uma postura de participação activa, própria do grupo social co-produtor que são (Fernandes, 2009), estas crianças foram contando a história dos diferentes actores do Bairro, caracterizando-os, à medida que apresentaram propostas concretas com vista a melhorar algumas destas relações.

Tendo em conta uma possível contribuição para a mudança, este grupo de crianças palmilhou o Bairro, com uma perspectiva crítica das relações, tentando lidar, resolver e mesmo eliminar algumas das suas próprias preocupações (Almeida, 2009).

4. As Ambiguidades das Relações das Crianças no Lagarteiro: Entre Preocupações, Tensões ou Talvez Não...



Fig. 19

“É o muro, isto é a relva, isto é a estrada. A estrada... Isto é os correios. Isto é as varandas. Isto são as pessoas. Aqui é a assistência social (*IBC*)” (Schneider, 11 anos, 2010)

Ao longo deste trabalho de investigação fomos construindo o conceito de Bairro do Lagarteiro, a partir do ponto de vista do grupo de crianças que nele participou (Qvortrup, 1998). Entre as muitas referências que nos foram sendo dadas, os blocos e pessoas que neles habitam talvez tenham sido as mais transversais e contínuas.

Os blocos edificam o espaço físico do Bairro e, as suas gentes, as relações que nele se vão construindo. Estas relações (sociais) permitem “*transformar colectivamente o meio natural, concedendo-lhe uma função e um sentido*” (Grafmeyer, 1994:32). Os espaços daquele território vão sendo moldados pelas suas gentes e vice-versa, numa dança de pares.

“A cidade é simultaneamente território e população, quadro físico e unidade de vida colectiva, configuração de objectos físicos e nó de relações entre os seres sociais” (Grafmeyer, 1994:13).

A vivência quotidiana no espaço físico do Bairro suscita ocasiões de interacção e/ou de coexistência e, seja qual for o tipo de relação estabelecida entre os indivíduos, esta proximidade nunca se revela indiferente (Grafmeyer, 1994).

“E, aquela senhora que vai ali, é a Celeste. Ô Celeeeste! *Xau!* (*a acenar*). Ela trabalhou ali no infantário” (Barbie, 10 anos, 2010).

A proximidade física entre os indivíduos e o afastamento geográfico de outros núcleos urbanos fomentam o conceito de aldeia que ali se vive. Neste território, coabita o espaço de entreajuda e troca de experiências, através do qual organizam sentimentos de “*identidade e segurança, e se situam todas as relações*”, instituindo um “*lugar privilegiado de vida e de expressão de convivialidade*” (Gonçalves, 2006:134):

Apesar da existência de um entendimento próprio de uma aldeia, e de todos se conhecerem (melhor ou pior), não significa ausência de juízos de valor, a que se seguem as críticas e tensões.

“Mesmo quando se desconhecem praticamente os vizinhos, a maneira como deles se fala traduz categorias de juízo, formas de se situar a si mesmo e de situar os outros (...)” (Grafmeyer, 1994:56).

Neste grupo de crianças é comum a atribuição de “rótulos”, na sequência da reprovação, ou não, de certas atitudes e comportamentos. O que se passa no Bairro não lhes é indiferente ou passa despercebido, já que permanecem atentos ao que os rodeia. Por este motivo, parecem estar sempre prontos a emitir uma opinião formada sobre o que acontece naquele lugar.

A apreciação e julgamento do que acontece no Bairro são condicionados pelas experiências pessoais de cada uma destas crianças, que as tomam como ponto de partida para emitirem os seus pareceres. Para além das apreciações transversais ao grupo, cada elemento apresenta as suas próprias, em função da realidade particular que vivencia.

“Barbie – Na entrada também há pessoas *chocas*, às vezes, também nem dá pr’a jogar à bola. Dizem que está sempre o filho doente...

MJ – O que são pessoas *chocas*?

Barbie – Está sempre a resmungar, a vizinha. Estou a jogar à bola e estou a bater nas escadas, *teim, teim, teim*, e a vizinha diz: “vai fazer barulho lá pr’a rua”... Como da outra vez, a dizer que tinha o filho doente, no quarto da frente... deve ter muito, ali... E eu gosto de estar ali sem fazer nada...” (Barbie, 10 anos, 2010).

Por vezes, a forma de estar e de brincar das crianças incomoda os vizinhos. Naturalmente, o adulto não encara o mundo da mesma forma que é entendido pela criança, o que, por vezes, origina alguns conflitos (Qvortrup, 1998).

Qvortrup alerta para alguns paradoxos entre o mundo da criança e o mundo do adulto, nomeadamente o de que os adultos aceitam ensinar às crianças o conceito de liberdade, mas limitam-se a exercer sobre elas controlo e disciplina (Qvortrup, 1998:3). Este autor alerta, assim, para a ambivalência das atitudes sociais dos adultos para com as crianças.

No decorrer desta convivência, as crianças ressentem-se perante determinadas atitudes e comportamentos levados a cabo pelos adultos. Mesmo quando não lhes dizem respeito, directamente, reagem com a mesma convicção.

Os comentários das crianças são verbalmente proferidos e apontados:

“Barbie – (...) também andam pessoas muito más que abandonam os bichos como aquele gato que está ali sozinho.

MJ – Abandonam muitos animais, aqui?

Barbie – Aqui abandonam.

MJ – Porquê?

Barbie – Sei lá. Porque se calhar não gostam dos bichos... e metem-nos... olhe outro igual, cinzento” (Barbie, 10 anos, 2010).

Sensíveis a esta questão, as crianças exprimem as suas preocupações perante algumas situações que presenciam no dia-a-dia... É com visível revolta e algum desprezo que encararam os moradores que abandonam e/ou maltratam os animais. Apontam o dedo e reagem com grande inquietação perante as altas taxas de abandono de cães e gatos que se verifica no Bairro do Lagarteiro. Os bichos vagueiam pelas ruas, sem dono, alguns dos quais visivelmente subnutridos.

Os animais são uma fonte de preocupação para este grupo de crianças, que com eles se preocupa e os mencionam com alguma frequência. Apesar de os cães serem os mais referenciados, as gaivotas e os pombos fazem parte das representações destas crianças, tanto nas entrevistas como nos desenhos.



Foto n° 29

Roupa a secar no Bairro do Lagarteiro (Maria João Pereira, 2010)

A lista de preocupações e consequentes tensões verificadas entre as crianças e alguns moradores do Bairro, nomeadamente os adultos, são diversificadas e revelam uma posição de alerta perante os intervenientes deste território.

Este grupo de crianças reconhece que existem pequenas grandes questões que, se fossem resolvidas, possibilitariam uma vivência e um desfrute mais harmonioso daquele lugar. Entre estas recordam o lixo que as pessoas atiram para o chão, a roupa estendida em cordas ao longo do Bairro, entre tantas outras...

“Barbie – Isso é uma esponja, que é onde as pessoas, às vezes, amarram as coisas (*nas cordas da roupa*).

Sombra – Não deviam pôr aqui roupa a secar. (...)

Sombra – Deitam as coisas fora, como o nosso jornal, já aqui está um no chão. Aqui está outro jornal, o jornal do *Lidl*. Também já está no chão.

Barbie – Estragam tudo... nem tenho gosto. (...)

Barbie – Aqui tem uma garrafa.

MJ – É lixo?

Sombra – Sim, é lixo.

Barbie – Esta garrafa está cortada, que é de uma fiska, que eu também tenho em casa.

MJ – Faz-se uma fiska a partir de uma garrafa?

Barbie – Sim.

Sombra – Aqui deitaram um daqueles *coisas...*” (2010).

Num mundo de adultos em que as crianças se tentam fazer ouvir, são visíveis as preocupações que sentem e manifestam relativamente ao que as rodeia, ou seja, ao que acontece no Bairro. Geralmente, são os próprios adultos os causadores destas inquietações que, muitas vezes, resultam em tensões de difícil resolução.

4.1. “A Droga e os Drogados”

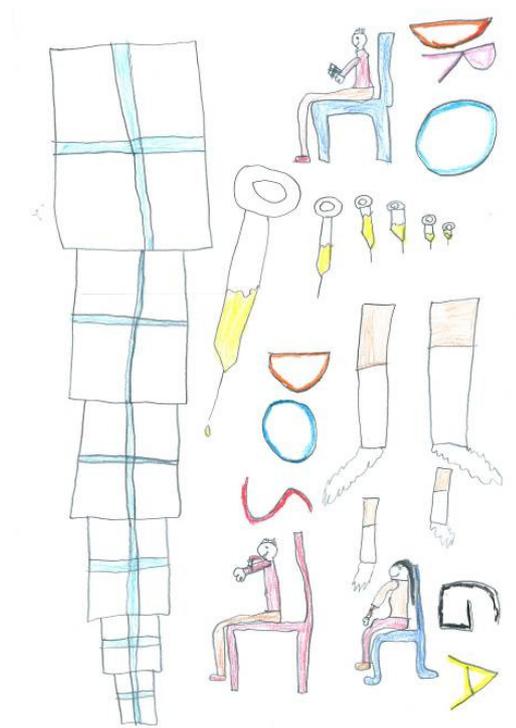


Fig. 20

“Eu só vos quero avisar que também há droga nas seringas, mas eu não sei de que cor é.

Acho que é amarela e até fiz um desenho de uma seringa muito gira.

E acho que até há drogas de outras cores”

(Sombra, 9 anos, 2010)

Um dos focos de preocupação sentidos por este grupo de crianças é a “droga e os drogados” como assim os designam. A existência de toxicod dependência no Bairro do Lagarteiro, nomeadamente de droga, drogados e seringas, é encarada com repulsa e constitui uma das mais fortes representações negativas deste território.

“Os drogados ficam viciados na droga, que é uma coisa branca muito má para a saúde. (...) Os drogados quando a consomem ficam zonzos

e, às vezes, até se despistam os carros e fazem outras asneiras... No Bairro do Lagarteiro há muitos drogados” (Sombra, 9 anos, 2010).

As crianças alertam para a presença de seringas no chão, sobretudo atrás dos blocos, estabelecendo uma imediata associação entre estes objectos e os seus consumidores, a quem se referem como “os drogados”. Estes indivíduos são descritos como pessoas que fumam e se injectam em frente às crianças:

“Benji – Aqui fumam à frente das crianças. E picam-se.

Joana – Picam-se à nossa frente. Na janela, lá atrás, vi um drogado a picar-se.

Constança – Aqui, na escola, também estavam e depois ficou lá um bocadinho de sangue e puseram água.

Sombra – Ó stora, é uma insegurança!

Constança – Fomos pr’ali e nós vimos *elas* a (*reprodução do gesto da seringa no braço*) e começaram a fugir” (2010).

Para as crianças que participaram neste estudo a questão da droga, no Bairro do Lagarteiro, surge associada inevitavelmente ao perigo. À medida que revelavam as suas preocupações e angústias, perante um problema com o qual não sabem lidar, mantinham-se alertas para com a realidade em que se movem e quaisquer eventualidades que lhe pudessem estar associadas.

“Barbie – Lá atrás, no bloco 9, há esconderijos, há muito lixo, há flores para apanhar, que eu até vou apanhar.

MJ – Vamos ver essa parte?

Sombra – Podem ter droga...

Barbie – Não. Aquilo é flores. Jornais nossos no chão!

Sombra – Ó stora, as flores *podem-lhe* ter deitado droga líquida” (2010).

Perante as preocupações e conseqüentes tensões que a existência de droga no Bairro do Lagarteiro provoca neste grupo de crianças, todos são unânimes em afirmar que não deveria existir droga naquele território.

“(o que *podia mudar*) A droga que há aqui. Há muita droga aqui. Podia acabar” (Diana, 15 anos, 2010).

A eliminação da problemática droga, no Bairro, é um desejo manifestado e expresso por todos, ainda que alguns neguem a sua existência (em determinados momentos). Esta oscilação de opiniões acontece, sobretudo, na minoria étnica cigana, para quem a droga é um problema praticamente inexistente neste território. Referem a ausência desta problemática, com bastante orgulho, e argumentam a veracidade destas afirmações com a transferência da esquadra da PSP para as imediações do Bairro.

“(motivo *pelo qual gosta do Bairro*) Porque tem muitas pessoas, não vendem droga... e, também, não há muita polícia...” (Constança, 11 anos, 2010).

Para as crianças da minoria étnica cigana, a intervenção da polícia apenas acontece quando algo não corre bem, ou seja, se não existem “*grandes confusões com a polícia*” é porque não existe droga no Lagarteiro (Gadget, 2010). Se não há droga, a polícia não precisa de intervir e tudo está bem...

“Sombra – Atrás de alguns blocos há seringas. Ali, no bloco da Joana, atrás, estava lá uma seringa.

Gadget – Aqui não há drogados, aqui não há ressacados.

MJ – O que é isso?

Gadget – Ressacados é aqueles que *fumam veia*. Ressacados é aqueles que *fumam veia*, que *fumam veia* e picam-se. Já vi, muitas vezes, no Bairro João de Deus” (2010).

Bastante nervoso e revoltado, o Gadget reagia de forma agitada perante as palavras que ouvia dos colegas. Incrédulo, de olhos arregalados, argumentava que não havia droga no Bairro do Lagarteiro e que eles não sabiam do que estavam a falar¹⁰.

¹⁰ Nota de Campo n°9 de 17 de Junho de 2010.

“Schneider – No meu bairro, em frente a mim, moravam lá dois ciganos que vendiam droga.

MJ – Neste Bairro?

Schneider – Não, no outro (*São João de Deus*). Quando nós íamos deitar-nos para a cama faziam mais barulho, os drogados, por causa das portas. Quando entravam, fechavam a porta *pum*, faziam mais barulho. E o meu pai tirou-os dali pr’a fora.

Diana – No Tarrafal também havia droga.

Schneider – Em frente a mim, uma moça...

Gadget – Cala-te! Cala-te! Cala-te! Cala-te! (*a gesticular ameaçadoramente*).

Diana – Havia muita droga no Tarrafal e os drogados viam-nos a nós a passar e não fumavam à nossa frente, nem picavam-se. À beira de nós escondiam-se. Aqui não” (2010).

Quando a outra criança, da mesma etnia, se atreveu a contar uma segunda história, desta vez de uma mulher cigana que vendia droga, foi interpelada pelos seus pares de minoria étnica cigana, que não o deixaram avançar na narração. As ameaças verbais e gestuais remeteram-nos para o silêncio.

Presumimos que tal agressividade, por parte dos seus pares, se deva ao facto de esta criança ter referido, à frente da *raça dos senhores* (designação que criaram para a maioria autóctone), que uma mulher da etnia deles vendia droga.

A postura reactiva e explosiva assumida por estas crianças poderá estar relacionada com o facto de a minoria étnica cigana, ao contrário de outras minorias, não terem interiorizado um sentimento de inferioridade, muito pelo contrário, sendo que se sentem orgulhosos de quem são e demonstram muito respeito pelos seus pares (Arbex, 1999).

“Os ciganos interiorizam menos que outras minorias o sentimento de inferioridade, entre outras razões, porque nunca aceitaram de todo o modelo dominante como desejável ou superior e, pelo contrário, seguiram, até um certo ponto, um estilo de vida próprio do qual se sentem muito orgulhosos” (Arbex, 1999:28).

Por outro lado, Arbex alerta para uma predisposição característica desta etnia:

“Uma das características da idiosincrasia cigana é o escasso autocontrole emocional, com uma maior prevalência do sentimental sobre o racional” (Arbex, 1999:38).

As quatro crianças da minoria étnica cigana, que fizeram parte deste estudo, sempre mantiveram bons relacionamentos, defendendo-se mutuamente perante a maioria autóctone. Após este breve episódio foram retomadas as posições de amizade e companheirismo, que sempre mantiveram, e o assunto não mais viria a ser abordado por qualquer elemento do grupo.

No entanto, como podemos observar é inquestionável a importância que assumem as questões culturais neste grupo de crianças, que embora partilhem um mesmo território – o Bairro – convocam para as suas vivências e representações do mundo, dimensões bem divergentes, profundamente interdependentes da cultura em que cresceram, concordando com Velho quando refere:

“Os saberes em qualquer sociedade são expressão e produto de processos sociais, ao mesmo tempo que actuam sobre eles transformando-os em uma relação permanente e constitutiva da própria sociedade” (Velho, 2002:38).

A importância das questões culturais reflecte-se em diferentes níveis, podendo mesmo intervir com a ordem social, perturbando. Embora as perturbações no grupo em questão não assumam preocupações alarmantes, não deixam de se configurar como significativas nos modos como as crianças lidam e vêem o mundo que as rodeia, como se relacionam e resolvem os seus problemas, assumindo, no entanto, noutros territórios semelhantes dimensões mais dramáticas, podendo conduzir aquilo que Lopes designa de uma etnização do espaço (2006).

Em alguns territórios as minorias étnicas apropriaram-se do espaço até então exclusivamente dos autóctones, instaurando os seus modos de vida e provocando alguma desordem na sociedade em questão, com consequências graves que necessitaram a intervenção da polícia (Lopes, 2006). Por vezes, estas “*modalidades de apropriação do espaço não só impedem a emergência de um novo laço social de tipo associacionista e solidário, como reforçam a tendência à etnização do espaço e à diferenciação negativa do outro-diferente*” (Lopes, 2006:147).

Em síntese, a inserção cultural e social da criança, num lugar e numa época, não é isento das influências culturais reflectindo-se nas suas representações (Sarmiento, 2007), sendo importante considerá-las na análise dos mundos culturais e sociais das crianças. As crianças reproduzem as suas formas culturais na relação com o Outro e com o espaço em que se encontram inseridas.

4.2. Diferenças Étnicas e as suas Implicações nas Relações entre as Crianças

“...tinha medo que os ciganos... até foi os ciganos que me vieram chamar a mim e à minha irmã para vir para a rua”

(Joana, 12 anos, 2010)

Entre as preocupações e tensões sentidas por este grupo de crianças, encontram-se os comportamentos por elas considerados violentos. Referem a *porrada* e o barulho que lhe está associado como factores altamente perturbadores da harmonia no Bairro, responsabilizando alguns dos moradores por este descontentamento e preocupação.

MJ – (...) Há coisas más nos bairros?

Batman – É quando andam à *porrada*.

MJ – Eles quem?

Batman – Muita gente... Andam à *porrada* e faz mal andar à *porrada*.

MJ – São crianças ou adultos?

Batman – Alguns são novos, outros podem ser adultos” (Batman, 10 anos, 2010).

Este tipo de conduta, altamente condenável pelo grupo de crianças neste estudo, é associado apenas aos adultos. Consideram que as crianças não andam à *porrada*, apenas brincam às lutas, algo bem diferente dos adultos, que assumem um grau elevado de violência. Este é o principal motivo pelo qual defendem tratar-se de uma atitude exclusiva dos mais crescidos. É bom ser criança... “*porque não há porrada (entre as crianças)*” (Batman, 2010).

Na opinião destas crianças, à *porrada* vem associado o barulho, mas não só. O barulho é um fenómeno que surge relacionado com este tipo de comportamento, mas também com a

existência de uma minoria étnica cigana no Bairro e às motas que por ali circulam durante a noite e impedem um sono tranquilo.

A estes juntam-se-lhes o barulho das pessoas que passam, conversam e gritam, dos indivíduos que arrombam as portas das casas e das garagens... Todos estes elementos são apontados, por este grupo, como perturbadores e geradores de ruído no Bairro. Sobre as situações apontadas, confessam não possuírem grandes alternativas de solução.

“Benji – É muito barulho.

MJ – Barulho de quê?

Benji – De motas. De arrombar as casas, as garagens... barulho, *porrada*... (*encolher de ombros*)” (Benji, 10 anos, 2010).

Mais uma vez, os únicos elementos deste grupo que contrariam a existência de *porrada* e de barulho, são as crianças da minoria étnica cigana. Para elas, não existe *porrada* ou barulho no Bairro do Lagarteiro.

“Gadget – Este Bairro é muito sossegadinho.

MJ – Sossegado como?

Constança – Não fazem barulho.

Gadget – Não passa muita polícia... não há muitas confusões com a polícia, não há *porrada*” (2010).

Para algumas crianças deste estudo, o barulho e a *porrada* surgem, muitas vezes, associados aos moradores da minoria étnica cigana. Uma das crianças, em particular, considera que estes são os principais responsáveis pelo ruído, confusão e, conseqüentemente, pelo facto de ele próprio não gostar de viver no Bairro do Lagarteiro.

“Benji – (...) é só ciganos, muito barulho e, ao longo da noite, ninguém consegue dormir.

MJ – Porquê?

Benji – Porque os ciganos ligam o rádio, é barulho... é *porrada*, é música muito alta... não dá.

MJ – Não gostas de ciganos?

Benji – Não, odeio-os.

MJ – Porquê?

Benji – Porque eles andam muito à *porrada*, matam as pessoas e ainda batem às pessoas.

MJ – Onde aprendeste isso?

Benji – Em nenhum sítio. Sempre que passo pelos ciganos, eles estão assim” (Benji, 10 anos, 2010).

A minoria étnica cigana não tem uma representação significativa no Bairro do Lagarteiro (cerca de 30 famílias) e a convivência acontece de modo pacífico, a maior parte do tempo. Não obstante, há quem não lide bem com a sua presença.

“(gosto) De sair do Bairro. É mais... paz, não há barulho, não há ciganos. Eu gosto mais de sair do Bairro” (Benji, 10 anos, 2010).

Apesar de se tratar de uma minoria, a sua presença não passa despercebida, entre as crianças, que se orientam por regras subtis no modo como devem lidar uns com os outros. Todos conhecem as normas, ainda que não as verbalizem com regularidade.

Raramente se atrevem a desafiar ou agredir um colega desta minoria étnica, sob pena de terem de lidar com as consequências, ou seja, com a enorme probabilidade de o colega regressar, mais tarde, com toda a família para um ajuste de contas.

“Sombra – Podem roubar (*a roupa a secar*).

Barbie – Ninguém rouba, porque isto aqui é dos ciganos. Depois, as pessoas vêem com a roupa vestida, os ciganos já sabem logo que essa roupa é minha... e arma-se assim as confusões” (2010).



Fig. 21

“As tradições ciganas” (Constança, 11 anos e Diana, 15 anos, 2010)

Apesar do convívio e amizade entre as crianças da minoria étnica cigana e da maioria autóctone, dentro e fora da escola, o receio de “pisar o risco” é latente em grande parte dos elementos deste grupo. Esta minoria étnica é encarada como detentores de um relativo, que muito poucos atrevem desafiar.

“Joana – Mal vim para aqui foram todos bater à porta da minha mãe para me chamar pr’a vir para a rua... eu nem sequer conhecia. Eu antes tinha vergonha, nem sequer vinha para a rua. Ficava sempre em casa, tinha medo...

MJ – De quê?

Joana – Tinha sete anos, tinha medo que os ciganos... até foi os ciganos que me vieram chamar a mim e à minha irmã para vir para a rua. Porque nós nem íamos, ficávamos com medo em casa, sem ir para a rua” (Joana, 12 anos, 2010).

Quando entram em desacordo com os colegas ou presenciam algum comportamento com o qual não se identificam, as crianças de etnia cigana apresentam o seu desagrado de forma bastante explícita e mesmo agressiva para com os demais. A opinião do Outro é desprezada mas, sobretudo, condenada, numa tentativa expressa que deixe de existir. Consideram que certas opiniões ou ideias não deviam ter direito a ser expressas ou sequer verbalizadas.

“Diana – E tu, o que é que achas do Bairro do Lagarteiro?

Benji – Muito feio.

Gadget – Muito feio?!

Benji – Muitos lixos, as pessoas...

Diana – Eu *ando* aqui e não vi lixos nenhuns.

Gadget – Trapalhão, mentiroso, trifulha! Trapalhão! Trapalhão!

(*Bastante agitado*) (2010).

Por sua vez, as crianças da minoria étnica cigana que participaram neste estudo revelam um grande orgulho e vaidade por serem quem são. Sentem-se perfeitamente integradas no Bairro e interagem com naturalidade com os seus pares, quer sejam da mesma etnia, quer não.

“MJ – Gostas de ser cigano?

Gadget – Eu adoro!

MJ – Porquê?

Gadget – As músicas são fixes, tem muitas coisas fixes... (pausa) Os ciganos não são iguais aos *senhores* a tocar viola. O som é diferente, as músicas... é mesmo fixe ser cigano. Eu gosto (Gadget, 10 anos, 2010).

Apesar do harmonioso convívio e naturalidade com que se foram construindo as relações entre as crianças que participaram neste estudo, ser cigano (a) não deixa de ser um motivo de grande orgulho e até de alguma primazia perante os restantes.

4.3. Quem Tem Medo de Correr Riscos?

No âmbito das preocupações reveladas por este grupo de crianças encontram-se as representações do risco, dos perigos e dos medos, que são muitas e se foram revelando à medida que a investigação avançava.

As suas demonstrações foram-se fazendo através das conversas, mas também dos desenhos, das fotografias e dos vídeos captados pelas próprias crianças. Todos os elementos do grupo têm receios associados, de forma directa ou indirecta, à vida no Bairro, ainda que variem um pouco de criança para criança. Uns receiam ser raptados, outros serem postos a dormir...

“Benji – Eu tenho muito (*medo*), porque eles podem-me roubar e eu nunca mais vejo os meus pais e nem *mais* a minha família.

Sombra – Posso ser raptado, podem-me pôr a dormir...” (2010).

A noção de risco varia de acordo com os actores, e respectivas famílias, sendo que não se apresenta como um comportamento transversal ou regular. Muitas vezes, a noção de perigo é fomentada pelos próprios pais, que alarmam as crianças para os múltiplos perigos que espreitam lá fora, acabando por condicionar o seu quotidiano. O risco é encarado, maioritariamente, como uma ameaça e não como uma “oportunidade ou desafio” (Carvalho e Ferreira, 2009:107).

Uma das consequências deste fenómeno é a redução da liberdade de acção das crianças, face ao aumento da supervisão dos adultos. Desde o nascimento, a criança percorre um trajecto que a guia de um estado de dependência rumo a um de relativa independência, já numa fase adulta. Ao longo deste trajecto, o risco está presente nas suas diferentes etapas, sendo inevitável o cruzamento da criança com este (Gill, 2010).

Este autor defende que a maioria dos pais percebe que tem de assumir o papel de ajudar os filhos a prepararem-se para a vida adulta, ajudando-os a assumir a responsabilidade do quotidiano das suas vidas (Gill, 2010).

“MJ – A que brincas fora da escola?

Benji – A nada.

MJ – Porquê?

Benji – Porque não posso sair de casa. A minha mãe tem medo que me levem” (Benji, 11 anos, 2010).

Mesmo nos locais de preferência, onde se dirigem para brincar tantas vezes, o risco não deixa de ser lembrado. As brincadeiras acontecem e desenvolvem-se, mas a atenção também, fazendo-se acompanhar o melhor possível, na dose em que a infância assim o permitir.



Fig. 22

Cascata do Parque Oriental (Sombra, 9 anos, 2010)

“Aqui é o cano, é o buraco. Onde a água da cascata vai lá parar. E alguns meninos sobem lá. Outros, sobem por outro lado, outros por outro... Vai tudo dar ao mesmo. Estes dois meninos não deviam ter subido e estes aqui também não deviam estar a subir. Estes podem rachar aqui com a cabeça, estes aqui podem cair dentro do cano e morrerem” (Sombra, 9 anos, 2010).

À semelhança do anterior, alguns dos locais de brincadeira eleitos por este grupo de crianças são classificados, por elas próprias, de ambientes perigosos. Admitem que o exterior do Bairro, nomeadamente a rua onde brincam a maior parte do tempo, não se encontra livre de perigos. As principais ameaças devem-se, sobretudo, às estradas e aos carros.

Para quem brinca na rua, explica este grupo de crianças, a existência de muitas estradas e poucas passadeiras representa um elemento negativo para o Bairro, em geral, e perigoso para os moradores, em particular, designadamente para os mais pequenos.

Apesar de passarem a maior parte do tempo no exterior, estas crianças têm total consciência de que brincar na rua oferece alguns riscos, nomeadamente o de ser atropelado, e que precisam de tomar alguns cuidados quando o fazem.

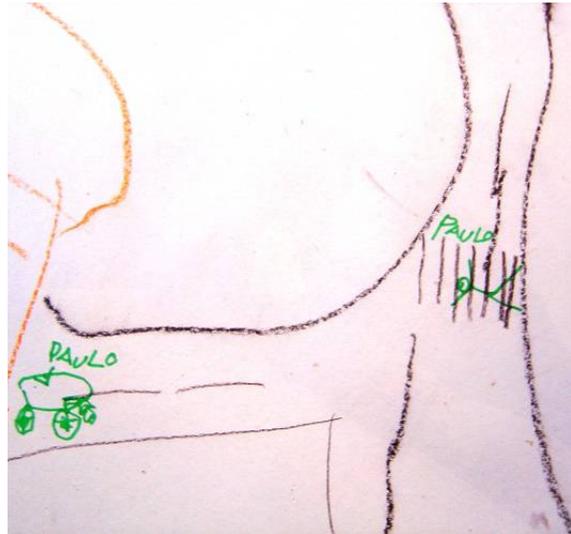


Fig. 23

“Fiz este menino a passar na passadeira” (Sombra, 9 anos, 2010)

Sombra – (...) Há poucas passadeiras no Bairro. São mais estradas sem passadeiras, do que passadeiras. (...) Hum... eu não gosto de estar na rua. Ainda me atropela algum carro. Despista-se, atropela-me e já fui! (...) Temos de ter cuidado para ir ao Parque, porque há passadeiras e os carros podem-nos atropelar. (...) Agora vou dizer uma coisa muito séria. Estes meninos aqui não deviam estar aqui a brincarem. Isso fui eu que os fiz.

MJ – Porque é que não deviam?

Sombra – Porque podem ser atropelados. Porque podem ser atropelados” (Sombra, 9 anos, 2010).

A consciência de que ser criança também envolve riscos é assumida por vários elementos deste grupo de crianças sendo que, alguns dos riscos, estão bem presentes nos discursos de certos elementos do grupo. Admitem que precisam de ter em conta alguns cuidados que, na sua opinião, todas as crianças deveriam ter.

“Não podemos ir para muito longe sem os pais, se alguém nos chamar, nós não podemos ir, não podemos fazer nada de fumar, nem... roubar... mais nada (Constança, 11 anos, 2010).

Por oposição, outras revelam uma ausência da noção do perigo, como nesta situação de cujo cenário de brincadeiras fazia parte a interacção com os trabalhadores da construção civil:

“(sobre o que faz no Parque) Pr’a cascata que tem lá. Vou pr’ái brincar e ando de bicicleta... sem ser na relva que tem lá pr’andar... e mais nada. Meto-me a falar com os trolhas” (Joana, 11 anos, 2010).

Neste grupo, a interiorização do risco encontra-se presente também a nível das próprias brincadeiras. As representações de potenciais perigos são verbalizadas de modo regular e espontâneo, nomeadamente aos que se prendem com a higiene:

“Barbie – Tem ali lago, como pode ver. Quer ir ver?

MJ – É lá que molham os pés?

Barbie – Não! Acha? *Que* aquela água tem areia por baixo e nós não metemos lá os pés, só metemos naquela água que vem da gruta limpa, que vem desinfectada” (2010).

A questão da segurança está muito presente nos discursos da grande maioria destas crianças, que alertam para o facto de todos os espaços de que dispõem, actualmente, serem inadequados e até perigosos, já que as crianças se podem magoar. A esse propósito recordam a inexistência, no Bairro, de um hospital, de um quartel de bombeiros e, o que consideram mais importante, da esquadra da polícia.

“A vida no Bairro é fixe, temos mais pessoas... gosto de estar no Bairro. Às vezes, vamos ali para o Parque. Às vezes, estamos aqui em baixo à beira da Márcia, onde era a antiga esquadra. Brincamos ali todos, levamos uma bola e jogamos voleibol...

Às vezes, estamos atrás do bloco num quintal velho, no bloco 2, mas já não está lá ninguém, a minha mãe não me deixa ir para lá, porque há muitos vidros e tenho medo de me espetar. Quando eu estive atrás do bloco espetei-me aqui. É por isso que tenho aqui a cicatriz. Eu já não vou para lá. Estávamos a brincar às escondidinhas... o João foi caço, entretanto estávamos a correr e eu desloquei o pé e cortei-me... foram

umas dores. Fui à caixa, levei pontos, mas já está tudo bem. Às vezes, dói-me aqui, mas não é nada de importante” (Barbie, 10 anos, 2010).

A própria EB1/JI do Lagarteiro é encarada como um local onde são detectadas várias situações de risco para os mais novos. As crianças apontam como principais factores o piso do recreio (em terra e cascalho), os muros (que permitem a escalada) e a escassez de recursos humanos, nomeadamente de porteiros, os principais factores de risco para quem frequenta aquela instituição de ensino.



Foto nº 30

“Os muros são muito altos” (Sombra, 9 anos, 2009)

“(sobre a fotografia em cima) Sombra – Isto aqui é para representar que, isto aqui, também não devia estar aqui, como eu já disse. Os muros são muito altos.

MJ – Foi de propósito para se ver essa parte?

Sombra – Sim. Os muros são muito altos! Estes pauzinhos, um menino pode tentar subir para o outro lado e ainda cai.

MJ – Estás atento aos perigos?

Sombra – Algumas vezes” (Sombra, 9 anos, 2010).

Estudos revelam que as crianças valorizam a sua segurança e reclamam que os adultos as protejam neste parâmetro. Por outro lado, estas mesmas crianças têm vindo a aumentar a procura por uma maior liberdade, ou seja, de mais coisas para fazer e de mais locais para onde possam ir.

De qualquer forma, à medida que a adolescência se vai aproximando, as crianças vão desenvolvendo, aos poucos, uma “*boa compreensão do conceito de risco*” (Gill, 2010:25).

“O desejo de escapar a uma infância restritiva pode contribuir para muitas opções de lazer dos jovens, desde o *skateboarding* e o envolvimento em subculturas musicais, a actividades mais marginais, antissociais, nocivas e (em casos extremos) criminosas” (Gill, 2010:25).

A identificação positiva destas crianças para com este território, que conhecem como a palma da mão, leva-as a moverem-se praticamente sem receios e com o à-vontade de quem se sente em casa. Os espaços e as ruas do Bairro Lagarteiro são quase uma extensão do apartamento onde vivem, como se de um grande Parque se tratasse. Na delimitação das fronteiras do Bairro existe uma espécie de muro invisível que os separa e protege do exterior.

Não obstante, a grande maioria sente o risco à espreita e sabe-o lá. No entanto, prefere não pensar muito nisso, caso contrário, não se diverte. O sair, o correr, o saltar, enfim, o brincar, acontecem na mesma medida e, sempre que possível, fazendo-se acompanhar da cautela.

Apesar da consciência do risco revelada por este grupo de crianças, tal não os impede de se aventurarem porque, talvez no dia em que o fizessem, provavelmente deixariam de ser crianças...

5. É Diferente Ser Criança... no Bairro do Lagarteiro?

“A exigência de ser amado é a maior das pretensões”

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

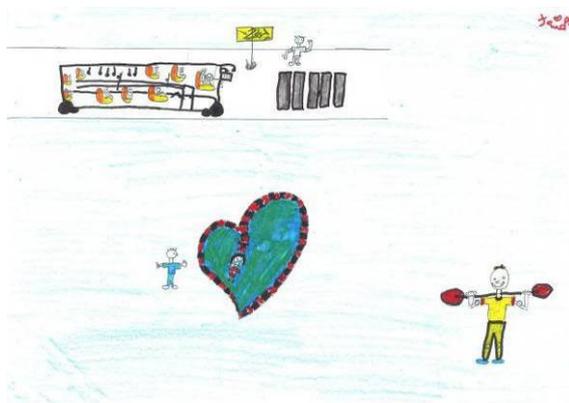


Fig. 24

“O dia da criança” (Constança, 11 anos, 2010)

Ao longo deste estudo fomos conhecendo alguns dos modos de estar, ser e agir de um grupo de crianças do Bairro do Lagarteiro, aspecto central da nossa investigação. No decorrer desta investigação propusemo-nos conhecer como é ser criança e como se vive a infância neste território, através dos testemunhos e das representações deste grupo.

Da história dos conceitos de criança e infância é importante ressaltar das alterações que tem sofrido ao longo dos tempos.

O conceito de infância remete à Idade Média, período em que as crianças eram encaradas apenas sob uma perspectiva biológica, ou seja, não eram dotadas de qualquer estatuto social ou autonomia existencial. De referir que nem sempre a infância se assumiu como categoria social de estatuto próprio, sendo que a “*consciência social da existência da infância*” (Sarmiento, 2004:4), para a qual remete a historiografia da infância desde Ariès, surge apenas com o Renascimento.

A institucionalização da infância, nomeadamente através da criação da escola para as massas e da escolaridade obrigatória, viria a contribuir para a construção social da infância, na medida em que desviava as crianças dos postos de trabalho para as salas de aula. Durante este período lectivo as crianças permaneciam oficialmente separadas dos adultos (Sarmiento, 2004).

Também a família, que em tempos encarara a criança como uma espécie de subalterno, passa a centrar-se na protecção e desenvolvimento da criança. A este fenómeno alia-se a “*formação de um conjunto de saberes sobre a criança, constituída como objecto de conhecimento e alvo de um conjunto de prescrições atinentes ao desenvolvimento dentro do que se convencionou como os padrões da “normalidade”*” (Sarmiento, 2004:4). Estes saberes assentam na ideia dicotómica da *criança-anjo* (inocente e bela) e na *criança-demónio* (rebelde e caprichosa).

“Estes factores – a criação da escola, o recentramento do núcleo familiar no cuidado dos filhos, a produção de disciplinas e saberes periciais, a promoção da administração simbólica da infância – radicalizaram-se no final do século XX, a ponto de potenciarem criticamente todos os seus efeitos” (Sarmiento, 2004:5).

Os adultos têm vindo a definir e a redefinir o conceito de infância e de criança ao longo dos séculos. Agora, no âmbito deste estudo, em que as crianças são encaradas como actores sociais, com competências de participação, compete-nos dar-lhes voz sobre o que pensam e sabem sobre a sua condição geracional.

O grupo de 10 crianças que participou nesta investigação sabe o que significa a infância, nomeadamente ser criança, já que é uma condição que experimenta todos os dias, em todas as horas. No entanto, quando chega o momento de traduzir, em palavras, os modos de estar e de sentir, verificamos que não se tratou de uma tarefa fácil...

“Hum... Não sei” (Joana, 12 anos, 2010).

“Ser criança? Sei lá! É fixe... (...) Ser criança? São coisas, é onde nós brincamos...” (Barbie, 10 anos, 2010).

“O que é que é ser criança?... É pequeno, ter mimos das pessoas e *de* ser mais novo” (...) “As crianças são pequenas, têm mais paciência e têm mais coisas. É uma criança muito nova, falam direito para as pessoas mas, às vezes, não” (Benji, 11 anos, 2010).

Sirota apresenta uma proposta para a definição do conceito de infância, que caracteriza como tratando-se de uma “*época em que o indivíduo, tanto do ponto de vista físico quanto moral, não existe ainda, em que ele se faz, se desenvolve e se forma, a infância representa o período normal da educação e da instrução*” (Sirota, 2001:9).

Embora se trate de um conceito de difícil explicação, este pequeno grupo foi-nos dando pistas sobre o que significa ser criança. Factores como a idade, o tamanho e, sobretudo, a diferenciação relativamente ao estado adulto surgem-lhe, recorrentemente, associados.

A partir das representações apresentadas por todos os elementos deste grupo, sobre o que significa ser criança, construímos uma definição:

“Criança é uma pessoa pequena (pode ser menino ou menina), mais nova, mas que ainda não é jovem nem adulto, porque não tem a maturidade dos mais crescidos. Uma criança faz coisas infantis, como brincar com as polís e barbies, e não sabe trabalhar, nem tem de o fazer. Por este motivo, pode acordar mais tarde” (definição de grupo, 2010).

Existem várias definições de criança, mas centramo-nos apenas nas apresentadas por este grupo de crianças. Para elas, a infância acarreta inúmeros significados que teremos oportunidade de acompanhar ao longo deste capítulo.

Ser criança representa, entre tantos outros aspectos, ser mais paciente do que os adultos, uma qualidade que raramente atribuem aos mais crescidos. A ausência de vontade em ter filhos também é uma das características apontadas às crianças, pelo menos até se tornarem jovens e adultos.

“MJ – És uma criança?

Benji – Sou.

MJ – Porquê?

Benji – Porque é que sou uma criança? Porque ainda não sou um adulto, nem jovem” (Benji, 10 anos, 2010).

Considerado praticamente um pré-requisito para ser criança é frequentar a escola. Esta instituição revela-se, também, um dos principais motivos pelo qual é tão bom ser criança. A este

propósito, o grupo contrapõe este sentimento com a infelicidade das que não podem frequentar a escola:

“MJ – Qual é a melhor coisa de ser criança?

Constança – É aprender mais na escola. Gosto mais de estar na escola do que andar por aí a brincar” (Constança, 11 anos, 2010).

“MJ – O que não gostas em ser criança?

Schneider – Não ir à escola, *passar* más notas...” (Schneider, 11 anos, 2010).

Na opinião deste grupo ser criança tem muitas vantagens, motivo pelo qual “é bom ser criança” e quase não apetece crescer. Entre os muitos benefícios que se apresentam encontram-se o facto de considerarem que, na infância, se tem mais amigos, se brinca muito (e com os amigos), se frequenta a escola, se recebe mimos e carinhos dos pais, que ainda estão vivos, assim como outras de pessoas mimam, apoiam e ajudam os mais pequenos.

“Barbie – Eu gosto de ser criança, eu não queria crescer.

MJ – Porquê?

Barbie – Porque gosto de ser criança. Porque, senão, quando for mais velha, já não tenho carinho da minha mamã.

MJ – Achas que os crescidos não têm carinho?

Barbie – Acho! Quando sou mais pequenina a minha mãe dá-me mais atenção. (...)

MJ – É bom ser criança?

Barbie – É.

MJ – Porquê?

Barbie – Porque temos os carinhos dos pais. Quando formos maiores se calhar já não os temos” (Barbie, 10 anos, 2010).

Um dos argumentos mais utilizados por este grupo de crianças para se manterem eternamente nesta fase geracional, prende-se com a vontade/necessidade de continuarem a receber mimos. Para estas crianças crescer significa transformar-se num adulto o que, segundo

elas, não parece ser muito interessante devido à ausência de carinhos por parte dos pais e de quase todos, mas também pela ausência de factores de diversão.

“Barbie – Tu, Benji, gostas de ser criança ou não?”

Benji – Não.

Barbie – Porquê?

Benji – Porque não tenho muitos mimos.

Barbie – Tens muitos...

Benji – Não tenho muitos mimos.

Barbie – E achas que se fosses grande tinhas mais mimos?

Sombra – Não, tinha ainda menos” (2010).

Os adultos apresentam-se como uma geração bastante diferente da das crianças e pouco interessante. Estão sempre a trabalhar, não têm muita paciência, têm amigos mas não brincam e não gostam de se divertir... Por outro lado, para este grupo de crianças a caracterização da infância parece mais fácil com a contraposição adulto/criança, fazendo desta dicotomia o ponto de partida para a explicação de tantas diferenças.

Estes são apenas alguns dos motivos apresentados para que o futuro, em que se transformarem em adultos, seja encarado com alguma estranheza. Preferem optar por manter muito aceso o desejo de continuar criança.



Fig. 25

“As crianças a divertirem-se na praia” (Kitty, 10 anos, 2010)

“Os adultos não jogam tanto à bola como as crianças. Os adultos vêm à escola, mas é só para não ficarem sem o rendimento” (Batman, 10 anos, 2010).

“Uma criança gosta de brincar com bonecas e o adulto não... Os adultos também não gostam muito de ir pr’a praia... como a minha mãe, que não gosta e eu gosto. Quem me leva sempre é a minha irmã, que também gosta de ir” (Barbie, 10 anos, 2010).

Na perspectiva deste grupo os adultos são, assim, muito diferentes das crianças e até um pouco aborrecidos, já que não se divertem tanto. Por outro lado, podem e sabem fazer coisas que as crianças não, já que elas “*não sabem coisas que os adultos sabem*” (Constança, 2010).

Por outro lado, os adultos são considerados pessoas com mais juízo que, por consequência, acabam por não serem alvo de tantos castigos...

“Os adultos são grandes, já têm mais juízo, mais atenção e as crianças, às vezes, não. Os adultos têm mais juízo do que as crianças” (Benji, 10 anos, 2010).

“(…) um adulto não tem a mesma mentalidade que uma criança. Um adulto quando é criança, como nós, quer sair mais rápido da escola, queria ter mais rápido filhos e tudo e as crianças, nesta altura, não querem” (Joana, 12 anos, 2010).

“(…) As crianças são mais pequenas, não têm uma mentalidade como os adultos, por exemplo, eles já sabem o que é trabalhar, nós crianças ainda não sabemos o que é trabalhar. Para nós, trabalhar é fazer fichinhas... (risos). E os adultos não sabem o que é brincar. (...) Nunca brincam, estão sempre a trabalhar. Eu preferia que os adultos estivessem a brincar connosco do que estar a trabalhar, mas claro que têm de trabalhar que é para ganharem dinheiro” (Sombra, 9 anos, 2010).

Enquanto não se cresce, o melhor mesmo é continuar a ser criança, já que ser pequeno é considerado, para alguns elementos deste grupo, sinónimo de longevidade:

“Batman – (*ser criança*) É muito bom, a nossa vida demora muito, a nossa vida a viver demora muito, a nossa vida demora muito a morrer...

MJ – Porquê?

Batman – Porque somos ainda muito pequenininhos. (...) Os adultos têm muitos problemas de cabeça, têm doenças, não é como os pequenitos.

MJ – As crianças não têm doenças?

Batman – Não têm como os adultos. Um AVC... não têm.

MJ – Conheces alguém que tenha sofrido um AVC?

Batman – Sim” (Batman, 10 anos, 2010).

Tratando-se de um período relativamente longo, mas que não dura para sempre, este grupo de crianças admite que é necessário aproveitar a infância. Este argumento é declarado, ainda que sem uma clara noção de como ou porquê, mas sentem que o devem fazer.

Por oposição, têm a ideia generalizada de que os adultos não aproveitam muito bem a vida...

“Kitty – (...) tenho amigos e posso aproveitar enquanto sou pequena.

MJ – Aproveitar o quê?

Kitty – Sei lá! Brincar, enquanto sou pequenina.

MJ – Os adultos não brincam?

Kitty – Têm amigos, mas não brincam” (Kitty, 10 anos, 2010).

Mas ser criança, para algumas das crianças que participaram neste estudo, nem sempre é encarado como um estado de graça e alegria. Existem factores que contribuem para uma infância triste. Nas suas vidas quotidianas encontram situações que lhes desagradam, mas contra os quais sentem não serem capazes de agir.

Apesar de se comportarem como actores sociais, perante determinadas relações de poder, nomeadamente com os adultos, revelam a sua impotência e incapacidade em insurgirem-se com vista à mudança.

“(...) podemos afirmar que a participação das crianças no espaço restrito das relações com os outros que lhe são significativos, sejam eles adultos ou crianças, é afectada por factores que decorrem das

relações de poder e hierarquia que existem entre adultos e crianças”
(Sarmiento, Fernandes e Tomás, 2007:7).

A sensação de existência de uma barreira invisível de poder, que limita e condiciona as crianças nos seus modos de estar e de agir, parece ser a maior causa de frustração entre os elementos deste grupo. Ao sentimento de impotência junta-se o de uma certa revolta contra a geração contra quem nada podem fazer.

“MJ – Qual é a melhor parte de ser criança?
Benji – É ter mimos.
MJ – E a pior?
Benji – E a pior? É levar *porrada*” (2010).

Como explica Sarmiento (2000), a infância depende dos adultos em múltiplas circunstâncias, nomeadamente para sobreviver, sendo que esta relação de dependência se reflecte no poder que cada um exerce. Não obstante, o dos adultos sobre as crianças encontra-se “*reconhecido e legitimado*”, sendo que o inverso não acontece. O resultado, segundo este autor, é uma infância subalterna à geração adulta (Sarmiento, 2000:88).

“A existência de um grupo que é socialmente subalterno devido a sua condição etária é, por consequência, essencial à definição da infância. Existe infância na medida em que, a historicamente a categoria etária foi constituída como diferença e que essa diferença é geradora de desigualdade” (Sarmiento, 2000:88).

Para além das desvantagens provenientes da desigual relação de poderes, na perspectiva deste grupo existem muitos outros pequenos inconvenientes que derivam do facto de ser criança. Entre estes destacam-se: ser batido, castigado e/ou abandonado, não ter amigos, não ter mimos, não poder frequentar a escola e ter más notas, não ficar na rua a brincar por ter de ir para casa, ser pequeno (em altura)...

“MJ – É tudo bom em ser criança ou há coisas más?
Barbie – Também há coisas más.

MJ – Por exemplo?

Barbie – Às vezes, ficamos de castigo porque fazemos asneiras... se calhar quando *sermos* grandes já não ficamos de castigo.

Gadget – Há algumas crianças tristes. Os pais deixam-nas. E as mães. Os filhos ficam tristes. Às vezes, deixam a alguns...

MJ – O que faz com que uma criança fique triste?

Gadget – Sei lá! O pai bate-lhe... muitas coisas. (pausa) O pai bate-lhe. Não joga mais computador e fica triste. Não vê mais televisão... isso tudo” (2010).

Algumas destas crianças parecem viver o dia-a-dia com um olho no dia de amanhã. Hoje são crianças, mas sabem que, em breve, vão deixar de o ser. Talvez por este motivo apontem para o futuro e especulem sobre como será.

“MJ – O que queres ser quando fores grande?

Gadget – Advogado.

MJ – Porquê?

Gadget – Para ajudar a minha família e as outras pessoas que vão para, lá para *dentro*, sem nada.

MJ – Presos?

Gadget – Sim.

MJ – Os teus pais já estiveram presos?

Gadget – Não. Nunca” (Gadget, 10 anos, 2010).

A antecipação do futuro é representada através das brincadeiras que se desenham à imagem do que o parecem querer deixar antever.

“As crianças querem ser mais velhas para depois terem filhos, querem andar ainda na escola... (...) (*brinco*) C’a minha irmã Sónia, que estou grávida, eu e ela, metemos as bonecas por baixo da roupa... (risos)” (Joana, 12 anos, 2010).

“Sombra – (*nós crianças*) Podemos-nos divertir à grande, enquanto os adultos têm de estar a trabalhar sempre. Não ganhamos dinheiro...

Barbie – Mas, quando fores grande, não vais ter assim essa vida toda.

Também vais ter de trabalhar.

Joana – Mas eu, quando for grande, não quero ter filhos.

Barbie – Não queres ter filhos? Sabe-se lá se não vais ter filhos” (2010).

O presente deste grupo de crianças vai-se construindo com vista ao futuro, sendo que não perdem uma oportunidade para o referirem. Por este motivo quisemos perceber se existe uma etapa em que se deixa de ser criança e quando acontece.

Ao que tudo indica, esta questão parece não ter deixado grande margem para dúvidas...

“MJ – Quando se deixa de ser criança e se passa a adulto?

Benji – Quando se *acaba* de ser adolescente. (...) Já somos adultos, maiores, já temos barba, já temos idade de sermos adultos.

Kitty – Aos 18 anos.

Diana – Pr’ái aos 13, porque aos 13 não brincava às bonecas, não brincava a nada.

Constança – Quando se tiver a maior idade. A minha tia com 22 anos já tem dois filhos. Com 13 anos ainda é criança, não é?

MJ – Penso que sim.

Constança – A minha prima com 13 anos já está grávida.

MJ – Achas que por estar grávida deixa de ser criança?

Constança – Não” (2010).

São muitas as definições de criança/infância mas também, como defende Marchi, são muitas crianças sem infância, nomeadamente em territórios específicos:

“(...) a ideia de construção social da infância, se levada aos seus limites, aponta para o fato de que não somente a infância, mas também o conceito de “criança” em sua forma moderna não atinge nem está disponível a todas as crianças no Brasil” (Marchi, 2007:554).

Estas crianças, a que se refere Marchi, são encaradas pela sociedade como actores que desempenham um papel social negativo, devidos aos seus comportamentos sociais marginais, contrariando todos os estereótipos criados em torno da infância. Ao considerar que não existe

uma infância para todas as crianças, por lhe ser negada, a autora remete para a disparidade entre o direito à infância, ou seja, o de “*auto-afirmação de ser “criança”, portanto, sujeito de direitos e a capacidade ou possibilidade de controlar as situações sociais que podem tornar este direito (e esta auto-afirmação) factível*” (Marchi, 2007:563).

O Bairro do Lagarteiro apresenta um cenário para a infância bem diferente do apresentado por Marchi, relativo aos meninos de rua brasileiros. Tratando-se de duas realidades bem distintas, o Bairro proporciona uma infância às crianças que nele habitam, ainda que susceptível de ser alvo de críticas, por parte de quem entende a infância segundo “*as características que lhe são normativamente atribuídas*” (Marchi, 2007:263).

Este grupo de crianças, que mora no Bairro do Lagarteiro, revela a vivência de uma infância preenchida com os elementos que lhe são transversais e comuns em qualquer parte do mundo. A vida preenche-se com os carinhos dos pais, que apreciam e necessitam, com o companheirismo dos amigos e nas idas à escola.

5.1. Brincadeiras no Bairro

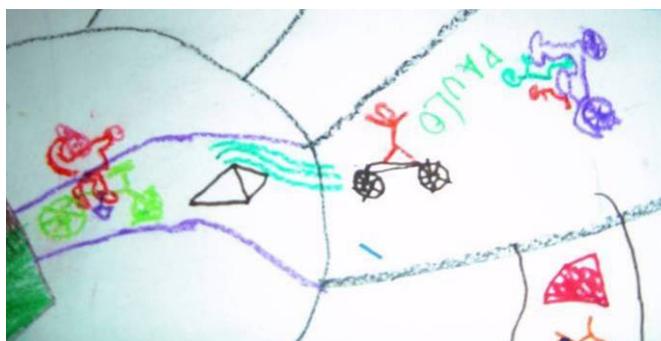


Fig. 26

“Aqui é uma menina a andar de skate, aqui é uma menina a andar de bicicleta, aqui é um menino a andar de bicicleta e aqui é o pai a andar com o filho na moto, porque o filho ainda é muito pequenino para andar fora da moto ou para andar a pé”

(Sombra, 9 anos, 2010)

Brincar é uma forma de as crianças descobrirem e explorarem o mundo que as rodeia, dos espaços aos objectos, passando pelas relações. Este aspecto é uma das suas actividades sociais mais significativas do Homem, embora adultos e crianças encarem a brincadeira de modos diferentes. Para as crianças brincar significa o que de mais sério fazem (Sarmiento, 2004:13).

“O brincar é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade. Não espanta, por isso, que o brinquedo acompanhe as crianças nas diversas fases da construção das suas relações sociais. O brinquedo e o brincar são também um factor fundamental na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis” (Sarmiento, 2004:14).

Brincar parece ser um dos factores mais atractivos no quotidiano do Bairro. Para o efeito as crianças dispõem do campo de futebol, do recreio escolar e do Bairro em geral, nomeadamente as ruas. O próprio Lagarteiro é o maior cenário da grande maioria das brincadeiras. Divertirem-se pelas ruas é um motivo de grande alegria para este grupo de crianças, que chega a revelar alguma resistência em regressar a casa, quando chega a hora de recolher e deixar para trás o espaço exterior.

“Ó stora, eu não quero ir para casa, deixe-me ficar aqui mais um bocadinho... (*na rua*) (Benji, 10 anos, 2010).

Através das brincadeiras pelas ruas, este grupo de crianças vai construindo as suas redes de sociabilidade de que fazem parte os amigos e colegas, moradores do Bairro, entre tantos outros.

Ao longo do Bairro existem inúmeros recantos explorados pelas crianças, que os transformam em verdadeiros parques de diversão. Um quintal abandonado, apesar da sujidade e do lixo, é um ponto de encontro para a diversão, assim como a tampa de um poço que é usado nas brincadeiras quotidianas. Tudo pode ser transformado em brinquedo e tudo é pretexto para brincar.

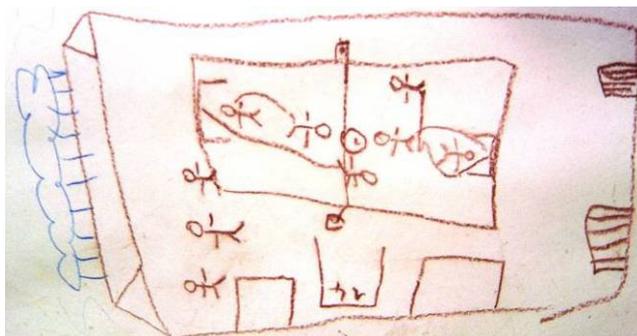


Fig. 27

“Estão a jogar à bola (...) O Gadget está aqui, eu estou aqui, a professora Marta marcou.

Você daqui marcou ao Batman ” (Benji, 10 anos, 2010)

“Barbie – Tem aqui um esconderijo. Se quiser vir, pode vir ao esconderijo.

Sombra – Um esconderijo, está ali um ao pé da árvore.

Barbie – Atiram para ali, olhe só para aquilo. Tudo estragado. Meias ali em cima, sei lá o que é aquilo.

Sombra – Um rádio partido.

Barbie – Umas rodas.

Sombra – Um carro, eu tenho um carro...

Barbie – Aqui é onde eu brinco” (2010).

As traseiras dos blocos, onde há uma grande acumulação de lixo, também servem de local para brincadeiras, já que em todos os pontos do Bairro, as crianças descobrem novos motes para aí iniciarem uma nova diversão. O que apanham do chão pode dar início a um novo jogo faz de conta. Pouco importa que seja um ferro velho ou um pau cheio de pregos, desde que sirva a imaginação.

A noção do perigo existe, mas fica quase como que adormecida perante o novo desafio de brincadeira com que se deparam. Tudo pode ser transformado e reutilizado para a diversão entre os pares.

“O mundo adulto concebe e atribui aos espaços funções específicas para atender a um determinado fim, se o banco está posto ali na praça é para sentar e pronto e não para servir de esconderijo como fazem as crianças” (Nascimento, 2007:1).

A necessidade de ocupação dos espaços, a que as crianças dão o seu próprio significado, é explorada através de um estudo trazido por Gill. Realizado em Gateshead, no Nordeste de Inglaterra, em 2002, com 200 jovens entre os 11 e os 14 anos, este estudo concluiu que cerca de 40% dos jovens passava algum do seu tempo livre em locais que consideravam perigosos, nomeadamente “*terrenos baldios, estaleiros de construção e túneis de metropolitano ou rodoviários eram os locais mais populares, juntamente com rios, edifícios abandonados e pedreiras*” (Gill, 2010:25).

“As razões apontadas pelos jovens para visitarem esses locais indicavam fortemente uma procura de liberdade e autonomia e incluíam um desejo de estar longe dos adultos, uma procura de desafios e emoções, um apetite pela exploração, a descoberta e por vezes a destruição; e um desejo de ter um local só seu” (Gill, 2010:25).

Para este grupo específico de crianças, as entradas dos blocos também são locais estratégicos, onde geralmente se reúnem com os amigos da vizinhança para aí desenvolverem diversas actividades desde jogar à apanhada, às escondidas, brincar às séries de televisão, entre outras. As escadas destes prédios também servem de inspiração, local onde são inventados e reinventados todos os tipos de jogos.

Na situação, em baixo, o grupo divertia-se a subir e a descer escadas da entrada de um bloco. Ao mesmo tempo, alguns elementos encontraram, no chão, uma barra de ferro coberta de ferrugem e começaram a tentar atingir os colegas...

“Joana – Sobe assim como eu.

Barbie – Salta do número quatro, consegues? Sai Sombra.

Sombra – Ó *stora*, estou farto de fazer isto.

Joana – Olé! Deixa ver se consigo saltar estas escadas. Sai, Sombra.

São muito grandes.

Barbie – Duas a duas.

Benji – E também mata as mães. A tua, a tua.

Barbie – Dá-lhe com o ferro no cu.

Barbie – Ó *stora* foi mesmo sem querer.

Joana – Vais levar com uma.

Barbie – Fogo!” (2010).

Os próprios equipamentos urbanos servem para fazer de conta, como é o caso de uma cabine telefónica, em que se pode brincar aos telefonemas. Este processo de imaginação do real é considerado um modo de inteligibilidade. Sarmiento (2004) explica que o fazer de conta permite à criança viver o quotidiano, apesar das dificuldades com que nele se deparam.

“O “mundo do faz de conta” faz parte da construção pela criança da sua visão do mundo e da atribuição do significado às coisas. No entanto, esta expressão “faz de conta” é algo inapropriada para referenciar o modo específico como as crianças transpõem o real imediato e o reconstruem criativamente pelo imaginário, seja importando situações e personagens fantasistas para o seu quotidiano, seja interpretando de modo fantasista os eventos e situações que ocorrem” (Sarmiento, 2004:14).

No processo do brincar, os animais também são tidos como companheiros de brincadeira, mas encarados também como brinquedos. Desde a cadela que vive acorrentada nas traseiras de um bloco, que as crianças fazem questão de visitar com regularidade, ao carreiro de formigas que passa e que dá asas à imaginação: o que estarão a fazer, de onde vêm, para onde vão...

“(…) Quase todos os dias eu vejo quase sempre as formigas, quando vou ao recado ali ao lixo. Estão sempre a fazer esta filinha a ir buscar comida de Verão que é para o Inverno. Elas são muitas. Cada uma tem um guarda-vestidos para ela e mete lá.

Eu, às vezes, sabe o que é que eu fazia, professora? Eu, com um balde, apanhava muitas joaninhas. Eu aprendi a apanhar joaninhas com a minha irmã. Um balde punha e a joaninha ficava. Tinha muitas joaninhas. E as joaninhas não voavam. Olá! Olha um cãozinho. É da Fernandinha. Cucu. Hi! Tem carraças!” (Barbie, 10 anos, 2010).

O Parque Oriental é, igualmente, um local bastante frequentado pelas crianças, ainda que esteja situado no exterior ao Lagarteiro. No Parque, as crianças brincam com água (a molharem os pés e a chapinar os colegas), com as pedras que encontram e fazem de conta que

são preciosas, os recantos servem para idealizar cenários... Uma paisagem natural rapidamente se transforma numa bela e confortável sala de estar:

“Barbie – Professora, quer ver o meu sofá? É o sofá mais bonito que aqui há, pode haver. Tem muitos sofás. Aqui é o sofá e ali são os *restos* dos maples. E ali é a televisão.

Joana – Agora aqui em directo temos duas camas.

Sombra – Três camas.

Joana – Três prontos. Temos ali a do Sombra, a dele, a minha e temos ali outra adiante.

Barbie – O meu sofá.

Benji – E a do Benji.

Joana – Esta é onde eu vejo televisão.

Barbie – E aqui é onde eu durmo.

Benji – E aqui é onde eu durmo.

Barbie – E aqui é onde eu durmo. Agora estamos a brincar às escondidinhas eu e a minha irmã Soninha. Escondemo-nos aqui”

(2010).

À medida que vão dando asas à imaginação vão-se criando divertimentos inventados. Com as almofadas fazem-se barrigas de grávida e brinca-se às famílias, que se alimentam com comida à base de terra, areia, pedras e plantas. Com paus fazem-se pistolas de assalto, com a imaginação brinca-se aos feiticeiros, aos cavaleiros e aos motards.

“(brincamos) Às comidas com a terra, pedras e a areia. Elas têm bonecas e brincamos. Estamos sempre a brincar lá e quando chove tapamos aquilo...” (Constança, 11 anos, 2010).

Os mais atrevidos enchem balões de água e pregam partidas aos colegas. Para quem tem, a trotineta e o skate são inseparáveis e boa companhia. Brincar a imitar séries de televisão nunca sai de moda e, para os mais destemidos, contar histórias de medo e ficar com o coração aos saltos, também não...

Para a criança pouco importa o brinquedo em si, sendo que tudo pode ser instrumentalizado, dando asas a que a brincadeira continue (Sarmiento, 2004). No Bairro também

se brinca com bonecas e *playstations*, mas dado que as brincadeiras se fazem mais fora do que dentro de casa, há mais espaço para a criatividade.

“Estes brinquedos que surgem no mercado, estereotipados e em massa, condicionam as brincadeiras que com eles se têm e uniformizam-nas (...). A principal característica destes brinquedos é a sua “demasiada” estruturação, coarctora do imaginário infantil” (Sarmiento, 2004: 13)

As brincadeiras em grupo, no exterior, são por vezes palco de alguma agressividade entre colegas, que rapidamente evolui de um modo de estar tranquilo e divertido para uma postura de agressão e violência. O gatilho vai variando e não apresenta um denominador comum.

“Benji – Foi a Barbie que começou a *amandar* pedras.
Barbie – Eu mando, mas não mando para os carros.
Benji – Mas acertas.
Barbie – Estás a ver?
Benji – Tu vais logo para a beira dos carros!
Barbie – Podes mandar à vontade, arranhas um carro e pagas.
Barbie – Nem que a tua mãe vá fazer beicinho para a beira da minha mãe.
Benji – Tá bem! Tu é que começaste comigo. Então, anda com pedras... que eu apanho-te aqui com um calhau.
Barbie – Apanhas!... ” (2010).

A este comportamento, muitas vezes violento, as crianças confessam ter o hábito de brincar a “coisas más”, o que para elas significa desenvolver brincadeiras que impliquem algum risco, como atirar pedras uns aos outros.

“As coisas más é juntar todas as pedras e atirar pr’a nós, mas não acertam, que é pr’a não aleijar ninguém, para não fazerem coisas muito más. E, também, às vezes, brincamos aos morcegos e vamos pr’os quintais. (...) Há lá um quintal abandonado que o senhor em princípio vai sair de lá” (Barbie, 10 anos, 2010).

A maior parte das brincadeiras no Bairro do Lagarteiro acontecem na rua, mas também na escola, que assume múltiplas funções, nomeadamente de importante palco para o lazer destas crianças, já que é lá que passam grande parte do tempo. Durante o período lectivo usufruem do recreio escolar (recentemente remodelado). Fora do âmbito do horário escolar têm disponível um Centro de Informação Digital (CID), onde podem aprender, jogar ou aceder à Internet. Também ao final do dia, o Programa Escolhas, instalado na EB1/JI do Lagarteiro, proporciona várias actividades de lazer e apoio ao estudo.

A maior parte do tempo as brincadeiras fazem-se no exterior mas, quando é hora de regressar a casa, a brincadeira é outra. A mudança de cenário e de parceiros implica uma transformação na forma de diversão. Trocam os amigos pelos irmãos, o Bairro pelo quarto, as ruas pela televisão e, para os poucos que têm, pelos jogos de computador e pela Internet.

Dentro de casa tiram-se as bonecas da prateleira, porque a vergonha não passa da porta da rua. Aos nenucos seguem-se as brincadeiras dos cabeleireiros, dos infantários, das grávidas...

Brincar é bom, ser criança também, mas já existe uma certa vergonha associada aos comportamentos que lhes são típicos.

“Barbie – Às vezes, brincamos com os bonecos....

MJ – Em casa ou fora de casa?

Barbie – Eu brinco em casa... que vergonha de vir cá pr’a baixo brincar aos bonecos!

MJ – Tens vergonha, porquê?

Barbie – Porque não gosto (*risos*)... (...)

MJ – Porque é que brincas mais fora da escola do que no recreio?

Barbie – Sei lá! Porque *tá* muita gente... e a maior parte das pessoas gozam... e eu não brinco aqui” (Barbie, 10 anos, 2010).

As brincadeiras no Bairro do Lagarteiro fazem-se como tantas outras de outros lugares e de tantas outras crianças. Trepar às árvores, saltar às cordas, andar de bicicleta, jogar à bola, à apanhada e às escondidas parecem continuar no topo da lista dos jogos de rua. A estas juntam-se-lhes as corridinhas, a macaca e os jogos de campo como o basquetebol ou voleibol.

No entanto, a ausência de um parque infantil no Bairro é encarado com estranheza e alguma tristeza pelas crianças. Argumentam que os mais novos não têm um lugar específico para brincar e, mais importante, que reúna todas as condições de segurança para o efeito.

“No recreio este pau de ferro não devia estar ali. Ainda há algum problema, um menino arranca-o... e bate na cabeça de alguém”
(Sombra, 9 anos, 2010).

Os parques infantis são umas das referências constantes das crianças, que recorrentemente verbalizam lamentar a ausência deste tipo de área de lazer no Bairro.

Brincar é transversal a todas as crianças, em qualquer parte do mundo. No entanto, a sociedade contemporânea tem vindo a aumentar, cada vez mais, as restrições à liberdade na infância e vão sendo cada vez mais reduzidos os espaços autorizados para a brincadeira.

Uma boa parte das crianças que participaram neste estudo não se apercebe das limitações que têm vindo a ser impostas à liberdade no acesso aos espaços de brincadeira, nomeadamente à rua, porque vivem num Bairro que lhes dá acesso à independência que tanto prezam e lhes possibilita passearem-se por ali, sem grandes entraves. Enquanto isso, a infância vai-se brincando e as brincadeiras vão-se fazendo nas ruas do Bairro do Lagarteiro.

Considerações Finais

Quando iniciamos este estudo propusemo-nos conhecer o modo como um grupo de crianças representa o Bairro do Lagarteiro. Como encaram o território onde vivem, quais os seus quotidianos, que relações estabelecem entre si e com os outros, que espaços ocupam...

Convidamos um grupo de 10 crianças a fazerem parte desta aventura e, a partir do momento em que aceitaram participar, deixamo-nos conduzir por elas e pelos seus olhares atentos. Não sabíamos o que esperar e, numa tentativa de não exercermos o nosso poder de adultos, demos-lhes espaço para serem elas próprias nos mundos que lhes pertencem.

Ao longo de um processo que durou nove meses, foram gerando as suas representações sobre o Bairro do Lagarteiro, e tudo o que acontece em seu redor, sobre os seus intervenientes e as relações que ali se constroem.

À medida que avançamos na investigação fomos surpreendidos com o despertar de subtemas que não antecipamos, mas que se foram desdobrando e, pela sua pertinência, conquistaram um lugar neste processo.

Com total entrega as crianças conduziram-nos pelos caminhos que apenas elas palmilham com o à-vontade de quem conhece o Bairro como a palma da mão. Mostraram-nos aquele território, os seus cantos e recantos, as pessoas que ali vivem e como se desenrolam os seus quotidianos dentro e fora dele. Partilharam sentimentos, emoções, tensões e preocupações com o presente, mas também com o futuro, perante o qual apresentaram soluções. A este propósito os pequenos actores sociais observaram, comentaram e reagiram, traçando recomendações sobre o Bairro. Foram notórias as preocupações que experimentam e manifestam relativamente ao território que ocupam.

Não adoptaram uma postura passiva, semelhante a uma esponja que tudo absorve, sem nada filtrar. Dotados de um apurado sentido de percepção, foram construindo opiniões fundamentadas e criteriosas. Assumiram com convicção o papel de actores sociais participativos e intervenientes no lugar que consideram seu e com o qual, na sua esmagadora maioria, se identificam.

Confessaram-nos que o Lagarteiro é um lugar “*bonito e fixe*”, onde é bom viver porque “*existem muitas pessoas e muitos amigos*” (Batman, 2010). As pessoas são um dos principais motivos pelo qual o Bairro se torna tão atractivo e apelativo, ainda que estas sejam, também, as principais responsáveis por o transformarem num lugar melhor ou pior.

Classificaram positivamente este território, traduzindo o gosto pelo Bairro, uma classificação justificada, sobretudo, pelas amizades e brincadeiras que ali se desenvolvem e pela escola estrategicamente situada tão perto de casa. Viver no Bairro do Lagarteiro é qualificado de bom, mas ali nem tudo corre bem. Com a mesma rapidez que argumentam o gosto pelo Bairro, apontam o que não está bem e precisa de uma mudança.

O olhar atento deste grupo de crianças revelou que o Lagarteiro não faz parte da cidade do Porto, porque o consideram apartado e distanciado do que definem como centro urbano. Para este fenómeno contribui o isolamento geográfico e a prática inexistência de serviços e comércio neste território que, para as crianças, assinala o distanciamento e a não fusão das duas realidades.

A par com o isolamento, morar no Bairro do Lagarteiro acarreta um conjunto de factores que condicionam a forma de ser e estar de quem lá habita. Este efeito é mais marcado e duradouro no caso das crianças, pela capacidade de absorverem tudo o que a vida tem para lhes ensinar.

Desde tenra idade apreendem valores, comportamentos e atitudes definidos pela sociedade como “pertencentes” a estes territórios. As características atribuídas às pessoas que ali vivem resultam, muitas vezes, das mensagens veiculadas pelos *media*, designadamente de mundos preenchidos por imagens de pobreza, exclusão, segregação, marginalidade, violência e inércia. Por sua vez, os habitantes destes territórios experimentam “*sentimentos de vergonha pela pertença a um aglomerado residencial estigmatizado*” (Queiroz e Gros, 2002:127).

Para estas representações contribuem a baixa taxa de escolaridade associada ao desinteresse e inércia que, muitas vezes, resulta numa atitude de despreendimento face ao presente mas, sobretudo, ao futuro perante o qual não há muito a expectar e, conseqüentemente, a planear.

Neste contexto, as crianças do Bairro do Lagarteiro nascem com um registo de vontade e aspiração que, à medida que crescem, vão alienando e transformando num imenso vazio. Poucas são as que não se deixam contaminar por este efeito altamente contagiante. Até certo momento da sua infância tudo querem ser e fazer mas, com o passar do tempo, tudo passa a efémero e momentâneo.

“Quando for grande quero ser veterinária! (...) Mas não vou ser. (...) Sei que não vou ser...” (Constança, 11 anos)¹¹.

¹¹ Nota de campo n° 1, 14 de Outubro de 2009

O crescer no Bairro do Lagarteiro acontece primeiro através da família, dentro de casa, onde ocorrem algumas das situações mais problemáticas que experimentam, designadamente “maus-tratos psicológicos”, devido à exposição dos menores a violência doméstica (CPCJ, 2011:2). Palco privilegiado de violência é “*dentro de casa, em cenário familiar, que os maus-tratos são mais frequentes e perigosos*” (Almeida, et al, 1999:93).

No exterior desde a mais tenra idade, na companhia dos amigos e colegas, o crescer também acontece. Ali tudo se descobre, constrói e apreende na mesma medida. Nos espaços do Bairro desenrola-se a brincadeira e a interação com os pares, nem sempre possível (ou viável) no contexto de casa/família. Aliás, é no seio familiar que, frequentemente, se registam as maiores ausências de companheirismo, tão inequívoco lá fora.

O espaço rua no Bairro é palco de relações e aventuras que se fazem acompanhar, por vezes, de elevado grau de perigosidade. Os trajectos e equipamentos, próprios do Lagarteiro, contribuem para este fenómeno, ainda que possam ser criados contextos que o contrariem. Cabe aos adultos a mudança, tendo em conta os desejos e necessidades da infância, que não devem ser esquecidos ou ignorados.

No exterior, as crianças experimentam a liberdade, a par de autênticos perigos, disfarçados sob várias formas e feitios. Para além das ameaças subjacentes ao espaço rua (como carros, desconhecidos, etc.) deparam-se com outro tipo de perigo, bastante mais subtil, que se assume sob a forma de relacionamento com os jovens mais velhos do Bairro. Destes encontros resultam, muitas vezes, os primeiros contactos com práticas desviantes.

A noção de risco existe ainda que, nos mundos destas crianças, nem sempre sejam lembrados ou estejam presentes. As vivências tomam forma e desenvolvem-se a par com a atenção e os cuidados possíveis à condição de ser criança.

A rua é vivida diária e intensamente, em diferentes momentos, e a crescente perda de autonomia e mobilidade imposta pela sociedade contemporânea não se verifica, por enquanto, neste território (Gill, 2010). A exclusão da infância das ruas é uma realidade, um pouco por toda a sociedade portuguesa, mas ainda não impede as crianças do Bairro do Lagarteiro de saírem de casa e de se apropriarem do que consideram seu, lá fora.

Neste território risco e infância andam frequentemente de mãos dadas mas, nem por isso a criança deixa de existir e de ser vivida. Os perigos também lá espreitam, mas tudo indica que estas crianças vão lidando com eles da melhor forma que podem e sabem, tirando dessas experiências as aprendizagens de que forem capazes.

A condição de ser criança e a consequente implicação de certos riscos é assumida pelo grupo e está presente nos discursos de alguns elementos, que admitem adoptar precauções que, na sua opinião, todas as crianças deveriam tomar.

Ser criança no Bairro do Lagarteiro talvez se diferencie das restantes infâncias pela liberdade que lhe é proporcionada no espaço rua e pelo modo como ocupa esses espaços, apesar de alguns riscos (*versus* oportunidades) que acarretam (Carvalho e Ferreira, 2009:107). De referir que o grau de liberdade experimentado neste território permite, naquele lugar, uma exploração que não é experimentada em outros pontos da cidade.

No Bairro, o dia-a-dia desenrola-se num suceder de etapas rotineiras e idênticas que se repartem entre a casa/família, a escola e as ruas do Lagarteiro. Poucas são as crianças que se ausentam para actividades que ultrapassem as fronteiras invisíveis deste território, sendo a grande excepção as visitas de estudo escolares. Os fins-de-semana pouco se diferenciam da semana, excepto pela maior disponibilidade para o brincar e para os raros programas em família.

No decorrer destas vivências surgem, por vezes, tensões. O olhar atento sobre o que acontece no Bairro, o modo como se desenvolvem as relações e se ocupam os espaços preocupa e perturba este grupo de crianças, bastante atento a estes fenómenos.

A existência de droga/drogados no Bairro encontra-se no topo da lista de preocupações assinaladas pelas crianças. A insegurança e o medo que lhes surgem associados fazem com que esta seja a representação negativa mais forte relacionada com este território.

As questões culturais e étnicas também suscitam algumas tensões, nomeadamente entre os elementos do grupo de crianças que fizeram parte deste estudo. O reflexo destas especificidades fez-se sentir no decorrer da investigação, sobretudo nos momentos de expressão de opinião no grande grupo. Os temas que suscitaram mais discórdia, e foram alvo de maiores tensões entre as crianças, prenderam-se maioritariamente com a problemática da droga e com as figuras de autoridade.

Apesar das tensões, preocupações e tantas outras problemáticas sofridas no Bairro do Lagarteiro, designadamente as contrariedades enfrentadas dentro de casa (no seio da própria família) e no território social de exclusão que habitam, no final deste estudo podemos afirmar que a infância ainda encontra aqui o seu lugar. As pessoas que vivem o Bairro num registo de quase aldeia, e os amigos que ali se fazem, representam o que de melhor acontece no Lagarteiro. Tudo o resto vem por acréscimo.

Brincar é quase um estado de alma e a ausência de equipamentos/brinquedos convencionais naquele território não limita a brincadeira, muito pelo contrário, já que desenvolve a criatividade e estimula a imaginação inerente ao acto de brincar. A inexistência de um parque infantil é compensada com a existência de ruas e os objectos que nela se descobrem. Um amontoado de pedras, em poucos segundos, transforma-se numa belíssima sala de estar com mesa, cadeiras, sofás e um plasma. Nos degraus das entradas dos blocos inventam-se jogos de agilidade e desafio, aspectos que nos devolvem um dos traços mais marcantes das culturas da infância: a fantasia do real (Sarmiento, 2004).

O Bairro é um mundo de oportunidades por explorar, como tão bem o demonstraram este grupo de crianças...

Após nove meses passados de trabalho de campo e outros tantos a assimilar e digerir tudo o que foi visto, ouvido e sentido, quase tudo fica por dizer. Era preciso começar tudo de novo e contar esta história do início. Quem sabe um dia...

Por agora, deixo-vos com as páginas que contam a história de 10 crianças que, generosamente, nos abriram as portas do seu território (e dos seus mundos) e nos mostraram o que significa ser criança no Bairro do Lagarteiro.

Fim

Referências Bibliográficas

Abrantes, Teresa. (1994). Efeitos Perversos Dos Bairros Sociais: Observações E Sugestões. In *Revista de Estudos Urbanos e Regionais Sociedade e Território*, n°20 (pp.50-54).

Arbex, Cármen. (1999). *Actuar Com A Comunidade Cigana*. Madrid: Asociación Secretariado General Gitano.

Albuquerque, Catarina. (2007). O Envolvimento De Crianças Em Gangs Juvenis. In *Revista da Direcção-Geral de Reinserção Social e do Ministério da Justiça Infância e Juventude*, n°07.3 (pp.33-60).

Almeida, Ana Nunes. (2009). *Para Uma Sociologia Da Infância*. Lisboa: Instituto Ciências Sociais.

Almeida, Ana Nunes, André, Isabel Margarida & Almeida, Helena Nunes. (1999). Sombras E Marcas: Os Maus-Tratos Às Crianças Na Família. In *Análise Social v. 150* (pp.91-121).

Augusto, Nuno Miguel. (2002). Habitação Social – Da Intenção De Inserção À Ampliação Da Exclusão. *IV Congresso Português de Sociologia, Jardim de Nóbrega*. Braga: Universidade do Minho.

Bogdan, Robert & Biklen, Sari. (1994). *Investigação Qualitativa Em Educação, Uma Introdução À Teoria E Aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Balsa, Casimiro. (2006). Espaço E Exclusão, Espaços De Exclusão. In Balsa, Casimiro. *Relações sociais de espaço* (pp.13-33). Lisboa: Edições Colibri.

CBBC Newsround. (2005). *São Os Parques Infantis Perigosos?*. Consultado em Março 5, 2011 em: http://news.bbc.co.uk/cbbcnews/hi/newsid_4300000/newsid_4300600/4300681.stm

A Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) UNICEF. Consultado em Março 10, 2011: http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

Cassab, Clarice. (2009). Como Um Fantasma Sob A Neblina... Os Jovens, A Cidade E A Política. In *Caminhos de Geografia v. 10* (pp.57-68).

Carvalho, Maria João Leote & Ferreira, Levina. (2009). Infância E Risco Social, Retratos Da Imprensa Portuguesa (pp. 105-129). In *Sociologia, problemas e práticas n.º 60*. Consultado em Fevereiro 20, 2011: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292009000200007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0873-6529

Carmo, Renato. (2006). *Contributos Para Uma Sociologia Do Espaço-Tempo*. Oeiras: Celta Editora.

UNICEF. *Ciudades Para La Niñez: Los Derechos De La Infancia, La Pobreza Y La Administración Urbana* (2004). Consultado em Fevereiro 8, 2011: <http://www.unicef.org/colombia/conocimiento/ciudad.htm>

Childress, Herb. (2004). Jovens, Território e Apropriação do Espaço. In *Childhood v.11* (pp.195-205).

Christensen, Pia & James, Allison. (1994). *Investigação com Crianças: Perspectivas e Práticas*. Porto: ESEPF.

Coelho, António J.M. Baptista (1994). É Preciso Integrar A Habitação Social Na Comunidade Urbana. In *Sociedade e Território, Revista de Estudos Urbanos e Regionais, n.º 20* (pp.71-78).

Cunha, António Geraldo. (2010). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon.

Dias, Miguel. (2008). *Guião Do Professor Tutor Do 1.º Ciclo Do Ano Lectivo 2008/2009*. Porto: Agrupamento de Escolas Ramalho Ortigão.

Exupéry, Antoine. (1946). *O Príncipezinho*. França: Éditions Gallimard.

Fernandes, Natália (2005). *Infância e Direitos: Participação das Crianças nos Contextos de Vida – Representações, Práticas e Poderes*. Braga: Universidade do Minho.

Fernandes, Natália (2006). A Investigação Participativa No Grupo Social Da Infância. In *Currículo sem Fronteiras v.6, n.º1* (pp.25-40).

Fernandes, Luis & Ramos, Alexandra. (2010). Exclusão Social E Violências Quotidianas Em “Bairros Degradados”: Etnografia Das Drogas Numa Periferia Urbana. In *Revista Toxicodependências v. 16, n.º2* (pp.15-27).

- Frey, Klaus & Duarte, Fábio (2006). Auto-Segregação E A Gestão Das Cidades. In *Ciências Sociais Em Perspectiva (5) 9*. (pp.109-119).
- Gonçalves, António. (2006). Estruturas Espaciais E Práticas Sociais: O Caso Da Cidade Do Porto. In Balsa, Casimiro. *Relações Sociais De Espaço*. (pp.121-136). Lisboa: Edições Colibri.
- Graue, M. Elizabeth & Walsh, Daniel. (2003). *Investigação Etnográfica com Crianças: Teorias, Métodos e Ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grafmeyer, Yves. (1994). *Sociologia Urbana*. Portugal: Publicações Europa-América.
- Gros, Marielle Christine. (1994). Pequena História Do Alojamento Social Em Portugal. In *Sociedade E Território, Revista De Estudos Urbanos E Regionais, n°20*. (pp.80-90).
- Ginsburg, Kenneth. (2007). The Importance Of Play In Promoting Healthy Child Development And Maintaining Strong Parent-Child Bonds. In *PEDIATRICS v. 119, n°1* (pp.182-191)
- Guerra, Isabel. (1994). As Pessoas Não São Coisas Que Se Ponham Em Gavetas. *Sociedade E Território, Revista De Estudos Urbanos E Regionais n°20* (pp.11-16).
- Guerra, Paula. (2002). Contextos De Vivência No Bairro Do Cerco Do Porto: Cenários De Pertenças, De Afectividades E De Simbologias. In *Actas Dos Ateliers Do V Congresso Português De Sociologia: A Cidade Na Encruzilhada Do Urbano - Algumas Modalidades De Relação E Um Estudo De Caso Acerca Do Processo De Recomposição Social E Espacial Do Tecido Urbano Portuense Na Década De 90*. Porto.
- Horta, Ana Paula Beja. (2007). *Sociologia Urbana*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Istanbul Declaration On Human Settlements (1999). *General Assembly Resolutions 51/177 of 16 December 1996 and 53/242*. Istanbul. Consultado em Março 20, 2011: http://ww2.unhabitat.org/declarations/Istanbul_Declaration.pdf.
- Lefebvre, Henri. (1968). Le Droit À La Ville. *Société Et Urbanisme, v. 131-133-154-155*.

Leandro, Maria Engrácia, Xavier, Alexandrina Maria & Cerqueira, Susana Maria. (2000). A Reelaboração Das Sociabilidades Urbanas Familiares. O Caso Do Bairro Social Da Atouguia. *IV Congresso Português de Sociologia*. Jardim de Nóbrega, Braga: Universidade do Minho.

Lopes, Policarpo. (2006). Etnização Do Espaço E Produção De Identidade. In Balsa, Casimiro. *Relações Sociais De Espaço* (pp.137-152). Lisboa: Edições Colibri.

Malho, Maria João (2002). A Criança E A Cidade. Independência De Mobilidade E Representações Sobre O Espaço Urbano. *V Congresso Português de Sociologia*. Porto.

Malho, Maria João (2010). A Criança E A Cidade Independência De Mobilidade E Representações Sobre O Espaço Urbano. In *Noesis n°83* (pp.49-56).

Machado, Fernando Luís & Silva, Alexandre. (2009). *Quantos Caminhos Há No Mundo? Transições Para A Vida Adulta*. Cascais: Principia Editora.

Marchi, Rita. (2007). A Infância Não Reconhecida: As Crianças “De Rua” Como Atores Sociais. *Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia* (pp. 552-572). Florianópolis, Brasil: UFSC.

Moneti, Francesca. (2008). Como É Uma Cidade Amiga Da Infância?. In *La revista de CRIN (Red de Información sobre los Derechos del Niño (CRIN), n°22* (pp.16-21).

Mela, Alfredo. (1999). *A Sociologia das Cidades*. Lisboa: Editorial Estampa.

Marques, Teresa Sá, et al. (2008). *Relatório Preliminar de Avaliação Externa da IBC no Bairro do Lagarteiro*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas, Centro de Estudos de Serviço Social e Sociologia.

Marques, Teresa Sá, et al. (2008). *Lagarteiro, uma Intervenção Alicerçada na Participação*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas, Centro de Estudos de Serviço Social e Sociologia.

Nascimento, Nayana. (2007). A Cidade (Re)Criada Pelas Crianças - Muitas Cidades Possíveis Na Cidade De São Paulo. In Trindade, N. & Candeias, A.A. (eds.). *A Unicidade do Conhecimento V. Trindade* (pp.1-16). Évora: Universidade de Évora.

Neto, Carlos. (n.d.). *Jogo Na Criança & Desenvolvimento Psicomotor*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.

Neto, Carlos. (1997). Tempo E Espaço De Jogo Para A Criança: Rotinas E Mudanças Sociais. In Neto, Carlos (ed.). *Jogo & Desenvolvimento Da Criança*. (pp.10-22). Lisboa: Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa.

Neto, Carlos. (2000). O Jogo E Tempo Livre Nas Rotinas De Vida Quotidiana De Crianças E Jovens In *C.M.L.- Departamento de Acção Social. Seminário de Tempos Livres: A Criança, o Espaço, a Ideia* (pp. 11-20). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Neto, Carlos. (2001). A Criança E O Jogo: Perspectivas De Investigação. In Pereira, B. & Pinto, A. (eds). *A Escola e a Criança em Risco - Intervir para Prevenir* (pp. 31-51). Porto: Edições ASA.

Neto, Carlos. (2006). Crianças Precisam De Brincar Na Rua. *Diário IOL*. Consultado em Março 3, 2011: http://diario.iol.pt/noticia.html?id=698701&div_id=4071

Nunes, Alexandra. (2010). Rui Rio Inaugura Primeiros Hectares Do Parque Oriental Do Porto. *Rádio TSF*. Consultado em Março 4, 2011: http://www.tsf.pt/Paginalnicial/Portugal/Interior.aspx?content_id=1587557

Osterrieth, Paul (1975). *A Criança e a Família*. Brasil: Publicações Europa-América.

Pais, Machado, Carvalho, Clara & Gusmão, Neusa Mendes. (2008). *O Visual e o Quotidiano*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Pais, José Machado. (1999). *Traços E Riscos De Vida, Uma Abordagem Qualitativa A Modos De Vida Juvenis*. Porto: Ambar.

Peixoto, Paulo, et al. (2010). *Relatório Final de Avaliação Externa Intercalar da IBC no Bairro do Lagarteiro*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia, Centro de Estudos Sociais.

- Pereira, Beatriz & Neto, Carlos. (1999). Para Uma Bibliografia Sobre A Infância E As Crianças Em Portugal (1974-1998). In Pinto, Manuel & Sarmento, Jacinto. *Saberes Sobre As Crianças* (pp.85-107). Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Pereira, Ana Cristina. (2010). Lagarteiro, A Vida Mínima Num Bairro Do Porto. *Jornal Público*. Público Cidades, 6, pp.4-7.
- Pereira, Ana Cristina. (2010). Como O Porto Se Tornou Num Arquipélago De Bairros Sociais. *Jornal Público* 7,8,9. Público Cidades. Consultado em Março 4, 2011: <http://jornal.publico.pt/noticia/18-07-2010/como-e-que-o-porto-se-tornou-num-arquipelago-de-bairros-sociais-19814756.htm>.
- Pereira, Virgílio Borges (2003). Uma Imensa Espera De Concretizações... Ilhas, Bairros E Classes Laboriosas Brevemente Perspectivados A Partir Da Cidade Do Porto. In *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, XIII* (pp.139-148).
- Pereira, Virgílio Borges. (2009). State, Housing And The «Social Question» In The City Of Porto (1956-2006): An Analysis On The Making Of Doxa, Orthodoxy And Allodoxia. The (Re)Production Of State Housing Policies. In *ISA Housing Conference "Housing Assets, Housing People"*. Glasgow.
- Pinto, Teresa Costa. (1994). A Apropriação Do Espaço Em Bairros Sociais: O Gosto Pela Casa E O Desgosto Pelo Bairro. In *Sociedade e Território, Revista de Estudos Urbanos e Regionais, n°20* (pp.36-43).
- Queiroz, Maria Cidália & GROS, Marielle Christine. (2002). *Ser Jovem num Bairro de Habitação Social*. Porto: Campo das Letras.
- Qvortrup, Jens. (1998). *Crescer Na Europa – Horizontes Actuais Dos Estudos Sobre A Infância E A Juventude*. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Rasmussen, Kim. (2004). Places For Children – Children’s Places. In *Childhood v. 11* (pp.155-173).
- Ribeiro, José. (1979). O desenvolvimento do Porto e a Habitação dos Trabalhadores. In *Cidade/Campo (Cadernos da habitação do território) n°2* (pp.18-41).

Ribeiro, Susana & AMARAL, Rui Manuel. (1999). *Roteiro do Vale de Campanhã*. Porto: Fundação para o Desenvolvimento de Campanhã.

Sawhill, Isabel & Chadwick, Laura. (1999). Children in Cities: Uncertain Futures (pp.1-6). In *Center on Urban & Metropolitan Policy, Survey Series 1*. United States: The Brookings Institution.

Sarmento, Manuel Jacinto, Pinto, Manuel. (1997). *As Crianças, Contextos E Identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

Sarmento, Manuel Jacinto. (2000). Sociologia Da Infância: Correntes E Confluências. In *Cadernos do Noroeste. Série Sociologia v. 13, n° 2* (pp.11-39).

Sarmento, Manuel Jacinto. (2001). As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade. In Sarmento, Manuel Jacinto & Cerisara, A. B. (eds), *Crianças E Miúdos. Perspectivas Sócio-Pedagógicas Da Infância E Educação* (pp.9-34). Porto: Asa.

Sarmento, Manuel Jacinto (2003). Imaginário E Culturas Da Infância (pp.51-69). In *Cadernos de Educação, Revista da Faculdade de Educação da Universidade de Pelotas n°21* (pp.51-69).

Sarmento, Manuel Jacinto (2004). Infância, Exclusão Social E Educação Para A Cidadania Activa. In *Movimento, Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense) n°3* (pp.53-74).

Sarmento, Manuel Jacinto. (2006). *Conhecer A Infância: Os Desenhos Das Crianças Como Produções Simbólicas*. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

Sarmento, Manuel Jacinto, Fernandes, Natália & Tomás, Catarina. (2007). Políticas Públicas E Participação Infantil. In *Educação, Sociedade e Culturas n°25* (pp. 183-206).

Silva, Carlos & Silva, Susana. (2000). Práticas E Representações Sociais Face Aos Ciganos. O Caso De Oleiros, Vila Verde. *IV Congresso Português de Sociologia*. Jardim de Nóbrega, Braga: Universidade do Minho.

Silva, Manuel Carlos. (2006). Espaço E Sociedade: Alguns Elementos De Reflexão (pp.13-33). Balsa, Casimiro. In *Relações Sociais De Espaço*. Lisboa: Edições Colibri.

- Silva, Hugo. (2008). Futuro Do "S. João De Deus" Ainda Por Definir. *Jornal de Notícias*. JN Pais. (n.d.)
- Silva, Alexandre & Machado, Fernando (2010). Transições Para A Vida Adulta Entre Os Jovens De Um Bairro Social. In *Ousar integrar – Revista de Reinserção Social e Prova n°6* (pp. 29-41).
- Sirota, Régine. (2001). Emergência De Uma Sociologia Da Infância: Evolução Do Objecto E Do Olhar. *Cadernos De Pesquisa n°112* (pp.7-31).
- Sousa, Virgínia & Pimenta, Manuel. (2001). *Urban Do Vale De Campanhã - Relatório Final*. Porto: Fundação para o Desenvolvimento do Vale de Campanhã.
- Teixeira, Alfredo. (2006). Bairro Do Lagarteiro Vai Ter Um Programa Para Sair Da Degradação. *Jornal Diário de Notícias*. DN Cidades. Consultado em Fevereiro 10, 2011:
http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=633982&page=-1
- Topping, Keith. (2000). Tutoria. *Série Práticas Educativas – 5*. UNESCO: Academia Internacional de Educação, Departamento Internacional de Educação.
- Tranter, Paul J., Doyle & W. John. (1996). Reclaiming The Residential Street As Play Space. In *International Play Journal*. (pp.91-97).
- Velho, Gilberto. (2002). Dimensões Da Cultura Na Sociedade Moderno-Contemporânea (pp.35-47). In *Textos Da Conferência Internacional Cruzamento De Saberes, Aprendizagens Sustentáveis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Zeithner, Helga. (2001). Children's Islands In Space And Time: The Impact Of Spatial Differentiation On Children's Ways Of Shaping Social Life. In Bois-Reymond, Manuela & Sunker, Heinz (eds). *Childhood In Europe: Approaches, Trends, Findings*. (pp.139-160). Nova York: Peter Lang Publishing.

ANEXOS

Anexo I

1. Protocolo de Colaboração Crianças

Estudo sobre a infância no Bairro do Lagarteiro

Queres participar?

Assinala um círculo na resposta que escolheres.

Sim

Não

(assinatura)

Porto, 30 de Novembro de 2009

2. Protocolo de Colaboração Pais

Porto, 30 de Novembro de 2009

Exmo. (a) Sr. (a) Encarregado (a) de Educação,

Eu, Maria João Pinho Pereira, coordenadora do Clube de Jornalismo, venho por este meio pedir autorização a V.^a Ex.^a para poder desenvolver um trabalho de investigação com o seu educando _____, no âmbito do Curso Sociologia da Infância da Universidade do Minho.

Numa primeira fase será entregue uma máquina fotográfica descartável ao seu educando, com a qual vai registar um dia inteiro (semana e fim-de-semana), e numa segunda fase, com a minha ajuda, fará a recolha de imagens com uma câmara de vídeo.

Também serão realizadas entrevistas individuais ao educando.

Com os melhores cumprimentos,

Maria João Pereira

Tomei conhecimento do pedido para desenvolvimento de um trabalho de investigação com o meu educando _____ no âmbito do Curso Sociologia da Infância da Universidade do Minho e autorizo-o/não o autorizo (riscar o que não interessa) a participar nesse projecto.

O Encarregado de Educação: _____

Data: ___/___/____

Porto, 14 de Junho de 2010

Exmo. (a) Sr. (a) Encarregado (a) de Educação,

Eu, Maria João Pinho Pereira, coordenadora do Clube de Jornalismo, venho por este meio pedir autorização a V.ª Ex.ª para contar com a participação do seu educando

_____ num dia totalmente dedicado a filmar/fotografar o Bairro do Lagarteiro.

As filmagens/fotografias do Bairro terão lugar ao longo do dia 21 de Junho entre as 9h00/12h30 e as 13h30/17h30.

O ponto de encontro e de partida será a EB1/JI do Lagarteiro.

Com os melhores cumprimentos,

Maria João Pereira

Tomei conhecimento do pedido para participação num dia de filmagens/fotografias, no Bairro do Lagarteiro, com o meu educando

_____ e autorizo-o/não o autorizo

(riscar o que não interessa) a participar neste projecto.

O Encarregado de Educação: _____

Data: ___/___/_____

3. Protocolo de Colaboração Agrupamento de Escolas Ramalho Ortigão

Porto, 30 de Novembro de 2009

Exmo. Senhor Presidente do Conselho Directivo do Agrupamento de Escolas Ramalho Ortigão,

Maria João Pinho Pereira, coordenadora do Clube de Jornalismo e aluna do segundo ano de mestrado em Sociologia da Infância da Universidade do Minho, pretende solicitar a autorização de V.^a Ex.^a para desenvolver um trabalho de investigação, com a turma 4º C, da EB1/JI do Lagarteiro, no âmbito da Dissertação 'A infância no Bairro do Lagarteiro'.

Informo que toda a informação recolhida é anónima e serve exclusivamente para este fim académico.

Pede deferimento,

Maria João Pereira

Porto, 30 de Novembro de 2009

Exma. Senhora Professora,

Maria João Pinho Pereira, coordenadora do Clube de Jornalismo e aluna do segundo ano de mestrado em Sociologia da Infância da Universidade do Minho, solicita a autorização de V.^a Ex.^a para desenvolver um trabalho de investigação, com a turma 4º C, no âmbito da Dissertação 'A infância no Bairro do Lagarteiro'.

Informo que a informação recolhida é anónima e serve exclusivamente para este fim académico.

Pede deferimento,

Maria João Pereira

Eu, Marta Pais, titular da turma 4º C do 1º ciclo, autorizo/não autorizo a investigação acima mencionada.

(assinatura)

Porto, 30 de Novembro de 2009

4. Protocolo de Colaboração Projecto Iniciativa Bairros Críticos

Porto, 30 de Novembro de 2009

Exma. Senhora Chefe do Projecto Iniciativa Bairros Críticos,

Maria João Pinho Pereira, coordenadora do Clube de Jornalismo e aluna do segundo ano de mestrado em Sociologia da Infância da Universidade do Minho, solicita a autorização de V.^a Ex.^a para referenciar a Iniciativa Bairros Críticos no âmbito da Dissertação 'A infância no Bairro do Lagarteiro'.

Informo que a informação recolhida é anónima e serve exclusivamente para este fim académico.

Pede deferimento,

Maria João Pereira

Anexo II

Quadro IV – Categorias e Subcategorias de Análise

Categorias	Subcategorias
Representações	
Bairro do Lagarteiro	<ul style="list-style-type: none">- Definição de Bairro;- Representações positivas do Bairro do Lagarteiro;- Representações negativas do Bairro do Lagarteiro;- O que poderia ser melhor/diferente no Bairro do Lagarteiro;- Conceito de Bairro/Cidade;
Espaços	<ul style="list-style-type: none">- Espaços Frequentados:<ul style="list-style-type: none">- No Bairro do Lagarteiro;- Fora do Bairro do Lagarteiro;- Locais Frequentados fora do Bairro do Lagarteiro;<ul style="list-style-type: none">- Representações do Parque Oriental;- Locais Frequentados no Bairro do Lagarteiro:<ul style="list-style-type: none">- EB1/JI do Lagarteiro;- Locais de Brincadeira;- Representações positiva dos Espaços;- Representações negativas dos Espaços;- Ocupação dos espaços na EB1/JI do Lagarteiro;- Ocupação dos espaços em Casa;
Actores	<ul style="list-style-type: none">- Relações no Bairro do Lagarteiro;- Relações fora do Bairro do Lagarteiro;- Diferenças entre os Actores;
Quotidiano/Rotinas	<ul style="list-style-type: none">- No Bairro do Lagarteiro;- Para além do Bairro do Lagarteiro;- Em Casa;- Rotinas:<ul style="list-style-type: none">- Durante a semana;- Ao fim-de-semana;- Sazonais (períodos de férias, Verão, Inverno...);

Infância

- O que significa ser Criança;
- Representações positivas de ser Criança;
- Representações negativas de ser Criança;
- Ser criança no bairro do Lagarteiro;
- Principais brincadeiras na Rua;
- Principais brincadeiras em Casa;
- Representações dos Adultos;
- Representações/projecções de Futuro;

Problemáticas

- Perigos/riscos;
- Preocupações/tensões;
- Droga no Bairro do Lagarteiro;